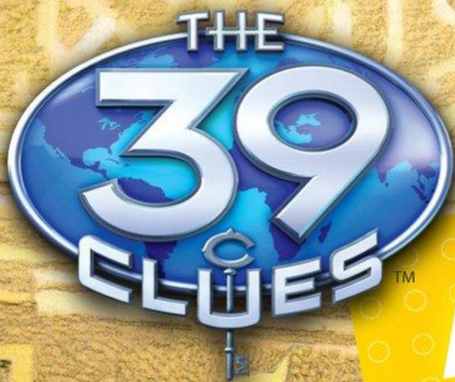


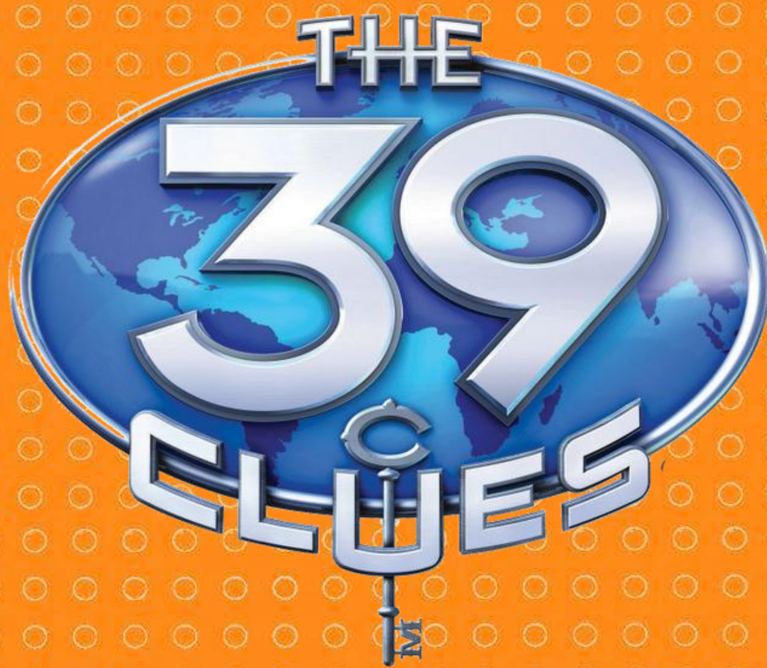
ALÉM DO TÚMULO

JUDE WATSON

LIVRO 4

editora ática

ALÉM DO TÚMULO



ALÉM DO TÚMULO

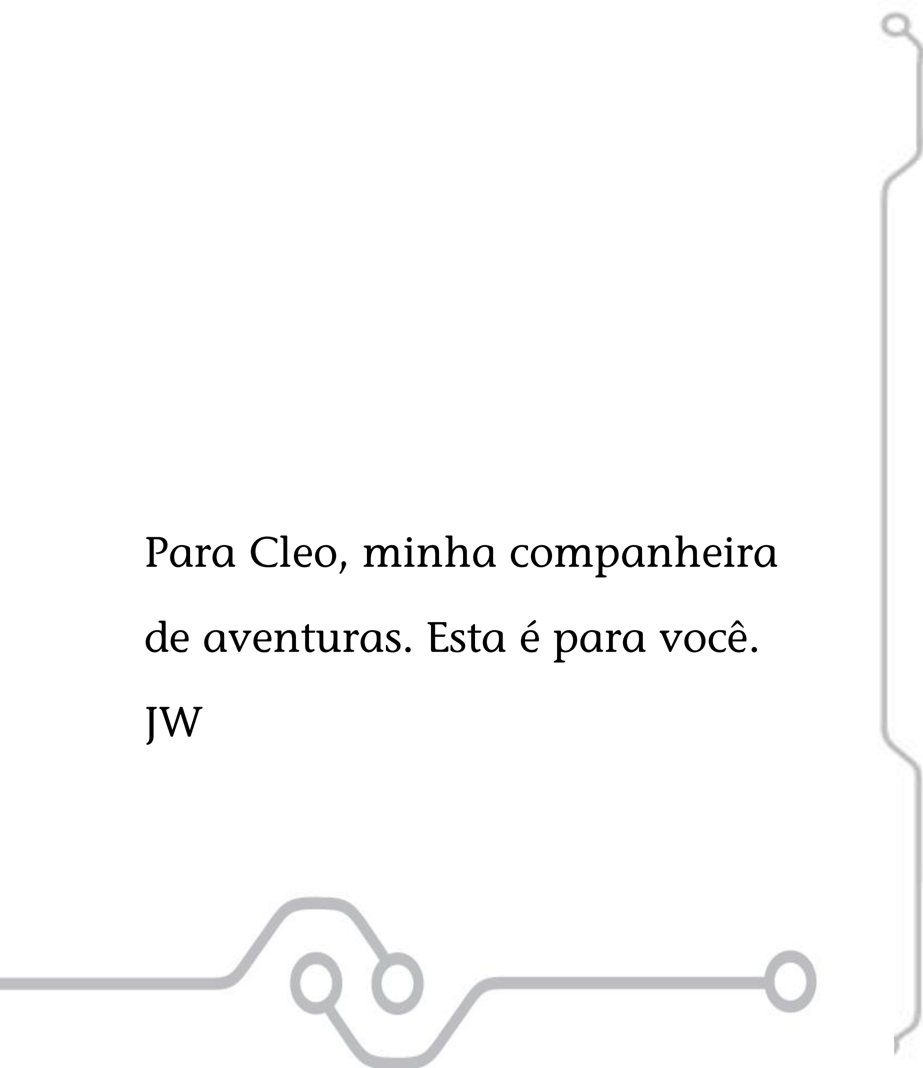
JUDE WATSON


O AR PARECIA SUSSURRAR QUE O
PASSADO ESTAVA MUITO VIVO...

Desilusão e mágoa. É o que Amy e Dan sentem quando chegam ao Egito à procura da próxima pista. Depois de grandes traições na Coreia do Sul, os irmãos cada vez mais entendem que estão sozinhos na caça às 39 pistas e não devem confiar em ninguém. Seguindo a dica da deusa Sakhet, eles desafiam o tempo e os mistérios do Cairo na busca pelo tesouro, mas antes encontram uma grande surpresa: uma mensagem da falecida avó Grace.

Com a ajuda da matriarca dos Cahill, Amy e Dan se arriscam e se aprofundam na caçada, cada vez mais difícil. Os inimigos continuam implacáveis, mas é a incerteza da lealdade daqueles que amam que vai envenenar seus corações.





Para Cleo, minha companheira
de aventuras. Esta é para você.
JW

CAPÍTULO 1

SE AMY CAHILL TIVESSE QUE FAZER UMA LISTA COM OS MAIORES problemas dos irmãos de 11 anos, o costume de desaparecer seria o número um.

Ou talvez o primeiro lugar ficasse com o fato de eles simplesmente existirem.

Isso sem falar naquele lance de dizer o alfabeto inteiro com arrotos...

Amy estava parada no meio do mercado Khan-el -Khalili no Cairo, olhando freneticamente de um lado para o outro, tentando encontrar o irmão, Dan. A diferença de fuso horário estava atrapalhando o funcionamento normal do seu cérebro. Dan estava bem ao lado dela um minuto atrás. Então ela se virou por dois segundos para comprar um lápis da rainha Nefertiti e, quando se voltou, ele já tinha sumido.

O ar estava tomado pelo calor, pela música e pelos gritos dos vendedores. Bandeirolas brilhantes tremulavam ao alto. Turistas circulavam pelas ruas, carregando as mochilas no peito para protegê-las dos batedores de carteira e parando para tirar fotos a cada minuto. Uma mulher de lenço na cabeça contornava uma fileira de cadeiras turquesa seguindo seus dois filhos. Um homem equilibrava um caixote cheio de laranjas na cabeça, segurando-o com só uma das mãos. Uma turista com boné de beisebol e uma camiseta em que

se lia O EGITO É UM AGITO passou por Amy, com uma câmera na frente do rosto.

Amy sentia o calor como ondas batendo em sua pele. Só esperava que não desmaiasse no meio daquela profusão de cores, rostos distorcidos e barulhos estranhos que castigavam seus ouvidos. Ela nunca gostara de multidões, e o Cairo parecia ter inventado o conceito da palavra muvuca.

Ela se voltou para trás, protegendo a pochete com a mão. A *au pair,* Nellie Gomez, estava logo à frente, em um beco, pechinchando com o vendedor de especiarias; Amy viu só de relance seu cabelo doido, metade loiro, metade preto.

Menos de uma hora atrás eles estavam num táxi, indo do aeroporto para a cidade do Cairo. Então, quando o taxista casualmente apontou para fora da janela e disse: “O mercado de Khan começa aqui, muito bom lugar”, Nellie de repente gritou: “Pare!” Antes de se darem conta do que estava acontecendo, eles já estavam no meio do mercado, com as malas e a gaiolinha do gato. Saladin miou com fúria quando Nellie prometeu: “ Dez minutos, é só disso que eu preciso, e depois vamos direto pro hotel... Legal! Sementes de cardamomo!” Para Nellie, cada cidade que conhecia significava uma nova oportunidade de conseguir comidas.

Finalmente, Amy avistou Dan no meio da multidão. Ele estava com a cara quase colada na vitrine de uma loja abarrotada de souvenirs. Ele parecia estar fascinado por um apontador do rei Tutancômon, mas também podia ser pela lanterna em formato de múmia.

Enquanto Amy atravessava a rua, Dan sumiu e reapareceu várias vezes em meio à multidão em movimento. O sol quente ofuscava a visão dela. Amy torcia para que o futuro lhe reservasse um bom ar-condicionado.

A turista com a camiseta O EGITO É UM AGITO foi chegando mais perto de Dan. Ela baixou seus óculos de sol de armação branca até a ponta do nariz. Uma sirene, ainda em volume baixo, disparou dentro de Amy. Um homem de chapéu de palha atrapalhou sua visão, mas ela se esquivou para o lado.

A turista dobrou o dedo indicador, como se estivesse com cãibra. O sol quente reluziu em alguma coisa que brotava de sua unha.

— Dan! — gritou Amy. A música e os gritos dos vendedores — *Cinco dólares, cinco dólares!* — abafaram sua voz. Ela passou correndo por um homem que balançava uma dúzia de bolas de futebol em cores berrantes dentro de uma rede.

A agulha despontava do dedo dobrado da turista. Dan chegou mais perto da vitrine...

— Dan! — ela gritou outra vez. Mas apenas mentalmente. Sua voz saiu como um gemido abafado.

Amy se jogou para a frente. No último segundo, ela estendeu a mão. A agulha cravou-se no lápis da rainha Nefertiti e ficou presa.

Por um breve instante, tudo o que Amy conseguiu fazer foi observar o metal cintilando ao brilho do sol. Em câmera lenta, uma gota de algum veneno mortífero caiu da ponta da agulha e atingiu o chão empoeirado.

Amy olhou para o rosto de Irina Spasky. Ex-agente da KGB. Espia. Prima.

Irina teve um espasmo no olho esquerdo.

— *Blin* — xingou em russo. Ela chacoalhou a mão, mas a agulha continuou presa no lápis.

O vendedor veio correndo:

— Moça bonita, o lápis gostou de você. Veja, tenho mais lápis pra você!

Irina virou-se para ele com um olhar feroz:

— Não quero seus lápis cafonas, seu vendedor de tranqueiras!

Amy e Dan não esperaram nem mais um segundo. Dan atravessou a multidão como um raio e Amy seguiu atrás dele na mesma velocidade.

Disparando pelo labirinto de becos sinuosos, eles correram até as pernas latejarem e os pulmões ficarem sem ar. Depois de um tempo, pararam um pouco e tentaram recuperar o fôlego. Quando olharam em volta, Amy percebeu que estavam perdidos. Completa, estúpida e irreversivelmente perdidos.

— Nellie deve estar procurando a gente — ela disse verificando o celular. — Não tem sinal. Vamos ter que encontrar o caminho de volta.

— E espero que a gente não trombe com a camarada Irina — respondeu Dan. — Não faço a menor questão dessa reunião em família.

Àquela altura do campeonato, eles já estavam acostumados a encontrar parentes com intenções hostis. Poucas semanas antes, tinham passado maus bocados com a morte da avó. Depois que seus pais haviam morrido, Grace tinha se tornado a pessoa mais importante na vida de Amy e Dan. Mesmo não morando com ela, os dois passavam os fins de semana em sua mansão, perto de Boston, e ela também os levava para viajar nas férias de verão. Quando Grace morreu, de câncer, pareceu que haviam lhes tirado o chão.

Mas aquela tinha sido apenas a primeira de muitas surpresas chocantes ainda por vir.

Grace tinha convidado os quatro clãs da família Cahill para a leitura de seu testamento. Em um vídeo, ela deu a todos duas opções. Sair dali com 1 milhão de dólares no bolso ou participar de uma busca por 39 pistas e tornar-se a pessoa mais poderosa do mundo. Embora o milhão de dólares parecesse um ótimo negócio, Amy e Dan, no fundo, não haviam hesitado. Sabiam que Grace ia querer que eles aceitassem o desafio. Para a avó, não havia a opção do caminho mais simples.

Decidir tinha sido fácil. O difícil era cumprir a decisão. A antiga Amy achava que o lema "jogar para vencer" significava Courtney Catowski, a capitã do time de vôlei, dar uma cortada bem em cima da sua cabeça. Agora ela sabia o que era uma competição de verdade. Pessoas como Irina jogavam pra valer. A ex-espiã russa estava disposta a drogá-los, raptá-los ou até matá -los se necessário.

Eles começaram a andar. Amy tinha a sensação de que caminhavam em círculos. Como num sonho em que se corre, corre e não se chega a lugar algum. Ontem ela estava em Seul, na Coreia. Antes disso, em Tóquio e Veneza. Viena e Salzburgo, na Áustria. Paris. Filadélfia. Até na Rússia eles tinham feito escala num aeroporto particular.

Ela nunca tinha tido tantos segredos antes.

Nunca tinha imaginado que poderia sentir tanto medo.

Nunca havia cogitado que poderia ser tão corajosa.

Poucos dias antes, em Seul, Dan e ela quase foram enterrados vivos. Abandonados à morte por pessoas em quem ela tinha confiado. Natalie e lan Kabra... ela não queria mais pensar neles. Não queria lembrar de como ele

tinha segurado sua mão e dito que juntos poderiam formar uma grande aliança. A aliança tinha durado algumas horas, até ele achar uma oportunidade de deixá-la morrer.

Não. Pensaria. Em. lan.

Depois, eles descobriram que o único parente em que quase confiaram, seu tio Alistair Oh, também os ludibriara. Faz-se de morto, quando obviamente estava vivinho da silva.

O que os havia feito cruzar o espaço aéreo internacional até a cidade do Cairo era apenas uma dica, nada mais que isso. Mas eles estavam acostumados a se agarrar às dicas e extrair delas tudo o que conseguissem. O formato de uma pirâmide e um nome. Sakhet. A deusa egípcia com cabeça de leão. Amy tinha comprado vários livros antes de eles partirem da Coreia e pesquisara sobre a deusa, mas ainda não sabia por que eles tinham sido mandados para lá... nem o que exatamente estavam procurando.

Amy sentiu o suor escorrer em riachos por baixo da camiseta. A temperatura estava quase em 35 graus. Seu cabelo grudava na nuca. Ela pensou em lan, que parecia estar sempre arrumado, em qualquer circunstância.

Não. Pensaria. Em. lan.

O barulho comprimia seus ouvidos, uma cacofonia exótica de buzinas, vendedores gritando, celulares tocando e alguém berrando por cima disso tudo:

— Anda logo, sua palerma!

Opa. Aquela voz não era tão exótica. Era Dan.

Espiã russa logo à frente, se aproximando pela lateral! — ele sussurrou.

Irina ainda não tinha visto Amy e Dan. Estava concentrada demais procurando os dois. Avançava do outro lado da rua, espiando dentro das lojas, como um animal farejando a caça.

Amy puxou Dan para dentro de um café. Homens ocupavam as mesas, bebendo chá e conversando em voz baixa ou lendo jornais. Turistas folheavam seus guias de viagem e bebiam suco. Quando Amy se espremeu para passar, sua volumosa mochila bateu num cavalheiro corpulento, sentado com um copo de chá de menta na mão. A bebida entornou sobre o terno branco.

Todos os olhares no café se voltaram para Amy. O tec-tec de um jogo de gamão parou. Ela sentiu seu rosto ficar vermelho. Odiava ser o centro das atenções em qualquer circunstância, principalmente quando tinha feito alguma trapalhada.

— D-d-desculpa! — Amy gaguejou. A gagueira se manifestava quando ficava nervosa. Ela detestava aquilo. Tentou limpar a bagunça.

—Tudo bem, mocinha, não se preocupe. — O homem deu um sorriso simpático e acenou para o garçom. — apenas chá.

Nas paredes, pesados espelhos antigos refletiam a cena. Amy viu seu próprio rosto vermelho, suas mãos trêmulas, os olhares dos clientes.., e a porta se abrindo. Nem a roupa de turista nem os óculos escuros de aro branco conseguiam disfarçar o ar militar de Irina ao entrar no café, como se estivesse inspecionando todos, à procura de defeitos.

E, em exatamente três segundos, o olhar dela ia pousar sobre eles.

CAPÍTULO 2

O HOMEM GORDUCHO SE LEVANTOU, DANDO-LHES COBERTURA POR um instante. Dan aproveitou a chance. Esquivou-se atrás de uma cortina grossa, puxando Amy consigo. Eles foram parar num corredor curto que levava a uma porta lateral e saíram correndo por ela.

A porta dava para um beco ainda menor, que serpenteava por trás das lojas. Sabiam que Irina ia aparecer ali em segundos. Desviaram de uma carroça com uma pilha alta de caixas e assustaram um homem que dormia ao sol. Vendo a porta dos fundos de uma loja, entraram correndo e deram num depósito. Era um lugar escuro e empoeirado. O peito de Dan começou a chiar.

— Use a bombinha — disse Amy.

— Está... na... mala... da Nellie — ele respondeu ofegante. Odiava aquela sensação: como se alguém estivesse esmagando seus pulmões. E sempre acontecia nos piores momentos.

— Ótimo lugar pra deixá-la. Vamos.

Amy rapidamente puxou Dan para fora do depósito empoeirado, entrando na loja. Era um lugar claro e arejado. Do teto pendiam roupas de dança do ventre, cobertas de lantejoulas.

—Bem-vindos! Estão procurando uma linda roupa? Eu dou desconto!

— Essa cor não fica bem em mim! Mas valeu! — Dan gritou enquanto saía correndo da loja.

Eles seguiram por uma rua tortuosa, depois por outra. Por fim, Amy mandou pararem.

— Despistamos ela.

— Por enquanto. — Dan agarrou a irmã pelo cotovelo. — Amy, olhe.

A poucos metros dali, viram uma placa: SAKHET.

Numa vitrine com cortinas vermelhas que lembravam as de teatro, havia uma única estátua. Era feita de pedra azul, com uma cabeça de leão que se erguia num porte orgulhoso.

Amy e Dan trocaram olhares. Sem dizer uma palavra, empurraram a porta e entraram na loja. Avançaram reto, em direção à estátua de Sakhet. Obviamente era muito antiga. A superfície estava gasta e faltava uma das orelhas de leão.

O dono da loja veio depressa, um homem magro e afobado, de calça preta e camisa branca.

— Estão interessados? Ela é linda. Autêntica, não é réplica. Já fez parte do tesouro napoleônico — se apressou em dizer. — Vocês têm excelente olho.

— Napoleônico? Mas por que ele está falando de sorvete pra gente? — Dan perguntou.

Amy revirou os olhos.

— O sorvete eu não sei, mas seu cérebro está derretendo. Você está pensando em napolitano, tonto. Napoleônico vem de Napoleão, o imperador da França. Ele conquistou o mundo, lembra? Vimos um retrato dele na base secreta dos Lucian lá em Paris. Ele é um Cahill. Um dos nossos antepassados.

O clã Lucian da família Cahill tinha um impressionante talento para traçar estratégias. Se bem que, com o passar do tempo, suas forças haviam diminuído e agora se reduziam às trapaças asquerosas de lan e Natalie Kabra e de Irina Spasky, a russa maluca.

— Se Napoleão tiver escolhido justo esta Sakhet, ela pode ser importante — disse Dan.

— Não pode ser tão fácil — respondeu Amy.

— Por que não? Se todo o resto foi tão difícil... — argumentou Dan.

O vendedor levantou a voz, tentando atrair de volta a atenção deles.

— Vejo que vocês estão fascinados. Sim, Napoleão possuía muitos tesouros. Alguns voltaram para a França, outros ficaram aqui. — Ele pôs a mão na estátua e a acariciou. — Seus pais estão com vocês? Eu faço o melhor preço. Tenho a melhor loja de todo o Cairo.

— Não, obrigado — disse Dan. Em Boston, ele era colecionador. Sabia que o melhor jeito de pechinchar era fingir desinteresse. — Vamos, Amy. Vamos continuar procurando. Por que uma coisa que pertenceu a Napoleão estaria no Egito, afinal?

— Napoleão invadiu o Egito em 1798 — disse Amy.

— Ah, a mocinha é boa de história. Eu ficaria muito orgulhoso se esta estátua passasse a suas brilhantes mãos. Pegue. — Ele deu a estátua a Amy.

Era estranho tocar numa coisa tão antiga. Uma coisa em que Napoleão tocara! De vez em quando ela sentia uma onda de entusiasmo com a ideia do seu próprio DNA se encadeando feito uma corrente, seguindo uma linha que levava a uma porção de pessoas extraordinárias. Napoleão!

— Só 2 mil — ele disse.

Amy deu um pulo.

— Dois mil dólares?

— Pra você, 1.500. Um homem do Museu do Cairo está interessado nesta peça. Vai voltar às quatro.

— Isso eu duvido, Abdul.

Amy virou-se. Tinha notado o moço alto e loiro olhando mercadorias na outra parte da loja. Não tinha percebido que ele se aproximara. Era um homem de vinte e poucos anos, vestindo camiseta, shorts cáqui e sandálias. Seus olhos eram de um verde vívido que contrastava com seu bronzeado.

— A não ser que ele esteja procurando um badulaque pra pôr no chaveiro — o rapaz disse com um sotaque britânico.

Ele tomou a Sakhet das mãos dela.

— Eu diria que esta peça foi feita em... 2007, talvez, Abdul?

— Com certeza você está enganado, Theo — afirmou o vendedor, dando um sorriso de constrangimento. — É autêntica, eu garanto...

— Garantias à parte, acho que você está tentando pregar o velho golpe da antiguidade falsa nesses dois jovens — retrucou o homem chamado Theo.

— Ele falou que a estátua pertenceu a Napoleão — disse Dan.

— Talvez — concordou Theo. — Mas só se for o seu Napoleão, dono da sorveteria da esquina.

— Viu só como ele estava falando de sorvete? — Dan provocou Amy.

— Na verdade, ele estava querendo botar você numa fria — brincou Theo. — Vocês gostariam de ver o resto da loja?

— Não precisa — Abdul logo interrompeu. — Vejo que não tenho o que vocês querem. Talvez na loja ao lado encontrem o que estão procurando. É hora do meu chá, por isso...

Theo passou pelo homem e abriu uma cortina pesada. Havia vários trabalhadores debruçados sobre uma mesa comprida. Amy ficou nas pontas dos pés quando o dono da loja tentou impedir sua visão. Os homens usavam escovas de aço e lixas em várias estátuas parecidas com a Sakhet. lixando-as e escovando-as para lhes dar uma aparência envelhecida.

Abdul deu de ombros.

— Ei, preciso pagar minhas contas — justificou.

— Tudo bem, Abdul... O que os olhos não veem, o coração não sente — disse Theo.

Naquele exato instante, Dan agarrou o braço de Amy. Trina estava espiando pela vitrine, cobrindo os olhos com a mão.

Theo percebeu o susto deles.

— Quem é? Sua mãe?

— É uma mulher da nossa excursão. Uma mala sem alça — respondeu Amy.

— Sempre seguindo a gente — explicou Dan. — Tem algum outro jeito de sair daqui?

— Aprendam uma coisa sobre mim — disse Theo.

— Eu sempre sei onde fica a porta dos fundos.

O sino de latão na porta da frente repicou enquanto eles passavam pela cortina e fugiam pela parte de trás da loja.

Dessa vez foi mais fácil. Tudo o que precisaram fazer foi seguir Theo. Ele avançava depressa, com agilidade, atravessando o labirinto de ruelas estreitas. Por fim, pararam para descansar perto dos arcos que marcavam a entrada do mercado.

— Acho que vocês estão salvos — disse Theo. — Querem que eu peça um táxi pra levá-los de volta pro hotel?

— Perdemos nossa *au pair*— explicou Dan. — É melhor a gente encontrá-la. Hã, onde estamos?

— Primeiro me digam, onde vocês a deixaram?

Amy franziu a testa.

— Perto das especiarias...

— Certo, isso facilita um pouco. Lembram mais alguma coisa?

Dan fechou os olhos.

— Uma placa amarela com letras árabes marrons. Três fileiras de cestos de especiarias, castanhas em baldes verdes. Vendedor com bigode e uma verruga na bochecha esquerda. Do lado, uma banca de frutas, um cara magro de chapéu vermelho gritando Romãs!

Theo ergueu a sobrancelha para Amy.

— Ele é sempre assim?

— O tempo todo.

Mais uma vez seguiram Theo pelo mercado, de olhos bem abertos à procura de Irina.

— Você mora aqui? — Amy perguntou enquanto abriam caminho pela multidão.

— Fiz faculdade na Inglaterra, mas voltei quando terminei e nunca mais saí.

— Você sabe mesmo andar por aqui — disse Amy.

— Eu trabalhava como guia turístico — explicou Theo. Ele sorriu para ela e Amy de repente percebeu que o moço era realmente bonito.

Nellie estava fumegando de raiva em frente à barraca onde eles a haviam deixado. Uma sacola, abarrotada de pacotes, pendia de seu pulso. A mala de Dan estava aos pés dela e a sua própria estava empilhada em cima, além da

bolsa que eles haviam pegado emprestado de Alistair. Saladin, o gato, miava dolorosamente em sua gaiolinha. Ela foi andando na direção deles, furiosa.

— Onde vocês se meteram? Achei que tinham sido sequestrados! — De repente, Nellie bateu os olhos em Theo. Parou de falar na mesma hora. Deu uma boa conferida no moço, desde os fios loiros de seu cabelo até os dedos de seus pés bronzeados.

— Ora, ora... Olá, Indiana Jones — ela ronronou, numa voz parecida com o ruído que Saladin fazia quando via um filé de salmão na sua vasilha de comida.

Enquanto Amy e Dan estavam perdidos, Nellie tinha feito compras. Por cima de sua camiseta preta havia um leve pano lilás, que ela enrolara em volta do corpo como uma túnica. Seus olhos agora estavam delineados com lápis preto e suas pálpebras tinham sido coloridas com pó dourado. Pulseiras de contas cobriam seu braço do pulso ao cotovelo. Ela parecia prestes a fugir para um harém do hip-hop.

— Ora, ora... Olá, Mary Poppins — Theo respondeu com um sorriso.

— Que perspicaz. Eu sou mesmo praticamente perfeita em todos os sentidos. — Ela estendeu a mão. — Sou Nellie Gomez.

— Theo Cotter.

Dan revirou os olhos quando a mão de Nellie ficou segurando a de Theo por mais tempo do que levaria um aperto de mão comum. Nellie tinha mesmo ficado vermelha? Ele não achava que isso fosse possível.

— Theo nos salvou de comprar um valiosíssimo artefato antigo que foi feito ontem — disse Amy.

Theo deu de ombros.

— Infelizmente vocês toparam com uma das piores armadilhas para turistas. Posso mostrar algumas lojas que vendem artigos autênticos, se quiserem — respondeu, de olho em Nellie.

— Seria maravilhoso — Nellie concordou, como se Theo tivesse se oferecido para mostrar a ela os segredos do universo.

— Acho melhor a gente ir pro hotel — emendou Amy. Theo parecia legal, mas por que eles deveriam confiar nele? Além disso, não havia tempo a perder. Antes de partir de Seul, tinham encontrado um cartão do programa de

milhas no quarto de Alistair. Dan o havia pegado e eles o usaram no aeroporto para reservar um quarto num hotel de luxo chamado Excelsior. Amy estava ansiosa para se instalar e decidir qual seria o próximo passo. Tudo estava acontecendo rápido demais.

Theo pegou algumas das sacolas de Nellie.

— Você está interessada em Napoleão, certo? — perguntou para Amy. — Você sabia que, quando ele invadiu o Egito, trouxe junto estudiosos, arqueólogos e artistas para estudar o país?

Ah, isso é tããão, típico de um Lucian, pensou Dan.

— A casa onde esses estudiosos moravam é hoje um museu. Eu conheço o curador de lá.

O-Oh, pensou Dan. Assim que ouviu a palavra museu, a irmã começou a salivar. Era como sacudir na cara dela um brownie com cobertura dupla de brigadeiro.

—É aqui perto? — Amy perguntou, empolgada. Talvez o hotel pudesse esperar um pouco. Se a casa da expedição de Napoleão ainda estava lá, talvez pudessem achar alguma coisa que os conduzisse a uma pista.

— Nada é muito longe aqui no Cairo — Theo respondeu. — É a Casa Sennari. Fica logo ali na Haret Monge.

— Claro. A Haret Monge, logo ali. A gente sabe disse Dan.

— Vamos, vou chamar um táxi pra gente.

Theo foi andando na frente, conduzindo-os para uma rua tumultuada do centro da cidade. Dan não entendeu como era a divisão de faixas naquela via larga. Os carros se enfiavam em espaços minúsculos, davam fechadas em caminhões, aceleravam no sinal vermelho e seguiam colados em ônibus, tudo acompanhado de uma sinfonia de buzinas e berros. Amy, Dan e Neilie trocaram olhares. Não faziam ideia de como achar um táxi naquele pandemônio.

Theo andou com calma até o meio da rua, levantou a mão e um táxi parou, cantando pneu.

— Viram só? — Nellie ficou abobada. — Ele é mesmo o Indiana Jones,

CAPÍTULO 3

QUANDO CHEGARAM À CASA SENNARI, THEO JOGOU UM MAÇO DE notas para o taxista e falou umas poucas palavras em árabe.

— *Bakshish* — ele disse.

— Saúde — Dan respondeu.

Theo sorriu.

— Não, *bakshish* quer dizer “gorjeta”. Agora ele vai esperar a gente.

Theo avançou para andar ao lado de Nellie, e Dan virou-se para Amy.

— Não que eu não esteja superempolgado com a ideia de ir em mais outro museu, mas o que a gente está procurando exatamente?

— Não sei — Amy admitiu.

— Essa ligação com Napoleão parece meio... hã... frouxa, não?

— Eu sei. Não é muita coisa. Mas a gente não tinha muita informação na Filadélfia, nem em Paris, Viena, Salzburgo, Veneza, Tóquio e Seul. Mesmo assim conseguimos encontrar pistas. Sabemos que Napoleão era um Lucian. Achamos que tem uma pista no Egito. Por isso, se ele encontrou essa pista, ou se encontrou alguma coisa, talvez tenha deixado uma dica para os Lucian aqui.

— Ia mesmo ser divertido roubar uma coisa bem debaixo do nariz da camarada Irina — Dan admitiu.

Theo insistiu em pagar os ingressos. Eles passaram por uma porta pequena e deram num pátio. Pequenas tamareiras e arbustos com flores vermelhas criavam um efeito refrescante, apesar da falta de sombra. Havia uma fonte no centro.

— A Casa Sennari foi construída em 1794 - Theo explicou. — É um exemplo da arquitetura residencial islâmica clássica, erguida em volta de um pátio central, chamado *sahn*. Acredito que estão aqui algumas das mais belas telas *mashrabiya* do Cairo.

— São as telas de madeira entalhada nas janelas — disse Amy, apontando.

— Os estudiosos trazidos por Napoleão criaram a egiptologia no Ocidente — continuou Theo. — Depois que seus escritos foram publicados, começou uma febre de coisas egípcias em toda a Europa.

— Fascinante — disse Nellie.

— Ah, sim, interessantíssimo — Dan concordou, sarcástico. Nellie deu um pisão no pé dele.

— Eles costumavam ter uma exposição permanente da coleção pessoal de Napoleão muito tempo atrás, mas ela foi retirada em 1926— acrescentou Theo. — O prédio passou por reformas nos anos 1990. Agora eles têm belos exemplares de tecidos e cerâmicas.

Dan segurou a ponta da camiseta de Amy para que ela não seguisse os dois, que continuavam avançando. Se ele não tomasse uma atitude, Amy passaria horas num velho museu empoeirado, absorvendo informações completamente inúteis.

— Ei, temos um trabalho a fazer — ele a lembrou. — Por onde a gente começa?

— Acho que podemos dar uma volta e investigar as coisas que parecerem originais.

— Certo, não é exatamente o que se chama de um plano, mas já é alguma coisa.

Eles exploraram a casa toda, porém era difícil diferenciar o que fazia parte da estrutura original e o que havia sido consertado ou reformado. Por fim, eles encontraram uma antiga escadaria de pedra que levava de volta ao pátio.

— Os Lucian são todos uns pequenos Napoleões — resmungou Dan. — Olha o lan e a Natalie. Não passam de dois metidos com grana. E a camarada Irina? Uma metida com um tique no olho. E Napoleão? Era um metido com um exército.

— Obrigada pela palestra tão esclarecedora sobre as guerras napoleônicas, professor — Amy ironizou. — Olhe esses entalhes! Theo tinha razão. Essas telas são incríveis. E veja que lindos azulejos! — disse, passando a mão na parede.

— Você fala que nem o lan Kabra. Lembra quando ele admirou as esquadrias das janelas do tio Alistair?

A cara de Amy caiu no chão.

Ops... Ele tinha mencionado o nome. Toda vez que ele deixava escapar aquele nome, Amy fazia aquela cara de "buá-buá, meu hamster morreu". Era inacreditável que uma menina de 14 anos, quase normal, pudesse se apaixonar por um cara tão incrivelmente mala. Ele achava, ou pelo menos esperava, que sua irmã fosse um pouco mais esperta.

De repente, o olhar perdido de Amy se transformou em curiosidade. Ela apontou para um azulejo.

— Aquilo não parece familiar?

Dan agachou.

— É o brasão dos Lucian! — O brasão estava escondido dentro do desenho, mas ele o reconheceu. — É o único azulejo assim.

— Só pode ser alguma indicação para a pista! — Amy disse, empolgada. — Talvez tenha alguma coisa atrás dele.

Ela tentou empurrar o brasão, depois os cantos.

— Faz mais de 200 anos que isso está aqui — disse Dan. — Talvez precise de uma ajudinha.

Ele tirou um canivete do bolso e encaixou a lâmina na argamassa ao redor do azulejo.

— Se eu pelo menos conseguisse...

— Dan! Estamos num museu!

— *Jura?*

— Alguém pode ver!

— Bom, então é melhor você ficar de vigia — Dan resmungou enquanto empurrava o canivete. Ele sentiu o azulejo se soltando. Ouviu os passos de Amy se afastando. A irmã dele era tão certinha. Às vezes isso realmente atrapalhava.

Com jeitinho, ele pressionou a lâmina mais fundo e mexeu para os lados. Conseguiu enfiar os dedos atrás de um dos cantos e puxou com cuidado. O azulejo caiu bem em cima de sua mão. Atrás da parede havia agora um buraco estreito. Dan enfiou a mão lá dentro, torcendo para que encontrasse uma pista, e não um inseto egípcio rastejante e medonho. Porém, seus dedos tatearam uma coisa lisa e redonda. Ele puxou do buraco um fino tubo de couro.

— Posso saber o que você está fazendo?

Aquela voz retumbante quase fez Dan soltar o tubo. Ele o escondeu atrás das costas enquanto um egípcio de terno cinza gritava para ele da base da escada. O homem era corpulento, por isso não devia estar muito a fim de subir a escada até onde Dan estava. Ainda assim, parecia ser algum tipo de guarda do museu. E estava carregando um daqueles walkie-talkies, que sem dúvida conduziriam até ali brutamontes da segurança em questão de segundos.

Belo serviço de vigia, mana.

Dan ouviu os passos rápidos de Amy atrás do homem na escada.

— Hã, m-m-m... — ele ouviu a irmã gaguejar. Como de costume, o cérebro dela congelava diante de uma autoridade.

Mas Dan estava acostumado a lidar com adultos furiosos. Seu treinamento começara cedo com a professora da pré-escola, a senhorita Woolsey, e continuara com orientadores educacionais, professores de educação artística (viva a tinta em bisnagas!), diretores, o corpo de bombeiros de Boston... Aquele cara ia ser moleza.

Então, Dan lembrou-se de que estava em outro país. Com prisões. Será que eles prendiam crianças de 11 anos no Egito?

Os olhos do homem se estreitaram em sua direção.

— O que é isso na sua mão? — ele perguntou.

— Hã, caiu da parede. — Com uma das mãos, Dan mostrou o azulejo. Atrás das costas, sacudiu o tubo.

— Esses são os azulejos originais da casa! São frágeis!

— Pois é, justamente — Dan disse num tom sensato. Para seu alívio, sentiu Amy pegar o tubo de sua mão. — Caiu sozinho. — Ele ergueu o azulejo. — Quer pegar?

— Rapaz, nem pense em...

Dan jogou o azulejo no ar.

Ele teve tempo de admirar o salto que o homem deu, com o terror estampado no rosto, para agarrar o azulejo. Então, Dan subiu a escada correndo atrás de Amy.

— Você viu? — ele disse ofegante. — Aquele cara podia ser jogador de beisebol!

— Você sempre... acha tão divertido... quando a gente rouba... alguma coisa!

Eles ouviram passos pesados: outros guardas engrossavam a perseguição. Dobraram depressa à direita e seguiram em disparada por um corredor estreito. Dan entrou numa salinha, arrancou a tela de proteção da janela e subiu na grade da varanda.

— Não é muito alto — mostrou a Amy. — Além disso, agora você já deve estar ficando boa nisso.

— Eu não *quero* ficar boa nisso — respondeu Amy, rangendo os dentes enquanto passava uma perna por cima da grade. — Quero ser boa em pesquisar em bibliotecas. — Ela passou a outra perna por cima. — Em patinação. — Ela baixou o corpo pela lateral, segurando-se com os olhos fechados. — Assando brownies...

— Solte! — Dan gritou e Amy largou a grade. Ele soltou logo em seguida.

Dan sentiu o impacto do piso do pátio fazer seus tornozelos tremerem. Não esperava que fosse doer... tanto. Amy caiu no chão e rolou. Lançou para o irmão Um olhar amedrontado. Ele acenou com a cabeça, para avisar que estava tudo bem.

Lá em cima, gritaram alguma coisa em árabe. Dan não precisava de tradutor. Alguém com certeza estava muito bravo.

— O que vocês estão fazendo no chão? — Nellie perguntou enquanto saía de uma das salas que davam Para o pátio — Sabem onde fica o banheiro?

Sem responder, Dan e Amy correram na direção de Neilie, agarraram os braços dela e a arrastaram até a entrada.

Os guardas pularam no pátio e começaram a correr.

— Ah, não. Não acredito. De novo não. — Nellie resmungou.

—Depois você briga com a gente. Agora corre!

— Foi mal! Amamos seu lindo país! — Nellie berrou.

Os três saíram em disparada pela porta da frente enquanto os gritos ecoavam no pátio atrás deles. O táxi estava esperando, eles entraram depressa.

— Para onde? —_ perguntou o motorista, acordando assustado.

— Vai logo, vai, vai! — gritou Nellie.

— Vai, vai, vai! — o taxista gritou animado ao sentar o pé no acelerador, quase levantando voo. Adoro americanos!

CAPÍTULO 4

ASSIM QUE O TÁXI SE MISTUROU À FURIOSA CORRENTEZA DE veículos em uma rua principal e eles tiveram certeza de que não estavam sendo seguidos, Nellie disse ao motorista o nome do hotel. Então, se jogou no encosto do assento e deu um suspiro.

— Vocês dois ainda me pagam. Acabei de deixar minha alma gêmea esperando eu voltar do banheiro.

— Não se preocupe — disse Dan. — Você ainda tem aquele seu tempero, o caramono.

— *Cardamomo* — corrigiu Nellie.

— Nós vamos te compensar por isso — prometeu Amy. — Enfim, acho que encontramos uma coisa.

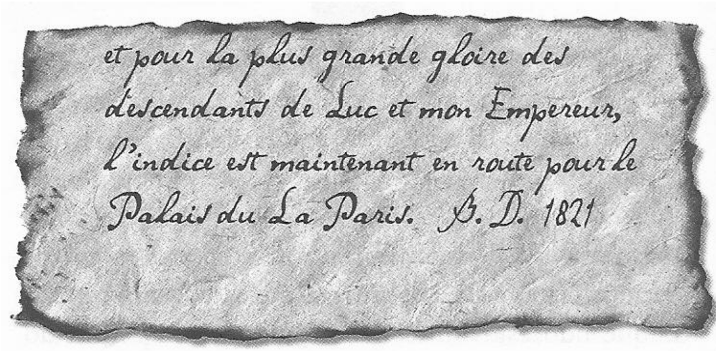
Amy mostrou o tubo de couro. Desenrolou as velhas fitas gastas e abriu a tampa. Virou o cilindro e sacudiu de leve. Eles prenderam o fôlego quando um pequeno fragmento de pergaminho enrolado caiu na palma da mão de Amy.

O pergaminho estava ressecado e esfarelando nas bordas. Era tão frágil que Amy temia que fosse se desintegrar com um sopro.

— Acho que é uma velha carta — ela disse. — Ou pelo menos parte de uma.

Ela desenrolou o papel devagar.

— Ah, não! Francês de novo? — Dan resmungou.



— Tradução? — Amy pediu a Nellie.

— "E para a grandíssima glória dos descendentes de Luc e de meu Imperador, a pista agora segue caminho para o Palácio do..." — Nellie parou de falar, baixando os óculos de sol para ler. — *"... du La Paris"?* Palácio do A Paris? Isso não faz sentido. A não ser que a letra L seja uma inicial.

— Então, quem pode ser esse L? — especulou Dan.

— Bom, teve um montão de reis da França que se chamaram Luís — Nellie respondeu. — Um deles perdeu a cabeça, mas ele tinha um palácio chamado Versalhes.

— De qualquer modo, alguma pista foi enviada pelos Lucian para algum palácio — concluiu Amy. — Mas quem será esse B.D.? — Ela deu um suspiro. — Eu esperava que fosse uma mensagem de Napoleão.

— Isso quer dizer que a pista está lá na França? — Dan perguntou.

Amy guardou o papel na pochete, com cuidado.

— Se a gente continuar procurando, mais cedo ou mais tarde isso vai fazer sentido.

Eles estavam tão absortos lendo a carta que nem notaram quando o táxi deixou a rua principal e entrou num bairro mais tranquilo. Palmeiras enfeitavam o boulevard. Flores brotavam em explosões de rosa e roxo.

— Uau! — disse Nellie, abrindo a janela do veículo e colocando a cabeça para fora. — Sinto o cheiro de gente rica.

O táxi entrou numa rua comprida e curva. Amy e Nellie levaram um susto e Dan gritou *Legal!* — quando o hotel surgiu diante deles.

Era uma vasta mansão branca. Longos gramados verdes estendiam-se até o pórtico da entrada. Um casal vestindo roupões felpudos caminhava num pátio lateral, em direção a uma piscina azul-turquesa e um garoto de uniforme foi correndo conduzi-los a uma cabine. Garçons contornavam as cadeiras, equilibrando bandejas com bebidas geladas. Do outro lado do Nilo, assomavam as grandes pirâmides de Gizé, surgindo como um sonho naquela atmosfera amarelada.

Nellie deu um assobio.

— Uau, estou pronta pra me acostumar com esse estilo de vida.

— Como vamos pagar um hotel desses? — perguntou Amy.

— Ainda temos o dinheiro que os Kabra me deram — Nellie respondeu. — Que agora nos pertence totalmente. Nós merecemos.

— Merecemos mesmo — concordou Amy, lembrando a traição de lan. O senhor Mclntyre, advogado de Grace, lhes dissera desde o começo: *Não confiem em ninguém*. Ela não devia ter esquecido aquilo nem por um instante. Em vez disso, tinha se perdido nos olhos escuros de lan e caído em sua lábia. *Burra. Muito burra, Amy*. Ela ia muito bem nas matérias da escola, mas em matéria de emoções da vida real só tirava zero.

— Mesmo assim, podemos torrar nossa grana rapidinho aqui — disse Nellie. Talvez a gente devesse ficar em outro lugar.

O táxi já estava parado em frente ao hotel. Um funcionário elegante correu para abrir a porta. Outro, para buscar a bagagem. Antes que pudessem protestar, foram conduzidos para fora do veículo e o carro já tinha ido embora.

O funcionário do hotel acomodou no carrinho suas mochilas maltrapilhas e malas surradas como se fossem bagagens delicadas. Ninguém olhou feio para suas camisetas e jeans amassados.

— Bem-vindos ao Hotel Excelsior — cumprimentou o primeiro funcionário. — Acompanhem-me, por favor.

Eles foram atrás do homem enquanto Nellie arrumava o cabelo, Amy ajeitava a camiseta e Dan tentava pegar sua mochila do carrinho.

Surgiram mais atendentes com largos sorrisos no balcão de recepção. Um cavalheiro magro e bonito acenou para que se aproximassem do balcão.

— Por favor, sejam bem-vindos ao Hotel Excelsior. Poderiam me informar em nome de quem está a reserva?

— Hã... — Nellie hesitou.

— Oh... — disse Dan.

—Oh?

— Oh — Dan afirmou.

— Sinto muito, a reserva não está aparecendo — o atendente explicou, consultando o computador. — Posso recomendar vários outros hotéis... Com licença — disse quando o telefone tocou. Sua postura ficou ainda mais ereta enquanto escutava por um momento. Olhou para eles, depois virou de costas e falou em voz baixa ao telefone.

— Ah, certamente, senhor. Vou providenciar imediatamente. — Desligou e voltou-se para a tela do computador. — *Oh*. É claro. A reserva do senhor Oh. Reservamos a suíte Assuã, como sempre.

— Suíte? — exclamou Amy.

— Com o tradicional desconto da família, é claro — ele acrescentou ao deslizar o formulário na direção de Nellie. — Queira assinar, por gentileza.

Amy espiou o preço. Para sua surpresa, não era muito mais caro que o pulgueiro onde tinham se hospedado em Paris. Nellie assinou o formulário e o atendente lhe entregou três cartões que serviam como chaves.

Ele esticou o braço para tocar o sininho.

— O funcionário vai lhes mostrar os aposentos.

— Desconto de família? — sussurrou Amy.

— Nós somos da família dele — disse Dan. — Tecnicamente.

— Essa família Cahill maluca de vocês se espalhou mesmo no mundo inteiro — observou Nellie, admirando os enormes vasos cheios de ramos floridos. — Por isso, tecnicamente, vocês têm parentes em todo lugar. Pensem em todos os hotéis cinco estrelas que a gente pode visitar. Basta arranjar os cartões dos programas de milhas...

— Xiu — Amy alertou quando eles entraram no elevador. O funcionário passou o cartão deles por uma abertura, depois apertou o 13.

Quando as portas do elevador se abriram, eles foram conduzidos até o corredor. Só havia uma porta.

— Cadê o resto dos quartos? — perguntou Nellie.

— A suíte ocupa o andar inteiro — o funcionário respondeu. — Acho que vocês vão gostar. — Ele passou o cartão na abertura. — Vocês também têm que usar o cartão no elevador. Só vocês têm acesso a este andar.

O funcionário abriu a porta e eles ficaram espantados. Janelas que iam do chão ao teto proporcionavam uma vista do Nilo e das pirâmides de Gizé do outro lado. Eles estavam numa sala de estar com uma poltrona, dois sofás, uma copa e uma escrivaninha. Quando o funcionário abriu a porta do dormitório, Dan praticamente dançou atrás dele.

— A gente tem três banheiros! — ele cantarolou.

NeIlie revirou a bolsa, tirou uma gorjeta e o funcionário sorridente partiu, fechando a porta suavemente. Assim que ele foi embora, Amy se jogou na poltrona, Nellie ficou descalça e Dan pulou num sofá. Todos gritaram em coro:

— Uhu!

Nellie soltou Saladin da gaiolinha.

— Bem-vindo à boa vida, gatinho — Nellie deu um beijo no topo de sua cabeça lustrosa. Saladin vasculhou o recinto, farejando, pulou em cima da escrivaninha, andou no encosto do sofá, escolheu a maior e mais fofa almofada, se aconchegou nela e piscou para eles como se dissesse: Nada mau.

Dan pulou do sofá e começou a xeretar tudo, atualizando Amy e Nellie a cada descoberta:

— A escrivaninha está cheia de material de papelaria! Aqui tem um guia turístico! Olha, tem um guarda-chuva no closet! — Ele voltou para o quarto, sumiu dentro do armário e saiu vestindo um roupão felpudo tão comprido que se arrastava atrás dele no chão. Abriu uma gaveta do criado-mudo. — Uma Bíblia! — Depois fechou e foi fuçar embaixo dos travesseiros.

Nellie e Amy entraram no quarto atrás de Dan.

— O que você está procurando? — perguntou Amy. — A fada do dente?

— Chocolate. Eles não põem chocolate embaixo do travesseiro nesses hotéis chiques?

Nellie deu uma risadinha.

— Não é embaixo. É em cima do travesseiro, depois que arrumam a cama.

Ele desapareceu dentro de um banheiro.

— Vocês deviam ver quanto xampu tem aqui! — Dan enfiou a cabeça pela porta. — Eu sei como vocês meninas adoooooram xampu. — disse, batendo os cílios para elas. Amy jogou um travesseiro nele.

Dan desviou e correu de volta para a sala de estar.

— Atenção, nave mãe. Acabo de encontrar o frigobar! — ele anunciou.

Nellie se espreguiçou:

— Bom, eu vou entrar naquela banheira, despejar um galão de banho de espuma e não saio de lá enquanto a comida não chegar.

— Que comida?

— A comida que vocês vão pedir agora pro serviço de quarto — Nellie esclareceu. — Não deixe o Dan saquear o frigobar, senão vamos à falência em dois segundos.

Nellie pegou um roupão, seu iPod e enfiou os fones no ouvido.

— Podem pirar nesse cardápio, estou morrendo de fome — ela falou tão alto que, sem dúvida, a música já estava arrebentando seus ouvidos. Ela deu tchauzinho com os dedos e fechou a porta do banheiro. Amy ouviu as torneiras jorrando no nível máximo.

Amy foi para a sala de estar. Dan estava comendo um doce, parado em frente à única porta da suíte que estava fechada. Ele já tinha conferido o quarto inteiro.

— Dan, a Nellie falou pra não saquear o frigobar. Isso aí é muito ca... — Amy de repente percebeu que Dan estava totalmente imóvel, olhando para o outro lado do quarto. Não estava nem mastigando.

— Que foi, seu tonto? É uma porta. P-O-R-T-A.

— O funcionário não disse que tem uma suíte por andar? Tudo bem que esse quarto parece um palácio, mas não ocupa o andar inteiro. Estamos na ala leste do hotel. Tinha sete janelas deste lado, e aqui nós só temos quatro.

Amy não se deu ao trabalho de perguntar como Dan tinha percebido aquilo. Seu irmão cabeçudo tinha um cérebro de computador para este tipo de coisa.

Por isso ela não disse nada enquanto ele andava na direção da porta, com aquele roupão enorme que o deixava ridículo. Ele se ajoelhou em frente à porta, que tinha uma placa decorativa de latão com uma fechadura antiquada.

— Olhe essa fechadura. Não te lembra alguma coisa? — Dan perguntou.

— Não — disse Amy. Ela se ajoelhou para olhar com mais atenção. Demorou um bom tempo, mas depois concluiu: — É o símbolo dos Ekaterina. Aquela criatura com asas, parecida com um dragão.

— Por que tem uma fechadura se o resto das portas abre com um cartão? A chave disso aqui deve ser bem estranha — comentou Dan, olhando em volta. — Mas onde está?

— Você acha que está aqui? Dentro do quarto?

Dan de repente ficou de pé num pulo.

— Ei, Amy, lembra aquelas coisas chatas que você leu pra mim no avião? Você não disse que no Cairo quase nunca chove?

— Sim, muito pouco e só entre dezembro e março. — disse Amy.

— Então — disse Dan, correndo para dentro do closet —, por que tem um guarda-chuva aqui?

Ele esticou o braço e tirou o guarda-chuva.

— Achei que fosse algum tipo de desenho egípcio. — E mostrou para Amy. — Mas veja...

Ele desparafusou o cabo, que saiu na sua mão. Amy olhou para os desenhos esculpidos. Combinavam com a placa de latão da porta. E a pontinha tinha o mesmo formato que a fechadura.

Dan tirou o roupão. Pegou o cabo e enfiou no buraco. Encaixou sem dificuldade. Olhou para Amy. Ela assentiu com a cabeça.

Ele girou a maçaneta e a porta se abriu. Devagar, eles entraram.

Mostruários de acrílico ocupavam uma larga e comprida galeria. Uma série de arcos conectava a outras galerias, uma depois da outra. Eles viram de relance complexas máquinas e plantas de engenharia. Desenhos, fotos, mapas, retratos e textos emoldurados forravam as paredes. Quando eles atravessaram

a soleira da porta, luzes fortes no teto se acenderam automaticamente. Os objetos nos mostruários rodavam lentamente. Hologramas tridimensionais de repente apareceram e começaram a girar.

Dentro de um dos mostruários, rodava uma coisa embrulhada em papel-alumínio.

— É o burrito para micro-ondas inventado pelo Alistair! — exclamou Dan. — Esta deve ser a base secreta dos Ekaterina!

Ouviu-se uma batida abafada, mas definitiva, quando a porta se fechou atrás deles. Amy deu um pulo para a frente.

— Está trancada. Mas pelo menos nós estamos com a chave.

Dan olhou para suas mãos vazias.

— Estamos?

CAPÍTULO 5

— NÃO PRECISA FALAR NADA — DISSE DAN. — EU SEI QUE A CULPA É minha. Mas esse lugar é tão impressionante que eu até esqueci da chave.

— Como a gente vai sair daqui?

— A gente vai descobrir um jeito. Vamos lá, é hora de explorar.

— Não sei se é uma boa ideia — ponderou Amy. — E se tiver alguma armadilha?

— Com certeza nós já teríamos caído nela — Dan retrucou.

Amy baixou a voz e falou num sussurro:

— Por que não tem ninguém aqui? As outras bases secretas estavam cheias de gente.

— Porque a gente deu sorte. Vamos lá. Não seja frouxa. — Dan avançou depressa. Não conseguia resistir àquela profusão de genialidade diante de seus olhos. Hologramas brilhavam, luzinhas piscavam. Num canto, uma máquina começou a chacoalhar, cuspindo fita de teletipo, como num filme antigo. Havia plantas de invenções projetadas numa das paredes. Ele correu pela galeria, gritando: — Caramba. Thomas Edison era um Cahill! Isso não é demais? A lâmpada!

Amy caminhou mais devagar entre as peças expostas. Enquanto Dan rodeava o projeto de barco a vapor de Robert Fulton, ela olhava o esquema do sistema de armas de um submarino.

Dan deu um berro:

— O descaroçador de algodão! Eli Whitney era um Ekat. Gênio!

À frente, Amy viu uma cortina preta. Parecia sugar toda a energia da sala.

— Amy! Nós inventamos a bicicleta!

Devagar, ela andou na direção da cortina. Ao se aproximar, percebeu que não era uma cortina, mas, sim, uma parede de sombra, que de algum modo era gerada por uma máquina que lançava luz (ou seria a ausência de luz? Como aquilo era possível?) num canto da sala.

— A máquina de costura. Elias Howe, você é demais! — comemorou Dan.

Hesitante, ela atravessou a sombra, onde, à frente, havia uma tela branca. Assim que se aproximou, a projeção foi ativada.

Ela levou quase um minuto inteiro para entender. Primeiro, eram só plantas de engenharia piscando na tela. Depois, números. Ela ouviu Dan berrando alguma coisa sobre o motor de combustão interna.

— Mandou bem, Marie Curie! Radioatividade!

Teve início uma apresentação de slides, fotografias em preto e branco. Ela tapou a boca com as mãos.

Dan estava logo ali fora da sombra.

— Essas invenções são tão radicais. Nós mudamos a História!

— Não fomos nós — sussurrou Amy.

Outra série de imagens começou a passar.

— Não fomos nós, Dan! — de repente ela gritou.

Ele atravessou a cortina de sombra.

— O que é isso? — perguntou, examinando o esquema e depois olhando uma velha foto em preto e branco. Havia mais imagens por vir nos slides. Amy puxou-o de volta para a galeria iluminada.

— Ei! — ele protestou. — O que você está fazendo? Quero ver!

— Não — respondeu Amy com voz firme. — Você não quer. Não quer ver como nós inventamos um sistema de injeção de gás venenoso que matou milhões de pessoas.

A cor se esvaiu do rosto de Dan.

— Como *nós* descobrimos um jeito de dividir o átomo e criar uma bomba capaz de aniquilar uma cidade *inteira!*

O calor fez o rosto de Dan ficar todo vermelho. A não ser pela pequena cicatriz embaixo do seu olho, que continuou branca. Era com essa cara que ele ficava quando estava bravo de verdade. Ela devia parar. Mas não parou. Não conseguiu parar.

— Armas químicas, Dan? Isso é radical? — Amy não sabia por que estava tão brava com o irmão. — Por acaso matar pessoas é *muito legal?*

Ela recuou, com as mãos tremendo. Pela primeira vez desde que era criancinha, tinha se esforçado para fazer o irmão chorar. O que era estranho, pois quem queria chorar era ela. Queria bater os pés no chão com força. Queria gritar. Mas seus olhos estavam secos.

— E se a gente for Ekaterina? — ela sussurrou. — E se toda essa maldade fizer parte de nós? Estiver impressa no nosso DNA?

Percebendo o medo no rosto da irmã, Dan também ficou assustado.

— Todos os clãs tiveram pessoas ruins — ele disse. — E também há muitos Ekat do bem. Afinal, onde a gente estaria sem Thomas Edison? No escuro, pois é. De qualquer modo, não sabemos de que clã somos. Só sabemos que somos Cahill. Se eu fosse escolher um clã pelos seus vilões, não ia querer fazer parte de nenhum deles.

Amy deixou seu corpo desabar no chão e apoiou a cabeça na parede.

— O que estamos fazendo aqui? Quanto mais a gente descobre, mais eu me pergunto: por que a Grace ia querer que nós soubéssemos que estamos ligados a tanta maldade?

— Eu só estava falando besteira — desabafou Dan. — Dizer que nós somos responsáveis por isso ele apontou a cortina preta com a cabeça — é que nem dizer que eu inventei o descaroçador de algodão.

Amy deu um sorriso murcho.

— Isso é verdade. Mas a Grace... Ela sempre protegeu a gente. Ela nos amava, Danny. Ou pelo menos eu achava que sim.

Dan estava atônito demais até para reclamar que ela o chamara de "Danny", apelido proibido desde que ele tinha seis anos.

— *Achava* que sim? O que você quer dizer com isso?

— Desde que essa busca começou nós nos perguntamos por que a Grace não nos ajudou — Amy continuou — Ela não deixou nenhuma mensagem privilegiada pra gente. Nada. Jogou a gente junto com todo o resto da família Cahill.

— Como se a gente não fosse especial pra ela — disse Dan. Ele esperava que Amy se apressasse em defender Grace, como sempre fizera. Aquilo o irritava, mas era algo que ele também precisava ouvir.

No entanto, ela concordou com a cabeça.

— Então, será que a gente conhecia ela de verdade? Pense bem. Havia essa coisa enorme na vida dela e a gente nem sabia. Pertencer família Cahill era uma parte muito importante da vida dela. Como a gente podia conhecer nossa avó, conhecer de verdade, sem saber de tudo isso? — Amy engoliu em seco. — Eu fico me sentindo tão...

— Burra? — provocou Dan. — Ei, fale por você, viu?

Amy nem ficou irritada.

— O senhor Mclntyre nos disse pra não confiar em ninguém. E se isso incluir.., a Grace?

Amy fechou os olhos. Odiava dizer essas coisas. Odiava pensar essas coisas. Mas agora não conseguia parar. Ela sempre acabava confiando em pessoas que não mereciam e aquilo não era de fato muita burrice? lan a fizera de idiota e ela sem dúvida tinha cooperado. Se queria vencer a busca, precisava ficar mais esperta.

— Aqueles passeios, quando ela nos levava a museus e bibliotecas de universidades. Ela estava me mostrando como se fazia para pesquisar. Para eu não ficar intimidada se precisasse entrar num lugar daqueles. O que ela fez depois que fomos ao aquário, Dan?

— Fez eu repetir os nomes de todos os peixes que eu vi — lembrou Dan. — E também os nomes em latim. Eu achava que era um jogo.

— Ela estava treinando sua memória fotográfica — concluiu Amy. — Todo esse tempo, ela estava preparando a gente. — Ela fez um gesto mostrando a galeria. — Pra isso! E por que ela ia querer que a gente soubesse? Nós já mentimos, trapaceamos e roubamos pra chegar aqui. Basicamente, viramos criminosos.

— Eu sei. E isso não é legal?

A voz dele vacilava e ele não olhou nos olhos de Amy. Ela sabia que o irmão estava tentando distraí-la. Tinha medo do que ela ia dizer. Mas ela tinha que ir em frente e falar:

— O que mais a gente vai fazer antes que isso acabe? — perguntou. Por que a Grace ia querer que a gente se expusesse a isso? — Sua voz virou um sussurro. — *Será que ela também era do mal?*

— Não diga isso! — gritou Dan. Ele já estava cansado daquela nova Amy. Queria sacudir a irmã até que a velha Amy voltasse.

Ele mal conseguia se lembrar dos pais. Grace era sua única lembrança de um tempo em que se sentia seguro. Amy não podia tirar aquilo dele.

— Cala a boca! — ele disse num tom hostil.

Dan nunca tinha mandado a irmã calar a boca. Chamava-a de tonta ou imbecil ou pentelha, mas nunca a mandara calar a boca. Eles não tinham permissão de dizer essas coisas um para o outro. Era uma regra imposta por seus pais e, mesmo que ele não conseguisse se lembrar deles dizendo aquilo, Amy se lembrava.

Mas Dan queria que ela calasse a boca. Se não tivesse medo de parecer uma criancinha, ia tapar os ouvidos com as mãos. Ele podia ver pela cara dela que ela sabia ter ido longe demais. Mas a irmã de repente tinha virado a própria advogada do diabo.

— Por que ela não ajudou a gente? *Por quê?* Pense bem. Nós demos sorte que a Nellie pôde vir junto. Será que a Grace esperava que a gente rodasse o mundo sozinhos? Enfrentando esses perigos terríveis? Se ela nos amava, por que não ia querer nos proteger? E a história dos clãs da família? Ela devia saber a qual clã a gente pertence. Todos os outros sabem. Irina. A família Holt sabe que é dos Tomas. Até Natalie e... — Amy engoliu em seco. E *a pessoa inominável.* — E o irmão dela sabem que são Lucian. Nós somos só... nós.

— Para com isso — disse Dan. Sua voz estava trêmula. Ficar se perguntando por que Grace não tinha deixado algum tipo de mensagem para eles era uma coisa. Ele também tinha ficado bravo com a avó. Mas dizer que Grace era uma pessoa monstruosa, treinando os dois para aquilo... isso o assustava.

Não podia ser verdade. Se fosse, alguma coisa dentro dele ia se despedaçar. Às vezes se sentia excluído quando Grace ainda estava viva. Amy era mais parecida com a avó, interessada em história e museus. Mas agora, era como se ela estivesse verbalizando todos os pensamentos ruins que ele tivera desde o funeral de Grace. Não era isso que Amy tinha que fazer. Ela tinha que defender a avó. Se Amy não acreditava mais em Grace, o que restava para eles? Dan virou de costas, com os olhos ardendo, e se afastou da irmã.

Amy ficou no chão. Pousou a mão no colar de jade que tinha pertencido à avó e que nunca tirava do pescoço. Amy sentia uma espécie de enjoo por dentro. Algo oco, que não estava ali antes. Era a ausência de uma coisa da qual ela dependia: o amor de Grace.

Ela se foi, pensou Amy. Não está mais com a gente.

Com a cabeça entre as mãos, ouviu o eco dos passos de Dan, que avançava pela galeria tentando se afastar da irmã. O barulho cessou. Um longo silêncio fez Amy erguer a cabeça. Dan caminhara até a terceira galeria. Estava estático, parado em frente a um mostruário. Algo na tensão dos ombros dele deixou Amy instantaneamente alerta.

— O que foi? — ela perguntou em voz alta. Ele não respondeu.

Amy levantou e andou até Dan. Ele estava parado diante de três mostruários enfileirados. Cada um continha uma estátua de Sakhet, a deusa com cabeça de leão. As três eram idênticas: tinham apenas uns 20 centímetros de altura e pareciam feitas de ouro maciço. Apenas os olhos eram diferentes. Uma tinha olhos brilhantes de pedras verdes, outra, de pedras vermelhas, e a terceira, de pedras azuis. Cada estátua flutuava e girava devagar sob o foco de uma luz branca.

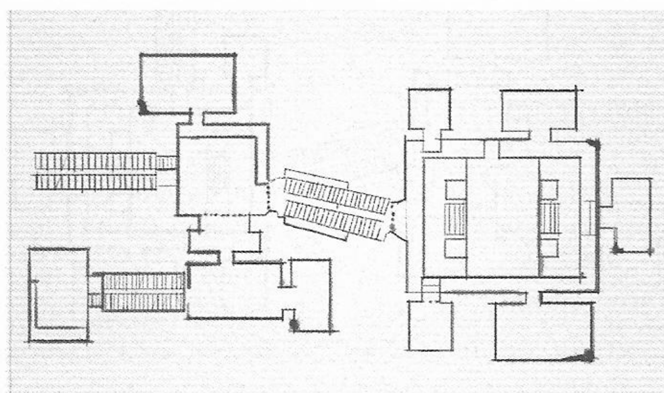
— Deve ser isso que estamos procurando — sussurrou Amy. Ela esqueceu a discussão por um instante. As estátuas possuíam uma beleza fria, como joias. — Os Ekat já encontraram.

Dan olhou para um monitor de computador embutido num dos mostruários. Encostou o dedo numa tela sensível ao toque.

Um holograma apareceu. Era um diagrama da Sakhet. A imagem girou, mostrando um corte transversal. Na tela do computador, eles leram:

PRIMEIRA SAKHET DESCOBERTA PELA EXPEDIÇÃO DE NAPOLEÃO NA PIRÂMIDE DA RAINHA, EM GIZÉ. ACREDITA-SE QUE TENHA SIDO DEIXADA POR XATHERINE. ENVIADA PARA O LOUVRE E RECUPERADA. DESENHO ESCONDIDO DESCOBERTO DENTRO DA ESTÁTUA.

Um desenho apareceu na tela.



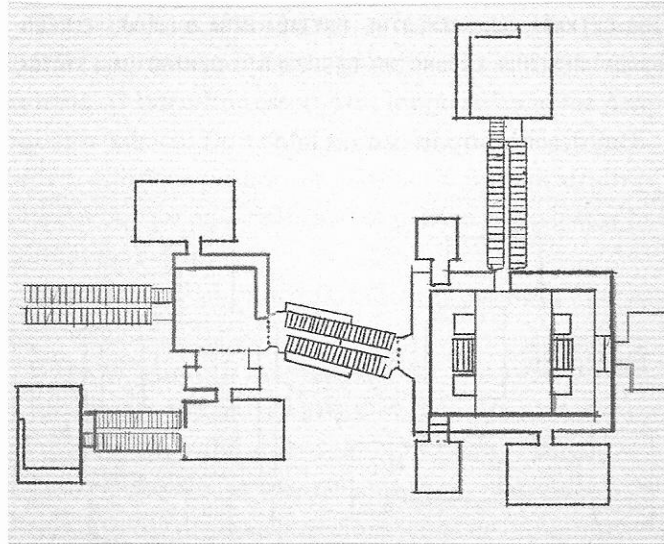
Eles se aproximaram do outro mostruário, onde estava a Sakhet de olhos verdes. Dan tocou na tela.

SEGUNDA SAKHET ENCONTRADA PELO EKATERINA HQP1ARO CARTER, EM 1916, NA TUMBA DE HATSHEPSUT, EM TEBAS. PRIMEIRAS INVESTIGAÇÕES NÃO DERAM RESULTADO. ESTÁTUA AGORA FOI INVESTIGADA COM TÉCNICAS AVANÇADAS, INCLUINDO RADIOGRAFIA DIGITAL E TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA EM 3-O. RESULTADO: A ESTÁTUA É SÓLIDA, SEM COMPARTIMENTOS SECRETOS.

Eles avançaram até a próxima Sakhet. Outra vez, Dan encostou na tela.

COMPRADA POR BAE OH, 1965.

COMPARTIMENTO SECRETO DESCOBERTO POR ALISTAIR OH.



Amy voltou para a segunda Sakhet, a encontrada por Howard Carter. Ela sabia que Carter fora um arqueólogo famoso. Anos depois, em 1922, ele encontraria a tumba do rei Tutancâmon.

— Aqui diz que eles estudaram os mapas durante anos — disse Dan. — Os dois mapas são parecidos, mas têm diferenças. Ninguém nunca conseguiu entender o que isso significa. Eles acham que são mapas de tumbas. Mas eles não combinam com nenhuma que tenha sido descoberta até agora.

— Não é estranho que esta estátua não tenha um compartimento secreto? — Amy perguntou. — Pode ser que Howard Carter tenha encontrado a Sakhet errada. Talvez exista outra em algum lugar.

Eles estavam tão absortos examinando as estátuas que nem ouviram o toc-toc de uma bengala.

— Tem toda a razão, mocinha — concordou Bae Oh. — Também acredito nisso. E acredito também que meu sobrinho possa estar com ela.

CAPÍTULO 6

DE ONDE ELE APARECEU? DAN SE PERGUNTOU. ELE NÃO ESTAVA vendo uma porta em lugar algum. Era como se o homem tivesse surgido do nada. Sinistro.

— Tive o prazer de ser informado que vocês fizeram uma reserva em meu nome. Achei que pudesse ser meu sobrinho. Pena não ser ele. Eu estava ansioso para encontrá-lo. — Bae esboçou um sorriso, mas era mais como se ele estivesse mostrando os dentes para o dentista. — Não que não seja agradável ver vocês dois.

Dan não acreditou naquele homem nem por um segundo. Pensou na porta de saída, que estava trancada. Se eles precisassem fugir, para onde iriam? Ele viu Amy olhar atrás de Bae. Ela também estava procurando um jeito de escapar.

O estranho sorriso de Bae ficou mais largo, como se ele farejasse o medo dos dois.

— Vocês gostam da base dos Ekaterina? — perguntou balançando sua bengala cravejada de joias.

— Devo confessar que tenho muito orgulho dela. Eu mesmo a projetei.

— Bom, não é exatamente o que costumam chamar de muquifo — Dan admitiu.

O sorriso de Bae sumiu.

— Até mesmo os Ekat podem invejar a genialidade alheia. Eles não entendem que isso não tem nada a ver com minha glória pessoal. Eu projetei a base para todos os Ekat. Mesmo assim, faço mal em apontar que fui eu quem teve a sabedoria de comprar este hotel? Que fui eu o visionário? O Cairo sempre teve uma base Ekat, mas não era nada em comparação a esta. Era uma porcaria de casa que Howard Carter achou para nós em 1915, quando estava procurando a segunda Sakhet. Durante a Segunda Guerra Mundial, tivemos que esconder os objetos em vários lugares e eu percebi como seria sábio construir uma base melhor. Ninguém mais entendeu essa grande necessidade. Levei anos. E conforme a tecnologia vai avançando, vou incrementando as instalações. Esta base é tão boa quanto um museu, não acham? Melhor que um museu. Um tributo muito apropriado aos diversos gênios da linhagem de Katherine.

— Incluindo seu sobrinho — disse Amy.

— *Bah.* — A boca fina de Bae curvou-se num gesto de dissabor.

— Achei que seu nome fosse Bae, não Bah — disse Dan. — Foi mal!

Bae fixou em Dan seu olhar sombrio. Dan sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Era como ver de perto os olhos de um tubarão um instante antes de ele abrir as mandíbulas e parti-lo em dois.

— Ouvi dizer que você é um rapaz esperto — Bae disse para ele. — Isso com certeza vai levá-lo longe na vida. — Ele voltou a atenção para Amy. — Alistair tem sido uma grande decepção para mim. Uma mente tão brilhante em um homem tão bobo.

— Ent-tão por que você quer tanto encontrá-lo de novo? perguntou Amy. Ela podia estar encurralada, podia estar com medo, mas não ia deixar que aquele vilão os intimidasse.

— Eu sou tio dele. Prometi a meu caro finado irmão que tomaria conta de seu filho. Quando Alistair era mais novo, era um rapaz muito promissor. Foi ele quem descobriu como abrir a terceira Sakhet. Então, ele decide virar

inventor. E inventa justamente o quê? Um pedaço de papelão congelado, sem gosto, indigesto, disfarçado de comida!

— Ouvi dizer que ele ganhou uns bons milhões com esse pedaço de papelão — disse Dan.

Bae se apoiou na bengala.

— Vocês precisam entender uma coisa: dinheiro não é sinal de sucesso. Não para os Ekaterina. É por isso que somos superiores aos outros, O que tem valor para nós? Não o poder, como para os Lucian, nem a força física, como para os Tomas. Nem mesmo a esperteza dos Janus. Não. É uma coisa maior. Engenhosidade. Inspiração. Tudo canalizado para a utilidade. — Ele agitou a bengala. — Vocês estão vendo o que nós fizemos!

— Vimos uns exemplos bem tenebrosos do que a engenhosidade dos Ekat pode criar — disse Amy, apontando para a cortina preta de sombras.

— Achei que você fosse mais esperta que isso, mocinha. Esse comentário não lhe cai bem.

— Por quê? — Amy o desafiou. — Por acaso eu devia ficar impressionada com os campos de concentração e as bombas atômicas?

Bae bateu com a bengala no chão.

— A sua reação é *emocional!* Os Ekat não são maus. Nem bons. Eles *inventam. Desafiam. Lideram.* Então, algumas vidas se perderam? Essas são questões menores. O que importa é a descoberta. A invenção. Entendem?

— Ahã, entendemos — disse Dan. — Resumindo: você é um baita dum tiozinho sinistro.

Bae Oh chegou mais perto e eles recuaram, dando um passo para trás.

— Vocês também são Cahill. Sabem que o que nos torna extraordinários às vezes pode nos tornar perigosos. Seus antepassados são prova disso. Vocês devem aprender com os erros deles, não só com os triunfos. Não é verdade?

Amy não queria dar ouvidos a ele. Mas finalmente Bae tinha falado alguma coisa que fazia sentido.

Ele deu outro passo na direção deles, estendendo o braço num gesto de simpatia. Eles recuaram de novo. Dan não queria de jeito nenhum chegar perto daquele velhote malvado.

— Venham — ele chamou, num tom que devia acreditar ser caloroso e bonachão, mas que soou totalmente macabro. — Somos todos da mesma família. Deveríamos ser aliados. Vocês progrediram muito na busca das 39 pistas, mas todos precisamos de ajuda. Que tal uma simples troca de informações? Eu conto a vocês o que sei sobre o grande mistério de Sakhet, vocês me contam o paradeiro do meu sobrinho. Eu sei que ele se afeiçoou a vocês.

— Você primeiro — disse Dan.

Bae inclinou a cabeça.

— Com prazer. Demonstrarei confiança e vocês farão o mesmo, estou certo disso. — Ele apontou com a bengala para a primeira Sakhet. — Eis o que nós, Ekat, sabemos com certeza. Nossa gloriosa antepassada Katherine, a rainha da engenhosidade, deixou a Europa e partiu para o Egito. Vocês imaginam quanta coragem era necessária para uma mulher viajar sozinha no começo do século XVI? Sabemos que ela veio para o Cairo e comprou três pequenas estátuas de Sakhet. Uma tinha olhos de rubi, outra, de lápis-lazúli e uma terceira, de esmeralda. Então, ela se disfarçou de homem e foi embora do Cairo. Sabemos que ela encontrou uma família de saqueadores de túmulos e os contratou para levá-la numa jornada Nilo acima. Katherine escondeu cada Sakhet em um lugar e todas, por sua vez, escondiam um segredo.

Bae olhou para a estátua.

— Ela é bonita, não é? Não foi por acaso que Katherine escolheu uma deusa. Ela acreditava que, por ser mulher, jamais tinha recebido o que de fato merecia. E era verdade — ele suspirou. — Não sabemos como os outros clãs descobriram essa pista de Katherine, mas faz séculos que estão procurando. Napoleão, aquela criaturinha pérfida dos Lucian, instruiu seus estudiosos para ficarem de olhos bem abertos caso aparecesse alguma Sakhet. Alguns acham que ele decidiu invadir o Egito só para se apoderar da estátua. A inteligência não era o maior dos atributos de Napoleão — Bae fungou. — Ele contava com outro Lucian na expedição, que fez o serviço de verdade. Bernardino Drovetti. Foi ele quem identificou a Sakhet. Estava na coleção particular de Napoleão. Os Ekaterina já tentaram roubá-la diversas vezes. Por fim, Drovetti

achou que a estátua ficaria em segurança se a enviasse para a França numa coleção que doou para o Museu do Louvre.

Amy estava com medo de olhar para Dan. Bernardino Drovetti: seria ele o tal "B.D.", autor da carta que eles acharam na Casa Sennari?

A pista agora segue caminho para o palácio do L em Paris...

— Por sorte, um dos nossos Ekaterina era um arqueólogo contratado pelo Louvre. Ele afirmou que a estátua era falsa e conseguiu tirá-la do museu. Então, contrabandeou a Sakhet de volta, para a estudarmos. Ha! Bem debaixo do nariz de Drovetti! Achamos o primeiro pedaço do quebra-cabeça.

Mas talvez existisse outra Sakhet, pensou Amy. *Uma que você não soubesse da existência. Drovetti a mandou para um palácio.*

Bae deu alguns passos na direção da segunda Sakhet. Amy e Dan foram obrigados a se mexer também, para não ficarem muito próximos a ele.

— A busca pelas estátuas continuou. O boato se espalhou e muitos Cahill vieram para o Egito na esperança de encontrar uma delas. O grande explorador Richard Francis Burton, Winston Churchill, Flinders Petrie, Mark Twain... Nenhum deles era Ekaterina. Preferimos agir nos bastidores.

— Mark Twain? — perguntou Dan.

— Janus — Bae fungou. — Os descendentes de Jane são tão exibidos. Somente quando Howard Carter se empenhou em procurar é que nós encontramos a segunda. Tumba após tumba, escavação após escavação. Ele estava competindo com Flinders Petrie.

— Outro grande arqueólogo — disse Amy. — Lucian? — ela chutou.

Bae confirmou com a cabeça.

— Naturalmente, o Ekat venceu. Carter encontrou a estátua. Vejam, é esta aqui, com olhos de esmeralda. Só havia um problema: ela é sólida. Não encontramos um jeito de abrir. É idêntica às outras, mas não há nenhum mecanismo secreto. Estamos certos disso. Ou seja, qual é a resposta? Existe outra Sakhet? Deve existir. Eu mesmo, desde minha juventude, tenho procurado sem descanso. Vasculhei lojas no Cairo, revirei catálogos de leilões, visitei todos os negociantes do mercado negro. E, então, um dia, achei a terceira — Bae olhou para a estátua com um olhar reverente. — Seus olhos azuis escondiam tesouros.

Bae se debruçou na bengala, de repente parecendo velho e derrotado.

— Ainda não conseguimos decifrar o código. Fracassamos num ponto tão crucial. Usamos modelagem computacional, e programas foram desenvolvidos para resolver o mistério. Existem centenas de tumbas que ainda não foram descobertas e qualquer uma delas pode ser a tumba certa. Talvez tenhamos interpretado mal a dica de Katherine. Ou, talvez, ela possuísse uma quarta Sakhet por segurança. Não há como saber.

Ele deu um passo vacilante na direção de Amy e Dan, com um olhar de súplica.

— Eu sou o líder dos Ekat — disse numa voz rouca. Parecia estar sem fôlego. — Alistair é meu sucessor. Se ele possui uma Sakhet, todos vão recebê-lo bem e tratá-lo com respeito. Posso me aposentar em paz. Porém, tivemos nossas desavenças. Ele é orgulhoso demais para aceitar minha ajuda. Mas preciso encontrá-lo. Pelo bem dele e pelo bem dos Ekaterina. Vocês entendem? — O rosto de Bae se abrandou. Ele andou em direção aos dois de novo. — Faço isso por ele. Me digam onde posso encontrar meu sobrinho.

Dan olhou para Amy. Será que ela estava mesmo engolindo aquilo? Seu olhar parecia terno. Ele puxou de leve o cotovelo dela, fazendo a irmã recuar. De repente, ficou apreensivo por estar perto o bastante para levar uma bengalada.

— Lamento informar — disse Dan. — Mas Alistair está morto.

Bae lançou um olhar duro para Dan. O menino o encarou de volta, sem desviar os olhos em nenhum momento.

— Que pena... — Bae disse por fim — ... que você mentiu.

A fraqueza de repente sumiu. Bae avançou com uma rapidez surpreendente. Girou a bengala e mirou no outro canto do teto. De uma das joias lapidadas disparou um laser. Eles ouviram um leve assobio.

Um mostruário do tamanho de uma salinha caiu do teto, batendo no chão com um estrondo. Eles perceberam, tarde demais, que Bae tinha manipulado os dois para que ficassem num ponto específico do chão. Eles estavam presos dentro de quatro paredes de plástico inquebrável, sem porta.

— Enquanto vocês não decidirem falar a verdade, é aí que vão ficar— disse Bae. —Dois tolos em exposição, para o deleite dos descendentes de Katherine!

CAPÍTULO 7

IRINA SPASKY ESTAVA FURIOSA CONSIGO MESMA. SE PUDESSE, mandaria a si própria para um campo de trabalho forçado na Sibéria. Era isso que ela merecia: clima glacial, cobertores finos e um nabo podre no jantar. Como tinha deixado dois amadores, duas crianças, fugirem por entre suas pernas?

E se tivesse que comer outro fala fel, ia vomitar. Era impossível achar uma boa batata cozida naquele país maluco.

Chega de comida estrangeira. Chega desse disfarce de turista. Enojada, ela tirou a camiseta que estampava O EGITO É UM AGITO. Por baixo, vestia uma camiseta preta lisa. Ela sentou-se numa cadeira em seu quarto de hotel barato e olhou para o trânsito caótico. Pôs o dedo no olho, que começava a ter espasmos. Precisava pensar. Quase capturara as crianças, duas vezes, e as deixara escapar! Será que estava perdendo o jeito?

Ela queria voltar para a sua área. Já tinha participado de algumas operações no Cairo quando trabalhava para a KGB, a agência de espionagem russa. Não conseguia agir direito naquele lugar. Todo mundo era simpático demais. Se ela pedia para alguém explicar o caminho, a pessoa andava junto com ela e a acompanhava até o lugar. E era tão quente! Em breve a neve estaria cobrindo as estepes na Rússia e, no Egito, quase 35 graus. Ela ligou o ventilador de teto na potência máxima.

Ainda por cima ela tinha que lidar com outro par de pirralhos: Ian e Natalie Kabra. Eles supostamente estavam trabalhando juntos, mas aqueles dois espertinhos ficavam tentando passar a perna nela. Agora estavam no Quirguistão e não atendiam o celular. No final, tivera que apelar e ligar para os pais deles. E ela nunca gostava de falar com os Kabra. Eles tinham um passado atribulado e confiava neles ainda menos que nos filhos.

Aqueles dois. Gênios, mas idiotas.

Assim como os pais.

Os pais... Trina balançou a cabeça, tentando afugentar a lembrança.

Ela nunca pensava em coisas que não podia mudar. Coisas do passado. Porém, de repente, ali no Cairo, se pegou pensando em Grace Cahill.

Fazia anos que os Lucian haviam convocado uma reunião de alto escalão para discutir o problema chamado Grace Cahill. Eles sabiam que Grace tinha reunido muitas pistas. Até os Lucian admitiam que ela parecia ter uma inteligência especial para isso. Ela precisava ser detida.

Fora Trina quem apresentara a ideia da aliança. Era apenas um truque, é claro. Mas podia ser um jeito de se aproximar de Grace, de descobrir alguma coisa. Trina havia se oferecido como mediadora. O queijo na ratoeira.

Ela se encontrara com Grace. Sozinha, cara a cara A conversa tinha sido breve. Ficou claro que Grace não acreditara em Trina nem por um instante.

Você está tentando me fazer de boba, mas a boba aqui é você, Irina, dissera Grace. Você veio me oferecer uma aliança falsa em vez de uma verdadeira colaboração. É a maldição dos Lucian: achar que podem fazer tudo sozinhos.

Irina partira dali furiosa. Ninguém a chamava de boba. Ninguém.

Recomeçaram as conversas sobre o problema Grace Cahill. Estratégias foram discutidas e descartadas. Propostas foram feitas. Firmaram-se frágeis alianças, com o intuito de abordar a questão em comum. Tudo com melhor das intenções. Só que, após traçado o plano, tinha dado errado. Foi um desastre. A filha e o genro de Grace acabaram perdendo a vida naquele incêndio.

Ela nunca ia esquecer o dia do funeral. Irina sabia que não deveria comparecer e, no entanto, não tinha conseguido deixar de ir. Não tinha a intenção de fizer afronta, apesar do que Grace poderia pensar. O rosto de

Grace estava pálido, impassível. A perda de sua querida filha, de seu adorado genro, a tragédia dos netos agora órfãos... Ela parecia anos mais velha. Andava como uma mulher idosa e seus olhos carregavam um sofrimento infinito. Suas mãos tremiam ao jogar rosas nos caixões enquanto eram baixados para dentro da terra.

Irina queria dizer: *Eu também já senti a sua dor.*

Porém não dissera.

Queria dizer: Percorri as ruas de Moscou como um fantasma. *Perdi minha alma, perdi meu coração. Ela queria dizer: Eles acham que a dor é escandalosa, Grace. Acham que o sofrimento nos faz chorar e gemer. Mas eu sei que a dor é silenciosa como a neve.*

Eu também perdi um filho.

Mas Irina não dissera nada daquilo. Suas lembranças pertenciam apenas a ela, tinha isolado aqueles pensamentos. O único resquício daquele tempo era um tique no olho quando ela sofria emoções fortes.

Naquele dia ela culpou Grace por obrigá-la a revisitar suas lembranças. Foi brusca e fria. Disse-lhe:

— O destino não tem escrúpulos. Essas coisas acontecem.

Essas coisas acontecem, ela falou a uma mãe que acabara de perder uma filha. Ouviu suas próprias palavras ecoarem e ficou chocada com a frieza de seu tom. Teve vontade de voltar atrás. Queria ter demonstrado compaixão, ser alguém com sangue nas veias.

Mas não o fez. Em vez disso, sentiu o desprezo avassalador nos olhos de Grace, como uma onda fria do estreito de Bering. Então, num piscar de olhos, o desprezo se transformou em suspeita.

Irina não conseguiu mais encarar Grace nos olhos. Por isso, ficou muito surpresa, para dizer o mínimo, quando foi convidada para o funeral dela. Só decidiu comparecer quando soube que os outros Cahill também tinham sido convidados. Todos no mesmo recinto. Todos aqueles ódios antigos. E Grace manipulando todos feito marionetes.

Será que havia alguma armadilha que Irina não estava conseguindo enxergar? Quem era o queijo? Quem era o rato?

Qual é o seu plano, Grace? Você sempre tinha um plano.

Aqueles netos... Por que Grace os incluíra na busca às pistas? Eles não tinham chance de vencer o resto dos Cahill. Tinham anos de defasagem em conhecimento e treinamento. Era tarde demais para alcançar os outros. Eles tiveram sorte até agora. Apenas isso. Duas crianças sem ninguém para ajudá-las, agindo por medo e motivadas pelo sentimento de perda...

Medo.

Perda.

Sentimentos que já conheci. As coisas que vi...

Ela sentiu um espasmo no olho. Bateu no rosto com a mão, tentando aplacar o nervo que tremia.

O passado era passado.

E, no entanto, lá estava ela no Egito. Para onde quer que olhasse, o ar parecia sussurrar que o passado estava muito vivo...

CAPÍTULO 8

AQUILO TINHA QUE ACONTECER. DEPOIS DE TANTOS ANOS detestando museus, ele havia se transformado numa peça em exposição. Dan empurrou a parede com as palmas das mãos.

— Socorro — ele sussurrou.

— Quanto tempo você acha que ele vai deixar a gente aqui? — perguntou Amy.

— Até a gente abrir o bico — disse Dan.

— Abrir o bico como? A gente não sabe nada.

— Eu só sei que estou com fome. Se Oh me oferecesse uma pizza, eu ia pensar em alguma coisa pra falar.

— A Nellie vai começar a se perguntar onde estamos — disse Amy.

— Ela nunca vai achar a gente.

— Ela vai ligar pra recepção. Talvez eles chamem a polícia...

— Você não entendeu? Ele é dono do hotel. Eles não vão fazer nada.

— Ele não pode simplesmente deixar a gente aqui. — A voz de Amy estava trêmula e ela engoliu em seco. Lembrou que tinha passado por situações piores. Mas aquele cubo de acrílico a deixava em pânico. Como se ela fosse uma peça de exposição, não uma pessoa. Ela se esforçou para respirar fundo. — Quanto ar cabe dentro dessa coisa?

— Não sei. Quem sabe... talvez seja melhor a gente não conversar.

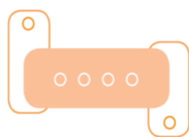
A pergunta de Amy tinha assustado o irmão. Ficar sem fôlego era um problema sério para ele. Amy endireitou os ombros. Não ia perder a compostura. Já tinha pirado na frente de Dan algumas vezes e não ia fazer isso de novo. Nunca mais.

— Tem ar suficiente, com certeza.

Mas, por quanto tempo?

O pensamento veio e ela o rebateu para longe. O pânico arrefeceu um pouco. Ela era capaz de enfrentar aquilo. Agora sabia que o truque para ter coragem era não pensar na pior coisa que podia acontecer. Era estranho: se ela *fingisse* que tinha coragem, quase conseguia *sentir* a coragem.

Ela ia ter que se esforçar. O máximo possível.



— Moleques? — Nellie chamou do quarto. — É bom ter comida aí me esperando!

Não veio resposta.

— Galera? — Nellie deu um nó na faixa do roupão felpudo do hotel. — Chuchuzinhos?

Eles odiavam quando ela os chamava assim. Porém, nenhum resmungo veio do outro cômodo.

Ela abriu a porta. O quarto estava vazio. Havia um roupão jogado no chão e, do lado, um guarda-chuva quebrado. As crianças tinham dado no pé. Bem, ela não podia culpá-los. Eles estavam num hotel cinco estrelas e queriam explorar as redondezas. Nellie se jogou num sofá e começou a examinar atentamente o cardápio do serviço de quarto.

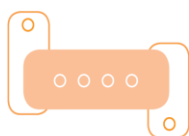
Vinte minutos depois, já tinha mandado ver uma boa parte do delicioso sortimento de aperitivos, que eles chamavam de *meze*. Porém, quando deu a última mordida no *sabanikhiyat,* percebeu que seu estômago estava mais cheio de preocupação que de espinafre.

Alguma coisa estava errada. Ela tinha demorado demais para perceber. Seu alarme interior devia ter tocado muito antes. Ela estava ficando desleixada.

Devia ser por causa da fome ou do cansaço da viagem, mas não tinha desculpa. *Você vai ter que se explicar se não ligar o cérebro no máximo, Nellie.*

Ela tinha sido treinada para não demonstrar pânico, por isso parecia calma. Pulou do sofá e examinou o quarto. Só então prestou atenção no roupão jogado no chão junto à porta. A princípio assumira que se tratava do desleixo habitual de Dan, mas, quando analisou melhor, percebeu que o jeito como o roupão estava caído indicava que alguém o jogara com pressa enquanto estava parado em frente àquela porta...

Nellie correu até a porta e inspencionou cada centímetro. Então, olhou para o guarda-chuva quebrado no chão. E tudo, de repente, fez sentido.



Ela viu os dois antes que eles a vissem. Sentiu um aperto no coração, mas só de bater os olhos neles já ficou aliviada. Como ia tirá-los dali? Respirou fundo e se recompôs. Não podia perder a calma.

Amy ouviu o barulho de chinelos se arrastando e virou-se. O medo em seus olhos transformou-se em alívio:

— Nellie!

Ela ouvia a menina com nitidez. O cubo devia ter alguma instalação acústica.

Nellie deu uma mordida no pão sírio que trazia na mão.

— Que lugar é esse?

— Nellie? Hã, você não percebeu nada? — perguntou Dan. — Tipo, *nós estamos presos dentro de um cubo!*

Dan estava tentando agir naturalmente, mas ela percebeu que ele estava com falta de ar. Ela tinha trazido a bombinha no bolso do roupão, caso ele precisasse. Mas seria melhor se não precisasse. Neilie deu outra mordida no pão. Sem parar de mastigar, avaliou a situação com um olhar frio. Saladin apareceu e roçou nos tornozelos dela.

— Vocês dois são o pior pesadelo que uma *au pair* pode ter. Esse talvez fosse um jeito de eu sempre saber onde vocês estão. É tipo um método.

— NELLIE! — eles gritaram.

— Ele pode voltar a qualquer minuto! — disse Dan.

— Quem?

— Bae Oh! Foi ele quem pôs a gente nessa coisa.

— Aquele velhote de quem vocês falaram? O que ele fez? Deu uma chave de braço em vocês?

— NELLIE!

Nellie andou ao redor do cubo. Batucou nas paredes dele com a unha.

— Alguma sugestão?

— Procure no outro canto, do lado esquerdo — sugeriu Amy. — O circuito fica lá em cima.

— Ele apontou um laser — disse Dan.

Nellie apalpou o bolso do roupão.

— Puxa, acho que deixei minha caneta laser junto com minha apresentação de PowerPoint.

— Neilie!

Ela andou até o canto e olhou para cima.

— Estou vendo. — Ela enfiou a mão dentro do pão sírio, depois se agachou e deu alguma coisa para Saladin comer.

— Ele adora *homus*. Quem ia imaginar, não?

— Bom, a raça dele é Mau Egípcio. Talvez pra ele isso seja comida caseira — considerou Dan.

— Nellie, isso não é hora de alimentar o gato! — exclamou Amy.

Saladin lambeu os beiços e começou a se esfregar nas pernas de Nellie, pedindo mais.

Nellie pegou outra bolota de *homus*. Olhou de novo para o canto. Fez mira e disparou a bola em direção ao teto. Uma de suas diversas habilidades, além de fazer o melhor misto-quente do planeta, era a mira perfeita. Saladin acompanhou o olhar dela.

— Vai lá, gatinho. Vai buscar! — Nellie instigou o bichano. Saladin pulou em cima de um mostruário e preparou-se para dar um salto.

Voou até o teto e pousou na estrutura de metal que sustentava o sistema de iluminação. Andou casualmente até a ponta de uma das vigas, pulou para o circuito e começou a lamber o botão que acionava o cubo.

As paredes tremeram um pouco e, em seguida, começaram a subir devagar.

— Saiam logo! — Nellie gritou. — Quando ele terminar o *homus,* vocês estarão fritos! O laser vai ser reativado imediatamente.

Amy empurrou Dan pela abertura e depois rolou para fora. Tirou o pé no exato instante em que Saladin pulou para o chão e o cubo caiu de volta no lugar, fazendo um grande estrondo.

— Línguas de gato são demais — aprovou Nellie, satisfeita.

Amy ficou em pé e espanou os joelhos.

— Como você descobriu onde a gente estava?

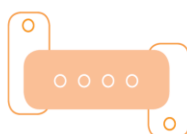
— Demorei um pouco pra sacar — explicou Nellie. — Aí vi o roupão desse pirralho jogado no chão. Foi uma bela dica.

— Peraí — Dan falou, furioso. — Pirralho?

— Bom, normalmente eu acharia que abrir uma porta com um guarda-chuva era, tipo, meio estranho. Mas faz tempo que estou andando com vocês dois, por isso pensei: por que não? — Bae pode voltar a qualquer instante — interrompeu Dan. — Acho melhor a gente cair fora daqui e achar outro hotel.

— Bae Oh é dono do hotel, lembra? — disse Amy. — Como vamos sair daqui sem ser vistos?

— Usando a biologia — respondeu Dan, olhando para o roupão de Neilie. — Vamos nos camuflar.



Bae Oh cumprimentou o homem de preto com um aceno de cabeça.

— Não precisava ter vindo — ele disse. — A situação está sob controle.

— Você localizou seu sobrinho?

— Estou prestes a descobrir seu paradeiro. — Bae tinha certeza de que uma estada noturna na base secreta Ekaterina lhe forneceria todas as

informações que necessitava. Os netos de Grace Cahill eram amadores. Iam logo abrir o bico.

— Existem muitos fatores fora do nosso controle — disse o homem de preto. Mas Bae parou de prestar atenção. Tinha ouvido um gato miar. Animais de estimação não eram permitidos no Hotel Excelsior.

Escondido atrás dos óculos escuros, ele podia fingir que estava escutando o homem enquanto olhava de relance por cima do ombro dele. Uma família de turistas vestindo roupões brancos andava em direção à piscina. Estavam usando chapéus da loja de presentes, o que era bom. Os lucros do estabelecimento tinham financiado suas férias em Maui no ano passado. Eles carregavam grandes bolsas de lona. Turistas sempre levavam bagagem demais.

Um carrinho do serviço de quarto passou chacoulhando pelo grupo. *Miauuuuuuurrrrp!* Era o miado mais estranho que ele já tinha ouvido. A não ser que também houvesse um saco de hamsters junto com o bicho.

O mais baixo membro do grupo baixou a cabeça e falou alguma coisa para dentro da bolsa de lona. Somente então Bae notou os calçados: eram tênis pretos de cano alto.

Eram os netos de Grace Cahill! *Como tinham conseguido escapar?*

Mesmo quando estava agitado, Bae tinha a política de não dar escândalo. Viu os seguranças do hotel no outro canto, de calça e camisa branca, assim como os garçons. Ninguém nunca adivinharia qual era a verdadeira função daqueles homens, a não ser que notasse o volume dos músculos embaixo da camisa e os fones no ouvido.

Tudo o que precisou fazer foi erguer um dedo e acenar com a cabeça na direção dos supostos turistas. O homem de preto ainda estava falando. Não tinha percebido nada. Bae não tinha interesse algum em informá-lo que os netos de Grace Cahill estavam tentando fugir do hotel.

Os seguranças avançaram em direção ao grupo depressa, mas discretamente. Tudo teria saído nos conformes se a jovem garota também não estivesse vigiando. Ela avistou os guardas antes que eles fossem muito longe. Bastou uma palavra dela e os três começaram imediatamente a correr.

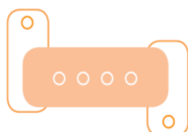
Não houve barulho. Ninguém gritou, nem berrou. O homem de preto continuou falando. Bae ficou observando o grupo andar rapidamente em

direção aos fundos do hotel. Eles só pararam para pegar uma grande sacola escondida atrás de um arbusto.

Equilibrando a bagagem e um gato irritado dentro de uma bolsa, eles saíram correndo. Os seguranças estavam poucos metros atrás quando os fugitivos dobraram a esquina.

Bae abafou um bocejo. Não precisava ver o fim daquela perseguição. Tinha os melhores seguranças do Cairo. Os três seriam capturados com discrição, sem chamar a atenção dos hóspedes. Seriam levados até a sala dele e ficariam detídos alí, esperando por ele. Não precisava ter pressa. Podia deixá-los suarem.

— Garanto a você que está tudo sob controle — assegurou ao homem de preto.



Derrapando nas pedras soltas pelo caminho, Amy, Dan e Neilie fugiram dobrando a esquina. Neilie tentava segurar Saladin sem soltar a mala. A mochila de Amy batia nas costas enquanto ela corria e o tênis de Dan desamarrou. Quando ele se atreveu a olhar para trás, os guardas estavam chegando perto.

— Não vamos conseguir — ele bufou.

De repente, um carro que estava estacionado saiu depressa da vaga e parou cantando pneu na frente deles, bloqueando o caminho.

Uma senhora minúscula, de cabelos brancos, vestindo uma túnica branca bordada e uma calça, colocou a cabeça para fora:

— Querem uma carona?

Eles hesitaram.

— Ora bolas! Uma coisa de cada vez. Acho melhor eu me apresentar. Sou Hilary Vale e tenho uma mensagem para vocês. De Grace. Oh, que lindos roupões!

Eles ouviram os passos pesados dos seguranças.

— Parem onde estão! — um dos guardas berrou.
Hilary esticou o braço e abriu a porta de trás.
— Acho que não é hora de hesitar, meus fofuchos. Entrem.

CAPÍTULO 9

HILARY VALE AVANÇAVA PELO TRÂNSITO DO CAIRO COM O PÉ NO acelerador e a mão na buzina. Ela acelerava, brecava, esterçava todo o volante para aproveitar qualquer espacinho onde conseguisse enfiar o carro.

— Sai da frente, seu borra-botas! — berrava alegremente pela janela para qualquer um que se atrevesse a entrar no caminho.

Os olhos de Dan brilhavam.

— Que mulher legal — ele sussurrou para Amy.

Por *fim,* ela deixou a avenida principal, passou por um bairro simpático e pegou uma entradinha que serpenteava entre as muitas palmeiras e árvores floridas de um jardim. Com o carro dando um tranco, estacionou em frente a uma bela casa branca.

Eles saíram do automóvel um pouco zonzos com aquele passeio veloz e a fuga por um triz. A casa parecia fresca e silenciosa, depois do barulho e calor das ruas. Hilary entrou imediatamente numa pequena sala de estar. Era forrada de tapetes e tinha grandes sofás cobertos com mantas de tecidos lustrosos. Havia um piano num canto, abajures de porcelana nas mesas e vasos repletos de flores.

Hilary abriu as persianas. Quando a luz do sol bateu na sala, Amy percebeu que as almofadas do sofá estavam desfiadas e que uma mesa tinha

sido colocada sobre um buraco no tapete para disfarçar. Não era uma sala chique, mas era aconchegante, um lugar para sentar e ler durante horas. Amy até ficava um pouco menos tímida, só de estar naquele ambiente.

— Agora podem tirar seus... hã, seus roupões e ficar à vontade — disse Hilary. — Acho que vocês esqueceram de pagar por eles, meus fofos. É por isso que aqueles brutamontes estavam correndo atrás de vocês? Coitadinhos...

— Pois é — concordou Dan. — A gente não imaginava que o pessoal do hotel ia levar tão a sério um roubo de roupão.

Ela levantou de leve o queixo de Amy e inclinou o rosto da menina em direção à luz.

— Você se parece com a Grace — ela disse. — Que lindinha!

— Ei. Vejam isso — apontou Dan.

Amy viu que Dan estava olhando uma foto num porta-retrato prateado em cima do piano. Andou até ele. Era uma fotografia em preto e branco de duas moças na frente da Esfinge de Gizé.

Ela reconheceu Grace na mesma hora: seu cabelo caía por cima dos ombros, ondulado e escuro, e ela usava um vestido branco e sapatos de salto. Seu braço esbelto e bronzeado entrelaçava a garota loira e miúda ao seu lado.

— Grace era minha melhor amiga — disse Hilary Vale. Ela pegou a foto com cuidado. — Nos conhecemos num colégio interno nos Estados Unidos. Fui mandada para lá quando começou a Segunda Guerra Mundial. Meus pais ficaram no Cairo. Nessa época a comunicação era muito difícil por causa da guerra. Grace foi minha família durante muitos anos. Ela me acolheu, mesmo eu sendo uma garota mais nova com um sotaque engraçado. Depois da guerra, convidei-a para vir passar férias aqui. Ela adorava o Egito. — A tristeza se esvaiu de seu rosto de repente e Hilary bateu palmas. — Mas agora é hora dos acepipes! Podem se aconchegar aí, crianças. Eu volto já.

—O que é acepipes? — sussurrou Dan. — Uma dança?

— Acepipes são petiscos — explicou Neilie. — E comida é sempre uma boa notícia. — Ela colocou a gaio- linha de Saladin no chão e se jogou no sofá florido.

— Grace alguma vez falou dela?

— Não lembro — respondeu Amy. — Eu sabia que ela tinha vindo pro Egito, mas ela não falava muito sobre isso. Quer dizer, falava e não falava. Era tudo sempre muito vago.

O Cairo *é uma cidade fascinante.*

Você já foi pra *lá, Grace?*

É claro, meu bem. Muitas vezes. Ora, ora, brrr, olha que chuva fria. Que tal se a gente fizesse uns brownies para levantar o ânimo?

Sempre desconversando, sempre com evasivas. Agora Amy se dava conta de como Grace mudava de assunto quando alguém lhe perguntava sobre suas viagens. Sentiu uma pontada de desconfiança, que novamente a deixou desnorteada.

Nas estantes de livros, que se estendiam do chão ao teto, havia mais fotos. Amy pegou uma que estava em outro porta-retrato prateado. Alguém escrevera por cima da imagem com uma caneta branca: *Nós, Luxor, 1952.* Grace vestia uma calça que parecia empoeirada e uma camisa clara com as mangas arregaçadas. Os olhos estavam espremidos, olhando contra o sol. Hilary Vale usava um vestido florido e um chapéu de aba larga. Parecia que elas estavam paradas em frente a algum tipo de templo. Grace estava fazendo uma pose egípcia, de brincadeira, com o pulso dobrado e a mão esticada. Nesse instante, Hilary entrou na sala trazendo uma bandeja e a pousou sobre uma lustrosa mesa redonda ao lado da janela. Nellie foi depressa ajudá-la a arrumar os pratos de salgados e frutas fatiadas no meio da mesa.

— Vejo que vocês estão olhando essas fotos antigas — disse Hilary. — É difícil acreditar que eu já fui mocinha, não é? Grace vinha todo ano e ficava comigo. Fez isso por vários anos seguidos.

— Todo ano? — perguntou Amy.

— Talvez tenha pulado um ano ou outro. E é claro que, perto do fim da vida, ficou difícil viajar. Ela me contou sobre o câncer. Era muito sincera. Mas ainda assim fiquei chocada quando ouvi a notícia de sua morte. Nunca achei que alguma coisa fosse capaz de derrotar Grace.

Hilary apontou para as cadeiras e todos se sentaram. Amy alisou a madeira lustrada dos braços. Talvez Grace tivesse se sentado naquela mesma

cadeira. Ao pensar aquilo, se esforçou para sentir-se mais próxima da avó. Porém, não conseguiu.

HiIary serviu um líquido leitoso que estava em uma bela jarra prateada.

— Isso se chama *sahlab* — explicou. — É servido em cafés do Egito inteiro. Espero que vocês gostem.

Amy tomou um gole da bebida por educação. Era cremosa e doce, diferente de tudo o que ela já havia provado, mas mal conseguiu engolir. Sua garganta estava entupida de lágrimas, que ameaçavam escorrer à simples menção do nome de Grace.

— Essa comida está incrível — Nellie elogiou, esmigalhando um biscoito e dando para Saladin. — Então, você falou que a Grace entrou em contato antes de morrer. O que ela disse?

Amy lançou um olhar de gratidão para Nellie. Nellie notara a timidez dela e assumiu o posto. Ela sempre podia contar com Neilie. Dan estava ocupado demais se empanturrando de bolo de limão para perceber qualquer coisa. Hilary sorriu e se levantou:

— Pois é, vamos direto ao ponto, como se costuma dizer. Grace me mandou uma carta e pediu que eu entregasse algumas coisas a vocês. — Ela andou até um armarinho e o abriu. Tirou vários objetos e voltou para a cadeira, colocando-os no colo. Amy sentiu um impulso de pegar aquelas coisas e correr para olhar sozinha, mas se forçou a tomar outro gole da bebida e ficar onde estava.

Hilary pôs um livro na mesa.

— Primeiro, este é o guia turístico do Egito que Grace usou por muitos anos. Ela queria que vocês ficassem com ele. — Ela empurrou o livro na direção de Amy.

Era um volume grosso, com a capa empenada e manchada, cheio de marcas de dedos nas páginas.

— Está desatualizado, é claro — Hilary acrescentou com um sorriso. — Mas, na verdade, as coisas não mudam muito por aqui.

Amy folheou o livro. Viu anotações nas margens, na letra floreada de Grace.

Comida ótima aqui, viagem de 1972.

Bom, aquilo não parecia ajudar muito.

— Este foi o último cartão de Natal que ela me enviou — continuou Hilary. — Tem uma mensagem nele para vocês.

Minha querida Hilary,

Um Feliz Natal e muito amor para você e os seus. Meeus netos devem chegar ao Cairo em breve. É hora de cobrar a promessa que você me fez tantos anos atrás.

Por favor, transmita esta mensagem a meus queridos Dan e Amy:

Tesouros,

Do Egito vêm muitas coisas maravilhosas.

Bem-vindos. Espero que vocês se divirtam aí. É um país que hoje só posso visitar nos meus sonhos, mas aceito isso com resinaçao.

Se eu tivesse sido metade da grande avó que deveria ter sido, teria levado vocês ai pessoalmente. Queria poder estar ai junto com vocês, enquanto seguem os passos que trilhei muito tempo atrás. Não se esqueçam da arte! Vocês sempre podem deixar o básico para o fim.

Com muito amor, Trace.

P.s.: A senhora Fennick está mandando lembranças pra S!

Amy e Dan olharam o cartão. A mão de Grace segurara a caneta e traçara aquelas linhas e floreios. Ela usara uma caneta-tinteiro, como sempre fazia com mensagens importantes. Havia um borrão no final do "g" de *"grande avó"*. Embora eles soubessem que ela estava doente quando escrevera, a caligrafia era forte e legível. Grace sabia que eles leriam aquilo depois que estivesse morta.

Mesmo o erro na palavra "resignação" fez Amy sentir tontura, como se a avó estivesse bem no quarto ao lado, escrevendo cartões de Natal e gritando:

— Me tragam um licorzinho por favor, meus anjos. Preciso dele para recuperar minha alegria natalina!

Ela tinha deixado uma mensagem para eles. Depois de tantas semanas encucados com aquilo, lá estava. E, no entanto, que carta era aquela? Era pessoal, pois ela sempre os chamava de tesouros, mas, ao mesmo tempo,

impessoal. Grace parecia tão alegre, incentivando os dois a conhecer o Egito. Como se a viagem deles fosse meramente turística.

Amy olhou para Dan. Sabia que a expressão no rosto dele espelhava a dela própria: perplexidade e mágoa. Que espécie de mensagem de despedida era aquela?

Dan estendeu a mão e pegou o envelope:

— O carimbo é do correio de Nantucket. Do ano passado.

Amy e Dan trocaram um olhar. Com isso, os dois voaram para longe daquela sala, daquela cidade estranha e quente, e foram parar num lugar que conheciam muito bem. Grace tinha uma casinha na cidade de Sconset, na ilha de Nantucket, litoral do estado de Massachusetts. Eles lembravam do céu azul e das nuvens que pareciam de algodão, do ar com gosto de sal. Grace assando espigas de milho temperadas com manteiga e limão. Grace gritando *O último que mergulhar é uma jiboia!* e o choque da pele com o mar frio, fresco.

— Lembra da velha Fenwick? — perguntou Dan.

Amy sorriu. Betsy Fenwick tinha sido vizinha deles. Amy não lembrava mais qual dos dois havia começado a chamá-la assim. Ela vinha de "uma das famílias mais antigas de Beacon Hili", em Boston, informação que dava um jeito de enfiar em qualquer conversa. Cuidava de seu jardim vestindo uma calça velha e um boné dos Yankees e censurava Grace por deixar suas rosas crescerem descontroladamente.

A senhora Fenwick não gostava de gatos em geral, e nutria um ódio especial por Saladin, que por algum motivo misterioso escolheu o jardim dela como banheiro particular. Grace dizia que não entendia qual era o problema. Afinal, não estava ajudando BetsyFenwick a economizar o dinheiro do fertilizante? Mas, como acontecia com todas as piadas, a senhora Fenwick também não tinha entendido aquela. Baniu Saladin do seu jardim e insistiu que Grace pendurasse um sininho na sua coleira. Saladin detestava aquele sininho. Ficava olhando para aquela coisa embaixo dele. *Eu sou um gato ou uma campainha?,* ele parecia dizer.

O sorriso de Amy esvaneceu. Lembrar de Nantucket a fazia sentir-se ainda mais confusa. Eles tinham tido tanto tempo! Nada para fazer além de aproveitar o verão. Todas aquelas longas tardes, vendo o sol se fundir no

mar... Tantas oportunidades de Grace dizer: *Ah,* a *propósito, vocês têm um direito de nascença. E um fardo. Preciso contar umas coisas.*

— "Deixar o básico para o fim" — NeIlie leu. — O que isso quer dizer?

— Sempre que nos levava num passeio, Grace não deixava a gente ler o guia turístico antes explicou Dan. — A gente tinha que olhar primeiro, e só *depois* ler o que outra pessoa tinha dito sobre o lugar.

Hilary tirou uma caixinha do colo e disse:

— E agora, minha promessa. Isto aqui ficou num cofre de banco no Cairo por mais de cinquenta anos. Grace me deu uma das chaves e ficou com a outra. Seu advogado a trouxe ontem para mim. Um tal senhor Mclntyre.

— O senhor Mclntyre está aqui no Cairo? — perguntou Amy.

— Um homem muito simpático, só um pouco travado. Fomos juntos ao banco e abrimos o cofre. Dentro, só tinha esta caixa. Ele disse que vocês chegariam ao Cairo em breve e era para eu abrir a caixa na frente de vocês. Estão vendo o lacre? É para mostrar que não foi violada. Bom, vamos lá.

Hilary quebrou o lacre. A tampa da caixa rangeu ao ser levantada. Havia um pequeno objeto embrulhado em linho.

— Posso?

Amy e Dan consentiram com a cabeça. Com cuidado, Hilary pegou o objeto e o desembrulhou.

Foram encarados por olhos de esmeralda, antiquíssimos e penetrantes. Era a estátua dourada de Sakhet.

CAPÍTULO 10

HILARY PRENDEU O FÔLEGO:

— Minha nossa! Se isso for autêntico, vale uma fortuna. Grace, você é mesmo malandra.

Você nem faz ideia do quanto, pensou Amy.

A única diferença entre a Sakhet que tinham em mãos e as que haviam encontrado na base dos Ekat era que esta possuía um belo pedestal de ouro. Amy olhou para a deusa. Desgastara-se com o tempo, mas continuava feminina e forte.

— Muito louca! — disse Nellie.

— Se for falsa, é uma falsificação muito boa — disse Hilary. Ela hesitou.

— Que foi? — perguntou Amy.

— Bom. Na primeira viagem de Grace ao Cairo, a que fizemos juntas em 1949, ela me pediu um favor. Um favor de amiga, ela disse. Perguntou se eu conhecia um falsificador experiente, alguém que conseguisse produzir uma cópia quase perfeita. E, por acaso, eu conhecia. Grace sabia que meu pai, que era comerciante de antiguidades, mandara fazer cópias falsas de suas peças mais valiosas durante a guerra. Só para o caso de os alemães tentarem roubá-las. Eu dei o contato da pessoa para ela e nunca mais ouvi falar nada sobre o

assunto. Ou seja, isto pode ser uma falsificação muito boa. Alguém acrescentou este pedestal cafona depois, obviamente.

— Obviamente — concordou Amy, ficando vermelha. Na verdade, ela tinha achado o pedestal bem bonito. Era evidente que ela ainda tinha muito a aprender sobre estátuas autênticas.

Amy trocou um olhar com Dan. Grace mandara fazer uma cópia falsa. Seria possível que Grace tivesse roubado a Sakhet original, a que fora encontrada por Howard Carter, e a tivesse substituído por uma cópia? Bae havia lhes contado que as estátuas ficaram escondidas durante a guerra e foram necessários alguns anos para recuperá-las e construir uma nova base para os Ekaterina. Na confusão, será que Grace podia ter se apoderado de uma delas? Será que aquela podia ser a Sakhet original que Howard Carter havia encontrado? Não era de admirar que nem com técnicas modernas de análise haviam conseguido encontrar um compartimento secreto!

Ela releu a mensagem que Grace havia deixado para eles.

Do Egito vêm muitas coisas maravilhosas...

Amy lembrava, de uma pesquisa que fizera na escola, que, quando Howard Carter encontrara a tumba do rei Tutancômon, foi o primeiro a olhar lá dentro. Quando lhe perguntaram o que estava vendo, respondeu apenas: Coisas maravilhosas. Será que Grace estava citando o arqueólogo para dizer a eles que a Sakhet já havia pertencido a Carter?

Só havia um jeito de descobrir: se aquela Sakhet tivesse algum compartimento secreto, então ela era a verdadeira. Amy sentiu um calafrio na espinha. Katherine Cahill talvez tivesse segurado aquele mesmo objeto. Talvez tivesse colocado uma dica dentro dele com suas próprias mãos.

— Se vocês precisarem se certificar da autenticidade da estátua, por acaso tenho um perito aqui na minha casa — ofereceu Hilary.

— Eu — disse Theo Cotter, entrando na sala.

Amy, Dan e Neilie ergueram o rosto com olhares culpados. Sabiam que o tinham deixado em apuros na Casa Sennari.

— Você conhece ele? — Nellie cuspiu.

Hilary deu um sorriso.

— Mais ou menos.

Theo se debruçou e beijou a mulher.

— Olá, vovó. — Ele virou-se para Amy, Dan e Nellie. — Ah, aqui estão os culpados. Deixa eu dar uma dica a vocês três: os curadores às vezes se incomodam quando alguém arremessa objetos num museu. Tive que dar algumas explicações.

Nesse instante, Theo avistou a Sakhet. Deu um longo assobio em voz baixa:

— Que é isso? Então vocês encontraram um negociante verdadeiro depois que nos separamos.

— Não, Theo — disse Hilary. — Eles chegaram a essa peça por um caminho diferente. — Ela se dirigiu aos três: — Preciso confessar uma coisa. Theo voltou para casa e me falou do encontro no mercado de Khan. Ele me disse seus nomes.

— Mas e o nosso hotel? Como você sabia onde estávamos hospedados? — perguntou Amy.

Theo mostrou um cartão de embarque com alguma coisa rabiscada. Era um número de telefone, escrito na letra de Neilie. Eles tinham ligado para o serviço de reservas do hotel pouco antes de embarcar no avião.

— Podem me chamar de Sherlock Holmes. Só não me façam usar aquele chapéu. — Ele pegou a estátua e passou os dedos nela. Disse numa voz sussurrada: — Sakhet. A deusa mais poderosa de todas. Deusa da divina retribuição e da vingança. Diz a lenda que Rá uma vez a enviou contra seus inimigos e ela quase destruiu toda a raça humana.

— Nossa, essa deusa é praticamente o Rambo — disse Dan.

Nellie parecia impressionada:

— Você parece saber do que está falando.

— Theo é egiptólogo — disse Hilary com orgulho. — Foi curador do Museu Britânico.

— Achei que você tinha dito que era guia turístico. — comentou Nellie.

— Durante as férias, quando eu estava fazendo graduação em Cambridge — respondeu Theo. — Se vocês querem vender a Sakhet, posso contatar umas pessoas pra sondar o mercado e...

— Não! — Amy e Dan gritaram juntos.

— Quer dizer, ela tem valor sentimental — Amy acrescentou depressa. Ela olhou de relance para Dan. Como de costume, os dois conseguiram se comunicar sem precisar se falar. Ambos sabiam que precisavam de ajuda. Precisavam confiar na melhor amiga de Grace. A avó certamente tinha algum motivo para tê -lo conduzido até ali.

— Achamos que Grace deixou uma mensagem pra gente dentro dessa estátua — revelou Amy. — Estamos procurando... uma herança de família. Acreditamos que talvez seja uma dica.

— Mas será que a herança não é justamente isto? — perguntou Hilary apontando para a estátua. — Se Theo acha que é verdadeira, talvez seja bem valiosa.

— O valor é inestimável, na verdade — disse Theo. — Mas é claro que sempre há quem esteja disposto a colocar preço no que não tem. Geralmente quem tem montanhas de dinheiro.

Amy e Dan hesitaram outra vez.

— Quer dizer que vocês estão procurando uma coisa ainda mais valiosa? — perguntou Theo.

— Bom — adiantou-se Neilie —, quando se trata de uma herança de família, o valor está nos olhos de quem vê, não é verdade? Faz séculos que minha família passa adiante um vaso horroroso em formato de abacaxi.

Dan pegou a Sakhet. Amy observou o irmão. Percebeu pelo seu olhar que alguma coisa começava a funcionar no cérebro dele. Um grande egiptólogo como Howard Carter não conseguira descobrir o segredo de Sakhet, mas ela apostava na genialidade ensandecida de seu irmão de 11 anos.

— Lembra que a velha Fenwick mandou construir aquela cerca só pro gato não entrar? ele perguntou. — Lembra que não funcionou?

— Saladin descobriu como abrir o trinco — respondeu Amy. — Ele pulava em cima e com uma pata puxava a tábua da cerca, depois...

— ... ao mesmo tempo — completou Dan —, empurrava o trinco com o nariz, O que, por algum motivo bizarro, fazia o negócio abrir.

— A senhora Fenwick nunca entendeu como ele conseguia entrar.

— Foi aquele lance de empurrar e puxar ao mesmo tempo. Pareciam duas forças opostas, mas, na verdade... — Dan empurrou com um dedo o nariz da estátua e puxou seu pescoço.

— Não! — Theo gritou, horrorizado. — Não faça...

Theo deu um passo à ftente, como se pudesse impedir Dan. Todos levaram um susto quando, de repente, a cabeça da estátua dobrou para a frente, revelando uma pequena abertura. Dan espiou lá dentro.

— Acho que tem alguma coisa aqui dentro.

— Deixa eu ver. *Por favor*. — Theo correu até uma escrivaninha no canto da sala, pegou uma bolsinha e tirou uma pinça comprida. — Posso?

Relutante, Dan entregou a estátua. Theo a colocou sobre a mesa, depois enfiou a pinça com cuidado dentro dela. Ele mexia os dedos delicadamente. Devagar, a custo, tirou um papel enrolado de dentro da estátua.

— Papiro! De que época? — perguntou Hilary, com a voz trêmula de entusiasmo.

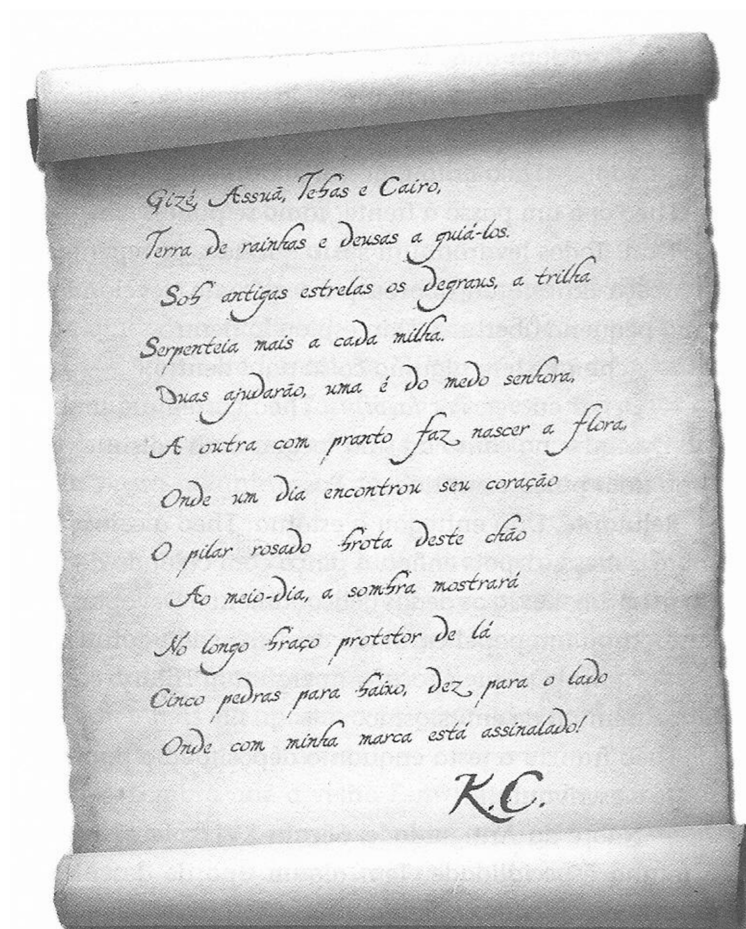
Theo franziu a testa enquanto depositava o papiro sobre a escrivaninha.

— Não é da Antiguidade. Século XVI, talvez? Não é minha especialidade. Tem algum tipo de desenho atrás e algo escrito na frente.

— Temos que ver o que está escrito. Como vamos desenrolar? — perguntou Amy.

— Com cuidado. — Theo segurou nas pontas do papel e o desenrolou. — Que loucura — ele resmungou. — Isso devia ir direto para um museu.

Mas ele também se debruçou sobre o papiro, ansioso para ler o que dizia.


Gizé, Assuã, Tebas e Cairo,
Terra de rainhas e deusas a guiá-los.
Sob antigas estrelas os degraus, a trilha
Serpenteia mais a cada milha.
Duas ajudarão, uma é do medo senhora,
A outra com pranto faz nascer a flora.
Onde um dia encontrou seu coração
O pilar rosado brota deste chão
Ao meio-dia, a sombra mostrará
No longo braço protetor de lá
Cinco pedras para baixo, dez para o lado
Onde com minha marca está assinalado!
K.C.

— K.C. — Dan sussurrou para Amy. — Katherine Cahilfl

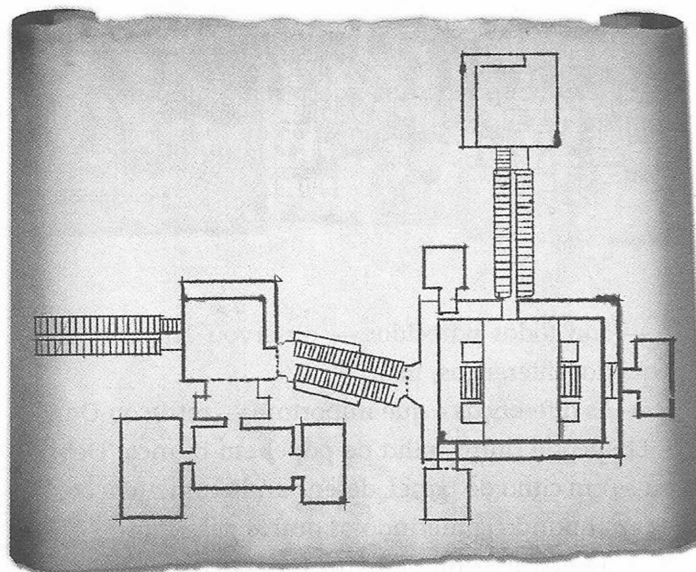
Aquilo era inacreditável. A própria Katherine tinha escrito a mensagem. O que significava que Grace era a única que soubera daquilo, e agora eles eram os únicos. Amy agarrou o braço de Dan.

— "Duas ajudarão, uma é do medo senhora" — leu Dan.

— Sakhet também é chamada de Senhora do Medo — disse Theo.

— Vamos olhar o desenho.

Com cuidado, Dan virou o frágil papiro.



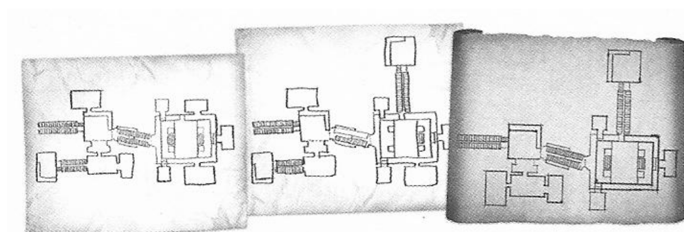
Era um desenho parecido com aqueles que tinham visto na base secreta dos Ekaterina.

— Você sabe dizer o que é isso? — Amy perguntou aTheo.

Ele examinou com bastante atenção.

— Eu diria que é o mapa de uma tumba, mas teria que pesquisar para descobrir de qual. Há centenas de tumbas em todo o Egito, e outras ainda hoje estão sendo descobertas.

— Peraí. — Dan arrancou duas folhas de um bloco de papel na escrivaninha, Rapidamente, ele esboçou os outros dois desenhos que tinham visto na base Ekat, lembrando-se deles detalhadamente. Colocou os dois papéis junto ao terceiro e olhou-os lado a lado.

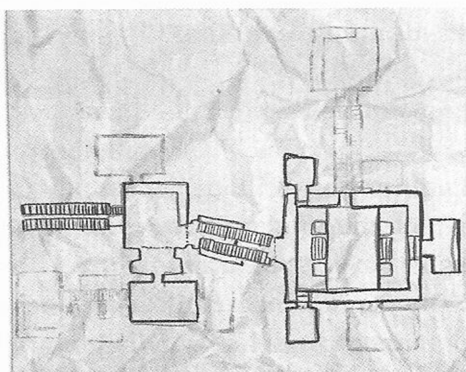


— São todos parecidos — observou Theo. — Com pequenas diferenças, mas...

— As diferenças é que importam — retrucou Dan.

Ele pegou outra folha de papel em branco. Debru çou-s em cima do papel, desenhando com atenção, de vez em quando conferindo os outros desenhos.

— Temos que olhar os três, depois simplesmente eliminar tudo o que não seja comum a todos. — Ele mostrou para Theo o desenho que tinha feito. — Agora você reconhece?



Theo examinou o mapa por um longo momento. Então, andou até a estante e tirou um livro chamado *Vale das Rainhas*.

Abriu numa página:

— Aqui está. Bem o que eu achei que fosse. Esse é um mapa da tumba da rainha Nefertari. — Ele ergueu o olhar. — Mas por quê?

CAPÍTULO 11

— ACHEI QUE FOSSE NEFERTITI — DISSE AMY, TENTANDO GANHAR tempo.

Theo fez que não com a cabeça.

— Não, essa é outra rainha. A rainha Nefertari foi a esposa favorita de Ramsés II. Ele reinou no Egito por 66 anos durante a Décima Nona Dinastia, Novo Império, 1279 a 1213 a.C.

Dan deu um suspiro. Parecia que havia palestras informativas esperando por ele em toda parte.

— A tumba de Nefertari só foi descoberta em 1904, pelo arqueólogo italiano Ernesto Schiaparelli. Ficou fechada por um bom tempo, uns trinta anos, pois as pinturas nas paredes são muito frágeis. É esculpida em calcário e os relevos foram danificados pela água, a umidade e o sal. Então, ela passou por uma grande operação para a sua preservação no começo dos anos 1990. Agora é considerada a tumba mais bonita de todo o Egito.

— Mas eu não entendo — indagou Hilary. — Não dá pra tirar nada dessa tumba. Por que vocês têm um mapa dela?

— É difícil explicar — respondeu Amy. — Talvez tenha uma mensagem pra gente lá.

— Entendi — disse Hilary, embora obviamente não tivesse entendido nada. — É um tipo de jogo?

— Exatamente — esclareceu Amy. — Uma espécie de caça ao tesouro.

— Família maluca, não? — acrescentou Dan.

— Bom, talvez vocês tenham um problema — disse Theo. — As pinturas ainda tão frágeis que eles restringem o acesso à tumba. É muito difícil entrar lá para dar uma olhada. Talvez eu consiga entrar com um pouco de lábia...

— Por que vocês não deixam Theo guiar vocês até Luxor? — sugeriu Hilary. — Meu médico me proibiu de viajar... Ele se preocupa à toa, só tenho 79 anos. Mas Theo será o guia perfeito. Tá levou excursões para Luxor várjas vezes. Conhece cada centímetro do vale. Deixem que nós os ajudemos, meus queridos. Pela Grace. Não pude fazer nada por ela em seus últimos dias. Deixem-me fazer isso. Vou telefonar e reservar as passagens de avião agora mesmo.

Dan concordou com a cabeça.

— Tudo bem — assentiu Amy.

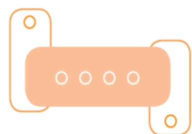
Hilary olhou para a Sakhet:

— Tenho uma sugestão, queridos. Agora que vocês acharam a mensagem, talvez queiram guardar a Sakhet de volta no banco. Ela é valiosa demais para ficar levando na bagagem. Eu faria isso para vocês com prazer.

Amy pegou a estátua e a embrulhou outra vez no linho macio. Abriu o zíper da pochete. A Sakhet cabia perfeitamente.

— Obrigado, mas vou guardá-la comigo. — Hilary provavelmente tinha razão, mas ela não conseguia se separar da estátua que Grace queria que ficasse com eles, nem mesmo por um dia.

Restavam tão poucas coisas. O colar de jade e agora a Sakhet. Grace tinha estendido a mo e mandado algo para eles. Amy não entendia para onde a avó os estava conduzindo, nem por que, mas nião ia se separar da estátua.



O sol mal tinha nascido quando Hilary bateu de leve nas portas dos quartos. Eles tomaram o café da manhã com pressa e Hilary lhes deu outra carona alucinante até o aeroporto. Ela se ofereceu para tomar conta de Saladin enquanto estivessem fora.

— Fiquem sossegados, meus fofuchos — ela disse quando Saladin chiou para ela. — Adoro felinos. Vamos nos dar muito bem.

O aeroporto estava quente e lotado. Eles estavam na fila, esperando os cartões de embarque. O voo para Luxor durava pouco mais de uma hora. Chegariam lá no meio da manhã, se não houvesse atraso.

Amy se sentia esmagada pela multidão. Havia tantas pessoas se empurrando para chegar aos balcões de atendimento e aos portões que ela estava com dificuldade para respirar. Segurou com força o guia turístico de Grace, que folheara na noite anterior, antes de dormir. Era evidente que a avó o usara em muitas viagens ao Egito. Amy percebeu aquilo pelas tintas diferentes das canetas que Grace tinha usado. Ela anotara as datas das viagens no verso da capa, desde os anos 1960 até os 1990. A maior parte das anotações era sobre cafés de que ela tinha gostado ou nomes de motoristas que contratara. Muitos deles tinham sido riscados. Amy se perguntou por que Grace simplesmente não comprara outro guia. De qualquer modo, não havia nenhum recado na margem do tipo: *É aqui que vocês vão achar a pista de Katherine!*

Havia uma cor de tinta que parecia mais recente. Ela olhara no verso da capa, mas, diferentemente das outras, não tinha data. Amy vasculhara aquele livro até as letras ficarem embaralhadas, procurando anotações naquela tinta azul-clara. Acabou adormecendo com o guia ao lado.

Theo os conduziu até o portão. Eles ficaram do lado, observando passageiros desembarcarem de um voo vindo de Roma.

De repente, ouviram um tumulto.

— Saca só, chefia. Geralmente vem alguém me dar escolta quando eu saio do avião. Os fãs costumam *idolatrar* o Wizard. Eles mostram que me amam e às vezes a coisa fica meio intensa demais, manja o que eu tô falando?

Dan soltou um grunhido.

—Ah, não.

Amy puxou o irmão para trás de uma pilastra e fez um gesto desesperado para Nellie. Theo foi junto, curioso.

Eles espiaram de trás da coluna. Jonah Wizard e seu pai estavam parados em frente a uma mulher alta de uniforme, funcionária do aeroporto.

— Olha essa muvuca! — disse Joncih Wizard.

— Esses passageiros estão esperando o próximo voo — a mulher explicou.

Eles ouviram o tilintar das correntes de ouro de Jonah quando ele se voltou novamente para a funcionária e falou:

— Tranquilo. A gente vai passar na frente. Mas, assim que eu puser o pé lá fora, vai dar um rebu federal. Pode crer!

— Um rebufo? Não entendi, senhor.

— Vou entrar em contato com o seu chefe para reclamar da falta de segurança para o meu filho — ameaçou o senhor Wizard. — E aqui não tem sinal para o meu BlackBerry!

— Vocês conhecem esse jovem cavalheiro? — Theo perguntou em voz baixa.

— Eu não usaria o termo cavalheiro — advertiu Dan.

— Os cavalheiros de verdade podem ficar ofendidos.

— Você não conhece ele? — perguntou Amy. — É superfamoso nos Estados Unidos.

Vendo o vácuo no rosto de Theo, Nellie disse:

—Você deve conhecer "Veste a calça, popozão"... "Na balada das quebrada"? "Tu faz o fino do meu funk"?

— Que língua você está falando? — perguntou Theo.

— A língua das ruas — respondeu Dan. — Só que das ruas de Beverly Hills.

Theo levantou as mãos:

— Socorro, preciso de um tradutor! — exclamou.

— Ele é uma baita enganação — disse Dan, seco. — É só isso que você precisa saber.

Amy decidiu não mencionar o fato de que Jonah era um Cahill, primo deles. No começo, ficara empolgadíssima ao descobrir que o famoso astro do hip-hop era parente dela. Como membro do clã Janus da família Cahill, Jonah havia aceitado o desafio das 39 pistas. É claro que, para ele, era fácil abrir mão de um milhão de dólares. Provavelmente ele gastava isso por ano apenas com gorjetas.

De óculos escuros, Jonah foi depressa para a sala de espera. Levantou as mãos para afastar qualquer um que viesse pedir coisas. Mas não havia ninguém.

— Mande um carregador buscar as minhas malas. Minha limusine vai ficar esperando logo na saída — ele disse à funcionária.

— Sinto muito, mas o senhor terá que seguir para a sala de retirada de bagagem.

Jonah parecia indignado.

— Eu não faço retirada de bagagem, tia. A bagagem vem até mim.

— Meu nome é senhorita Senadi. Com licença, senhor, se não tem mais nada...

— Você não sabe quem eu sou?

Pelas costas de Jonah, a funcionária revirou os olhos para os outros funcionários no balcão.

— Sinceramente, não.

Jonah parecia abalado. Tirou os óculos escuros.

— Pai! — ele gemeu.

— Calma, fica tranquilo, Jonah — disse o pai num tom consolador. — Aparentemente, aqui no Egito eles ainda não estão cientes de que você é uma grife internacional.

— Quer dizer que... ninguém sabe quem eu sou?

— Ei, Jonie, fica calmo. Tenho certeza que...

— Eles não sabem que eu sou uma bomba?

Uma mulher mais velha virou-se na mesma hora.

— Alguém disse bomba?

A senhorita Senadi falou depressa num walkie -talkie. — Segurança. Segurança, temos um cinco-um-zero.

— Caramba — disse Dan. — Será que nosso amigo falou a palavra errada?

— É melhor a gente embarcar no nosso voo — apressou-se Amy. — Estou sentindo que o Jonah vai ficar preso num interrogatório por um tempinho.

— Seguranças, meus chapas! — Jonah estendeu os braços. — Já tava na hora! Rola vocês me darem um help pra me acompanhar até a limusine...

— Com licença, senhor — disse o segurança, agarrando Jonah pelo braço. — O senhor vai ter que nos acompanhar.

— Não encosta — reagiu Jonah. — Não aceito que toquem na mercadoria.

Um segundo segurança agarrou o outro braço e os dois o levantaram no ar.

— Papai!

Amy e Dan estavam dando risada quando os seguranças levaram Jonah e o pai embora, em marcha forçada.

— Não vejo uma comédia tão boa desde que aquele homem da TV soltou um peido no meio da previsão do tempo — disse Dan, deliciado. — Tomara que ele fique preso por pelo menos um ano.

— Licença? — Um educado rapaz egípcio estava parado ao lado de Dan. — Para você, de um amigo.

Ele entregou um bilhete para Dan.

— Quem mandou isso?

— Pagou bakshish de 30 dólares. Agora tchau! — O jovem saiu correndo antes que eles pudessem fazer mais perguntas.

Dan desdobrou o bilhete. Era o desenho de uma ferramenta comprida.

— Que é isso? — perguntou Dan. — Uma enxada?

— Não é uma enxada de jardinagem — disse Theo, examinando o desenho. — É uma antiga ferramenta egípcia de embalsamamento, usada no processo de mumificação. Eles usavam para retirar os miolos do corpo.

Enfiavam pela narina, sacudiam pros lados um pouco até o cérebro virar líquido e escorrer pelo nariz.

— Legal! — exclamou Dan.

— Concordo plenamente. Mas eles não preservavam o cérebro como faziam com os outros órgãos. Os pulmões, estômago e intestinos eram retirados e cada um era colocado num vaso canópico diferente.

— Uau — disse Dan. — Impressionante. Muito bem, galera das antigas!

—Um amigo seu mandou a mensagem? — perguntou Theo. — É uma boa piada, imagino.

— Ah, sim — observou Amy. — Engraçadíssima.

CAPÍTULO 12

ENQUANTO ELES SEGUIAM PELAS RUAS SINUOSAS DE LUXOR, DAN começou a ter a sensação de que o Egito era o forno e ele era o peru. Ficou contente quando o táxi seguiu uma ruazinha até um cais e ele viu a água verde do Nilo. Não sentiu menos calor por isso, mas era melhor que olhar para a areia.

— Onde nós vamos ficar? — Amy perguntou para Theo enquanto todos pegavam suas bagagens no porta-malas.

Theo pagou o taxista.

— Ali. — Ele apontou com o queixo para um pequeno veleiro branco, oscilando na água.

— Uau — disse Dan. — Um barco? Que demais.

— Também acho — concordou Amy. — É meio demais pra mim.

Amy nunca tinha sido muito fã de barcos. E não ajudava o fato de ela quase ter se afogado ao ser jogada de um iate num canal de Veneza.

— Esses barcos se chamam *dahabiyyas* — explicou Theo. — Estão vendo os veleiros menores ali no rio? Se chamam *feluccas*. Nenhuma viagem ao Egito está completa sem um passeio de *felucca* no Nilo. Meu amigo disse que podemos passar umas noites no barco dele enquanto ele está no Cairo.

— Ei, talvez depois que a gente for ver a tumba da rainha Frenetari possamos nadar um pouco no rio — sugeriu Dan.

— O nome dela é Nefertari e você pode fazer qualquer coisa menos nadar no Nilo — disse Theo. — Tem parasitas, vermes, que podem deixar você muito... di gamos.. desconfortável. As larvas penetram na pele. E, é claro, de vez em quando você encontra um crocodilo.

— 0k, já me convenceu — concordou Dan.

— Vamos, é hora de embarcar com o equipamento.

A cabine era estreita, arrumada, e reluzente. Havia lugar para duas pessoas dormirem na proa e os assen to serviriam como uma cama improvisada. Pratelei ra de livros forravam as paredes da cabine. Theo disse que ia dormir no convés.

— Caso apareça algum crocodilo — ele disse, piscando — Agora preciso arranjar aquelas autorizações para entrar na tumba. Talvez seja necessário usar um pouco de lábia. Vocês vão querer descansar mais tarde, quan d ficar quente de verdade, mas ainda têm tempo de explorar um pouco o vale. Por onde querem começar?

Amy folheou o guia turístico de Grace. No avião ela tinha percebido que a avó circulara o nome de um lugar com tinta azul-clara.

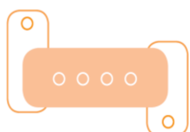
— Grace escreveu no guia que o Templo de Hatshep su era imperdível.

— Ótimo. Os dois lugares são do lado Tebas do rio. — Theo olhou para Nellie. — Quer conhecer a sala de um arqueólogo de verdade?

— Jura? Eu ia adorar.

Dan revirou os olhos para Amy. Eles nunca tinham percebido que aquela *au pair* desbocada podia ser tão... feminina. Ele quase tinha ficado enjoado ao ver os dois dividindo o mesmo saquinho de amendoim no avião. Tinha saudade do tempo em que Nellie idolatrava o iPod.

— Vamos andar até a Corniche, aquela avenida que beira a praia, e eu ponho vocês dois num táxi Theo disse para Amy e Dan. Nellie e eu encontramos vocês no Templo de Hatshepsut daqui a exatamente uma hora. Depois, vamos para a tumba.



— Não acredito que o Theo falou que ainda não está quente — disse Amy. — É impossível ficar mais calor que isso.

Ela estava prestes a continuar reclamando, quando, à sua frente, uma visão incrível ergueu-se no ar trêmulo do deserto. O Templo de Hatshepsut ficava ao pé de penhascos elevados. Era construído em três níveis, com um desfile de colunas na frente. Uma série de rampas e escadas levava até a entrada.

— Não é incrível? — ela disse.

— Que parte? A areia? Ou a areia?

— Aqui estamos nós, pisando sobre o mesmo chão que as pessoas pisaram milhares de anos atrás. Eu estava lendo no guia...

— Alerta: palestra disse Dan, erguendo dois dedos cruzados.

— ... que esse templo foi projetado por Senenmut, o arquiteto da rainha, na Décima Oitava Dinastia. Depois foi danificado por Ramsés...

— Talvez ele não fosse muito fã...

— ... e até foi um monastério cóptico por um tempo. Eles ainda estão escavando partes do templo. Acho que devíamos ir direto pros relevos da viagem da rainha à terra de Punt. Veja o que Grace escreveu.

Esses relevos são imperdiveis!
Mesmo no Novo Império, uma rainha
já precisava fazer compras de Natal.

— Onde é Punt? — Dan caçoou. — É perto de *Arrot e Peidt?*

— Ninguém sabe direito. Eles acham que é onde hoje fica a Somália. Hatshepsut liderou uma expedição para lá.

Eles chegaram a uma rampa larga, com degraus baixos no centro. O calor rebatia na pedra pálida e castigava seus corpos. Os tons claros de amarelo e bege, da areia e dos penhascos, transformavam tudo num brilho pulsante. Amy ficou grata a Theo por ter insistido que eles usassem óculos de sol e bonés, pois o clarão ofuscava seus olhos. Conforme eles subiam, Amy foi ficando cada vez mais assombrada. Sentia-se zonza com o calor, o céu azul, os penhascos e a gran diosidad das estátuas e colunas.

— Lá está ela! — Amy apontou para uma estátua de Hatshepsut.

— Caramba, ela tem barba! A rainha é um cara!

— Ela chamava a si mesmo de rei — explicou Amy. — Por isso, às vezes é retratada com barba.

— Mesmo assim — concluiu Dan. — Ainda acho que ela devia se barbear.

— Vamos, acho que os relevos estão no segundo nível. — Consultando o guia, Amy parou por um instante, meio confusa. Dan aproveitou e tentou espiar por cima do ombro dela.

— Acho que é pra direita — Amy ponderou.

— Não, esquerda.

— Direita. Depois esquerda, depois direita de novo...

— E vira e chuta e pula. Isso é um mapa ou uma aula de aeróbica? — Dan tentou agarrar o livro. — Deixa eu ver.

— Não, já entendi.

— Eu ainda nem vi esse guia!

Amy arrancou o livro das mãos de Dan.

— Não quero que você perca ele.

— Vou perder é a paciência com você — resmungou Dan, enfezado.

Amy foi andando depressa na frente. Não queria que o livro saísse de suas mãos. As mensagens de Grace estavam lá e, mesmo não conseguindo decifrá-las, não deixaria que Dan derramasse refrigerante nas páginas ou o esquecesse em algum café.

Dan fez uma careta e foi se arrastando atrás da irmã. Amy continuou olhando para cima, observando as paredes imensas e conferindo o guia, ansiosa para encontrar o lugar exato. De repente, ela parou e apontou:

— Ali! A foto de Grace foi tirada bem ali. — Ela se posicionou onde Grace estava na foto e fez a mesma pose.

— Não entendo — disse Dan. — Um zilhão de anos atrás, uma rainha foi pra Punt. Não vejo o que isso tem a ver com a gente. Ei, olha aquilo.

Ele apontou para uma figura baixa, atarracada. Amy consultou o guia.

— Essa é a rainha de Punt. Ela deu plantas de mirra de presente para Hatshepsut.

— Tanto faz, mas ainda acho que ela devia maneirar no *falafel*.

— Por que a Grace trouxe a gente aqui? — Amy se perguntou em voz alta. — O que ela está tentando nos dizer? É tão frustrante!

— Mas pelo menos ela está tentando — disse Dan. — Finalmente deixou alguma coisa pra gente investigar. Deixou a dica do Saladin pra gente saber como abrir a estátua. Só nós dois íamos saber disso.

— Acho que você tem razão. — Amy olhou para o vale, depois para a fila de turistas que subiam a vasta rampa. Ela avistou duas figuras ficando meio para trás.

— Olha! ela gritou. — É o Jonah e o pai dele.

— Ah, não — resmungou Dan. — Eu estava torcendo pra eles ficarem presas pelo menos pra sempre.

De repente, o clarão fez os dois se sentirem expostos a todos os olhares. Dan e Amy olharam para baixo quando as figuras minúsculas de Jonah e seu pai repentinamente pararam de subir. Jonah sentou na própria rampa, como se estivesse com tanto calor e tão cansado que não conseguisse dar nem mais um passo. Seu pai se agachou, obviamente tentando convencê-lo a se levantar.

— Cadê o Theo e a Nellie? — Dan perguntou. — A esta hora eles já deviam estar aqui.

Amy sentiu um calafrio de apreensão.

— Vamos atrás deles.

Eles subiram para o nível seguinte. Chegando ao topo da rampa, avistaram Theo e Neilie perto de uma coluna.

— A gente estava procurando vocês! — Nellie exclamou, embora mais parecesse que ela e Theo estavam parados ali, de mãos dadas.

— Tenho uma notícia ruim e uma boa — disse Theo. — A ruim é que a tumba de Nefertari está fechada.

— Droga! — falou Dan.

— A boa é que o Theo é incrível — declarou Nellie, lançando um olhar estrelado para ele. — Vocês tinham que ter visto ele em ação. Chegou no cara mais chefão de todos, um tal arqueólogo bambambã, e começou a falar que estava escrevendo um livro. O cara ficou tão impressionado com a inteligência do Theo que deu uma autorização pra gente visitar a tumba! Foi genial!

— Que exagero. Não foi nada — retrucou Theo.

— Não seja tão modesto — disse Nellie.

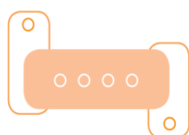
— Não foi por minha causa. Foi tudo graças à sua simpatia.

— Hã... olá? Fofucho e fofinha? — chamou Dan. — Lembram da tumba?

— Sim, senhor — afirmou Theo. — Melhor a gente ir agora, antes que ele mude de ideia.

— Não dá pra gente sair pelos fundos? — perguntou Amy. — Eu queria... hã... ver umas coisas que os turistas não veem.

— Eu sempre conheço a porta dos fundos, lembra? — perguntou Theo. — Mas não esqueçam uma coisa: quando se entra numa tumba, só tem uma saída.



— Certo, temos que seguir algumas regras — explicou Theo. — Esta tumba se encontra numa condição muito delicada, por isso é totalmente proibido usar cômeras, flashes ou lanternas. Quando eu abrir a porta, as luzes vão acender. Vocês vão conseguir enxergar, mas a iluminação não é muito forte. Os afrescos precisam ser protegidos a todo custo. Tomem cuidado com os degraus e não encostem em nenhuma parede. E quando eu disser que é hora de ir embora nós vamos, sem reclamações. Temos dez minutos. Combinado?

Todos concordaram com a cabeça. Theo abriu uma porta pesada de ferro. Desapareceu dentro da tumba e eles foram atrás, descendo os degraus estreitos. Conforme eles desciam, o ar foi ficando mais fresco e com cheiro de pó. Amy ouviu Dan tossir. Torceu para que o ar carregado não agravasse a asma dele.

Theo disse numa voz sussurrada:

— A tumba foi achada vazia. Ladrões já tinham roubado tudo, muito antes. Mas ela possui um tesouro maior.

Eles adentraram a primeira sala. Amy prendeu a respiração. Belas cores vivas saltaram aos seus olhos. Vermelho, dourado, verde, azul.

— Ali, aquela é Nefertari. Seu nome significa “a mais bela” — explicou Theo.

A figura vestia uma túnica branca transparente, com um largo colar dourado e brincos em formato de flores.

— Que bonita — disse Nellie. — Eu super quero as joias dela.

— Olhem pra cima — sussurrou Theo.

Sobre suas cabeças o teto estava colorido de azul- escuro. Havia várias fileiras de estrelas douradas pintadas com poucos e leves traços. Amy ficou até tonta.

— A tumba foi projetada de modo que Nefertari dá adeus à vida conforme descemos — explicou Theo. Ele foi mostrando o caminho, descendo um lance de degraus estreitos. — Diversos deuses saúdam e aiudam a rainha na sua jornada. A última sala é a do túmulo.

Eles passaram por outras pinturas nas paredes, vividas e belas.

— Esse é Osíris — apontou Theo. — Deus do mundo subterrâneo, marido de Ísis. Quando entramos em qualquer tumba, entramos no mundo de Osíris.

Eles passaram para a câmara funerária.

— Aqui, Ísis conduz Nefertari ao mundo subterrâneo — explicou Theo. — Vejam como Ísis segura a mão dela com carinho. E coloca a ankh, o símbolo da vida eterna, na boca da rainha.

Amy tinha esquecido da pista. Era difícil se concentrar com tanta cor e mistério à sua volta. Ela estava rodeada por um mundo antigo, e só conseguia ficar olhando para lá e para cá, tentando absorver o máximo de imagens que podia.

— Nossos dez minutos acabaram — avisou Theo.

— Mas não pode ser! A gente acabou de chegar! — surpreendeu-se Amy.

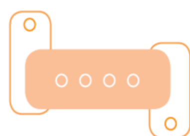
— O tempo para aqui embaixo, não é mesmo? Mas temos que ir. Vocês acharam o que estavam procurando?

— Não, mas foi incrível — respondeu Amy.

Como ela podia escolher um único hieróglifo ou desenho? Tudo era tão antigo, já existia milhares de anos antes de Katherine Cahill nascer. Katherine devia ter visto aquela tumba, caminhado por ela e se admirado com sua beleza,

assim como eles. Como podia ter deixado alguma coisa ali e garantir que seria encontrada? Não teria deixado um objeto; seus guias eram ladrões de túmulos, por isso ela sabia que nada ficaria a salvo.

Amy lançou um último olhar de relance para trás, enquanto eles subiam de volta para o ar livre e a luz do sol. *O que você deixou para a gente, Katherine?,* ela se perguntou.



Quando voltaram para o barco, viram um papel branco tremulando no mastro.

— Que é isso? — Amy perguntou, apreensiva.

— Quem sabe é um panfleto de pizzaria — brincou Dan. — Será que as múmias comem calabresa?

Eles pularam dentro do barco e chegaram mais perto. Neilie levou um susto. O papel tinha sido preso ao mastro com uma faca de aspecto assassino. A lâmina reluzia ao sol.

Eles se aproximaram para ler a mensagem:

Á morte virá em asas velozes
para quem perturbar
a paz dos que dormem.

— Nossa, que sinistro! — disse Nellie, sentindo um calafrio.

Theo tirou a faca e amassou o papel:

— Devem ser os moradores locais tentando nos assustar por diversão.

Amy não concordava.

— Mas o que isso quer dizer? — ela perguntou.

— É a maldição do faraó — explicou Theo. — Uma superstição boba, só isso. Quem violar uma tumba sofrerá uma morte terrível e precipitada. É coisa de filme de terror. Totalmente infantil.

Infantil? Dan olhou para Amy. *Jonah*, ele fez com a boca.

Nellie foi logo servir o almoço que eles tinham comprado no caminho:

— Tudo bem se a gente não falar de maldições de múmias antes de comer? Não faz muito bem para a digestão.

Dan e Amy sentaram em cadeiras afastadas dos ouvidos de Theo e Neilie, que conversavam enquanto comiam.

— Então o Jonah sabe que estamos aqui — concluiu Dan.

Amy pegou um pouco de babaganush com o pão achatado chamado aish merahrah:

— Tem razão. Deve ser ele. É bem o estilo dele.

— Ele prefere seguir a gente do que descobrir qualquer coisa sozinho — afirmou Dan. — Mas que coisa é essa?

Amy espremeu os olhos fixando o prato:

— Um tipo de pasta de berinjela, eu acho.

— Não, que coisa nós deixamos passar. A gente está boiando mais que o barco! Katherine Cahill nos levou até aquela tumba por um motivo. — Dan tinha decorado o poema bobo de Katherine. Então repassou os versos na cabeça, devagar.

Ele se sentou:

— Ei! Lembra daquele verso... Sob antigas estrelas os degraus. Achamos que ela estava falando do céu. E se na verdade eram...

— As estrelas douradas no céu da tumba! — gritou Amy.

— Os degraus! — concluiu Dan. — Nós olhamos tudo o que tinha nas paredes, mas por acaso examinamos os *degraus?* Temos que entrar de novo naquela tumba!

CAPÍTULO 13

IRINA SEGUROU COM FIRMEZA NO CORRIMÃO. NÃO PODIA CORRER O risco de tropeçar naquela escada íngreme. Tinha visto os irmãos Cahill saírem da tumba e sabia que devia ter alguma coisa ali. Com um pequeno explosivo, arrombou a fechadura e entrou. Ainda bem que ninguém viu. Os egípcios ficavam meio sensíveis quando alguém mexia nos seus preciosos sítios arqueológicos.

Irina chegou a uma pequena antecâmara. Estava rodeada por aquelas figuras egípcias todas iguais, algumas com cabeça de pássaro, outras com coroas, algumas segurando cajados curvos feito cobras. Ela enfiou a cabeça na sala ao lado. Mais do mesmo.

Mas as cores...

Ela voltou a se concentrar na tarefa. Mais degraus. Desceu com cuidado, agradecendo por ter vindo de tênis. Aqueles americanos sabiam fazer calçados esportivos, isso ela tinha que admitir. Irina ficou pensando no tênis porque estava ficando um pouco zonza. Era um truque que usava no serviço quando estava cansada ou irritada, sempre que suas emoções ameaçavam dominá-la. Concentrar-se no trivial.

Mas, por que ela estava se sentindo oprimida?

À sua esquerda, um chacal preto oferecia alguma coisa para uma rainha egípcia. Devia ser Nefertari. Irina não sabia nada sobre arte egípcia, mas de algum modo sabia que aquela bela rainha estava sendo acolhida no mundo subterrâneo. Deixaria sua vida para trás. A luz do sol, o rio, o palácio, o marido, os filhos... tudo lhe seria tomado.

Ela entrou na câmara funerária. Ali estava deitada a rainha, entre os pilares. Aquelas figuras de perfil, todas iguais, como uma história em quadrinhos, com seu cabelo preto e seus olhos opacos. Ela nunca tinha percebido antes...

Como são bonitas!

Aquelas pinturas... Ela imaginou os pintores ali, mergulhando os pincéis em potes de tinta dourada, verde e azul. Não estavam apenas pintando a história da morte de uma rainha. Estavam pintando toda vida. Toda morte. Toda alegria, toda perda.

Deslumbrada, Irina girou a cabeça devagar, absorvendo tudo aquilo. Ela sentiu uma coisa estranha no rosto, uma coisa tão fora do comum que no começo não reconheceu o que era. A sensação foi como uma brisa, alguma coisa fria naquele ar carregado. Uma lágrima.

O que estava acontecendo?

Grace, o que você está fazendo comigo?

Pois ela de repente estava sentindo a presença de Grace bem ali. Sua vivacidade, sua inteligência, sua impaciência... sua *bondade.*

Você foi bondosa comigo, ela disse lembrando de Grace. *Quando me chamou de boba, seu tom não foi agressivo. Tinha bondade nos seus olhos.*

Quem eu não consigo perdoar? Você... ou eu mesma?

Irina olhou fixo para a parede em frente. Renascimento, ela pensou. Aquela não era a câmara da morte. Era a câmara do renascimento.

Era possível aquilo acontecer? Depois de uma vida inteira, depois que escolha após escolha após ecolha a conduzia a um lugar pequeno e escuro... era possível *mudar?*

CAPÍTULO 14

NOTA MENTAL, REFLETIU DAN. NÃO PENSAR EM MÚMIAS SUGADORAS de cérebro enquanto estiver numa tumba da Antiguidade.

A escuridão ao redor os oprimia. Bastara empurrar a porta para abri-la. Theo devia ter esquecido de trancar. Sem a presença animada dele, a tumba parecia mais escura. Mais assustadora.

— V-você acha mesmo que devemos descer? — Amy sussurrou.

— Foi pra isso que a gente veio aqui — Dan respondeu, sem se mexer.

— Isso é ridículo. — Amy endireitou os ombros. — Vamos.

Ela fechou a porta devagar, mas deixou uma fresta. Dan ficou colado na irmã enquanto desciam a escada. Quando chegaram à antecâmara, ambos fitaram o teto. As estrelas pareciam um canteiro de flores douradas no fundo azul brilhante.

Eles olharam para a escada logo atrás.

— Vamos procurar nas pedras verticais — disse Amy. — As que ficam atrás dos degraus. Katherine ia preferir deixar uma pista ali, e não no próprio degrau.

Devia saber que séculos de pessoas pisando ali iam apagar qualquer mensagem.

Eles examinaram a pedra vertical de cada degrau, porém não havia nada para olhar além da velha superfície desgastada.

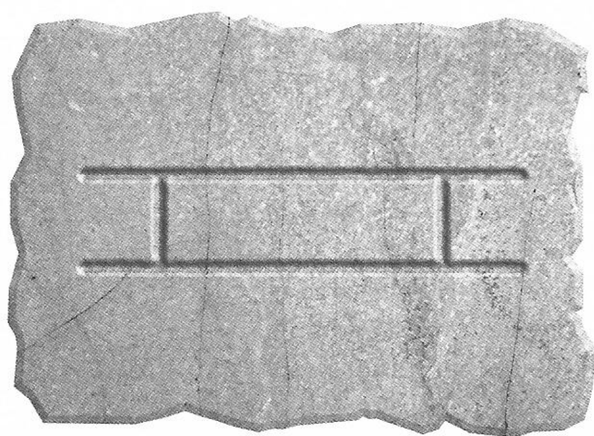
— Próxima escada — mandou Amy. — É melhor a gente se apressar.

Eles foram descendo a escada com cuidado, avançando mais fundo na tumba.

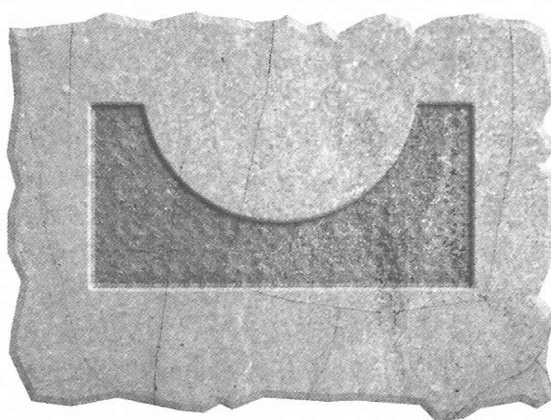
— Espera! — Amy sussurrou. Ela não sabia por que estava sussurrando, mas parecia errado falar alto naquele lugar.

Ela se agachou, espremendo os olhos na penumbra. Esqueceu o nervosismo quando a emoção da descoberta se alastrou pelo seu corpo.

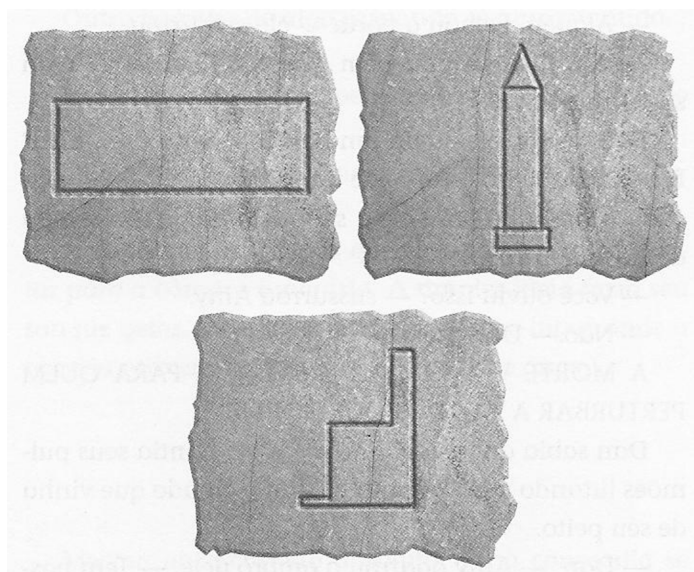
— Dan, vem aqui! Acho que é um hieróglifo. Está entalhado na pedra.



— E aqui também — percebeu Dan.



Eles foram descendo, recolhendo um hieróglifo após o outro.



De repente, ouviram uma espécie de rangido e o barulho de um atrito metálico.

A porta de ferro da tumba se fechou por completo, fazendo um grande estrondo. As luzes imediatamente se apagaram.

— Amy? — Dan sussurrou.

— Estou aqui. — Ela só soube que Dan estava a centímetros de distância pelo som de sua voz. Estava tão escuro que ela não conseguia ver a própria mão. Amy lutou contra o pânico que começava a tomar conta dela. A escuridão os engolia como uma coisa viva.

Dan sentiu sua respiração falhar. Amy segurou a mão dele. Numa situação normal, ele teria soltado a mão e dito alguma coisa como Eca!, mas naquele momento foi bom sentir os dedos da irmã, embora estivessem meio suados.

— Alguém fechou a porta — ela sussurrou.

— Ah, jura? Ainda bem que você avisou — Dan sussurrou de volta.

De repente, ele ouviu um barulho. Seria um passo? Raspando, como o ruído de um pé sendo arrastado no chão coberto de pó. Como se faixas de pano viessem deslizando atrás...

— Você ouviu isso? — sussurrou Amy.

— Não — Dan mentiu.

A MORTE VIRÁ EM ASAS VELOZES PARA QUEM PERTURBAR A PAZ DOS QUE DORMEM.

Dan sabia que estava inalando pó. Sentia seus pulmões lutando para respirar. Ouviu o chiado que vinha de seu peito.

— Dan. — Amy agarrou o ombro dele. — Tem bastante ar aqui. Você trouxe a sua bombinha?

A voz calma da irmã o tranquilizou. Ele não sabia como ela podia estar tão calma, porém aquilo o ajudou. Ele a tinha visto entrar em pânico ao quase ser enterrada viva. A dona Amy estava ficando cada vez mais valente. Ele enfiou a mão no bolso da bermuda e tirou a bombinha.

Melhor assim.

O barulho veio outra vez, aquela apavorante ameaça sutil. Ele nem se deu ao trabalho de dizer que não tinha ouvido. Imaginou uma múmia, com buracos pretos no lugar dos olhos, arrastando pedaços de linho pelo chão. O cérebro já tinha sido retirado, era apenas uma coisa morta... chegando perto...

Vai devagar, ele disse aos batimentos do coração. *Se fosse num jogo de videogame, você ia achar isso superlegal.*

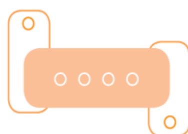
Outro barulho de algo raspando se aproximando.

Mas não é um jogo!

Quem quer que fosse, pessoa ou coisa, estava vindo atrás deles.

— Temos que nos esconder — Amy falou baixinho. — A câmara funerária.

A coisa que ele menos queria no universo era voltar para a câmara funerária. A simples ideia fazia seu sangue gelar. Mas ele seguiu Amy até o lugar onde a múmia estivera deitada por milhares de anos.



Mesmo na escuridão absoluta, Irina conseguia se orientar muito bem. Ouviu Dan e Amy vindo devagar em sua direção. Ela tinha visão de gato. Conseguia encontrar a saída de uma caverna quilômetros embaixo da terra se fosse

preciso. Na verdade, já tinha feito isso antes, graças àquele servicinho sujo em Marrakesh nos anos 1990.

A acústica da tumba ampliava todos os sons. Eles estavam vindo bem na direção dela. Aquela era a sua chance. Os dois finalmente estavam no papo. A questão era o que fazer, exatamente. As crianças tinham que ser impedidas, tinham que ser detidos. Precisavam levar um susto tão grande que voltariam para Boston, de onde nunca deviam ter saído.

Talvez as unhas envenenadas, eram sempre uma boa opção. Ou seria melhor um explosivinho? Nada muito forte, só o suficiente para causar um pequeno desabamento. Se ela conseguisse passar por eles — e conseguiria —, podia colocar o explosivo na entrada e *cabum!* Eles ficariam presos na câmara funerária por um bom tempo, ela imaginou. Tempo bastante para decidir que as 39 pistas eram um jogo para adultos, não para crianças.

Irina avançou em silêncio. Amy deu um passo hesitante para dentro da câmara. As crianças estavam de mãos dadas. Óóó. Que fofos, que lindos covardes!

A tumba produzira nela um efeito estranho. Ela tinha chegado a pensar maluquices. Blin! Como costumava dizer sua avó, quase tinha jogado pedra no próprio telhado. Ideias insanas, achando que estava seguindo pelo caminho errado, que havia outra maneira de agir.

Só havia um jeito de agir: passando por cima de todo mundo.

Eles estavam bem próximos. Ela sentia o cheiro do medo deles. Irina sorria enquanto se aproximava. Apenas mais um milímetro ou dois e... O pé dela acertou alguma coisa.

— Você ouviu isso? — Amy gemeu.

Irina estava tão perto deles que podia estender a mão e encostar em Amy. Só precisava esticar um dedo... e espetar.

Ela sentiu o tique no olho. Agachou-se e encostou na coisa que atingira com a ponta do seu tênis. Apanhou entre os dedos um livro pequeno e o pôs no bolso.

— Tem alguém aqui com a gente — sussurrou Dan.

Sim, estou aqui, pequeno camarada. Irina conseguia perceber o brilho da nuca de Dan. Tão vulnerável... Tão perto.

Mas era melhor esperar. Melhor que eles estivessem conscientes quando ocorresse a explosão. De que serviria assustar duas crianças inconscientes? Bem acordados, eles sentiriam o terror mais intensamente.

Relutante, Irina passou rente às crianças como um fantasma. Subiu as escadas na direção da porta. A câmara lateral agora estava a sua esquerda. No outro bolso, ela trazia o explosivo.

Irina parou. Programou o timer. Segurou o explosivo na mão, pronto para colocá-lo no lugar. Então lembrou-se das pinturas nas paredes. A rainha. A outra deusa que a conduzia pela mão. Aqueles tons de verde, de dourado, de azul. Por 3 mil anos aquela tumba tinha sobrevivido. *Ela deve descansar em paz.*

O quê? Como aquele pensamento se infiltrara em seu cérebro?

Ela era uma Cahill. Uma Lucian. Superior em intelecto e astúcia. Disposta a fazer qualquer coisa para conseguir o que queria.., exceto destruir o que milênios de areia, água e ladrões não tinham destruído.

Irina desligou o timer.

Foi então que ouviu os passos. Tinha mais alguém ali. Irina não tinha medo de nada na vida. De palhaços, talvez. Ela caminhou em direção ao barulho.

CAPÍTULO 15

A PORTA ABRIU COM UM ESTRONDO. AS LUZES SE ACENDERAM.

— Dan? Amy? Moleques?

— É a Nellie! — gritou Amy. — Estamos aqui!

Nellie desceu correndo o segundo lance de escada e entrou na câmara funerária. Ela se jogou em cima deles e deu um abraço forte.

— Será que vocês podem parar de fazer isso? — ela exigiu. — Meus nervos estão em frangalhos! Vocês podiam ter ficado aqui embaixo, tipo, pra sempre!

De repente, Theo surgiu correndo na direção deles.

— Amy? Dan? Nellie! — Theo agarrou Nellie pelos cotovelos. — Você está bem?

— Estou.

— Amy e eu estamos bem, obrigado — disse Dan.

— Eu estava procurando você que nem um louco! — Theo disse para Neilie numa voz agitada. — Tem certeza de que estão bem?

— Estamos superbem — garantiu Dan. — Só fomos trancados numa tumba. Não foi nada.

— Como assim *procurando* vocês, Theo? — perguntou Neilie. — Eu acordei e vi que Amy e Dan tinham sumido. Sabia que eles iam voltar pra cá. Basicamente, penso na coisa mais sinistra que consigo e é exatamente o que eles fazem.

Theo enxugou o suor da testa.

— Recebi uma mensagem de texto no celular dizendo que você estava em apuros. Te procurei por toda parte.

— Você viu alguém quando entrou na tumba? — Amy perguntou a Neilie.

Nellie negou com a cabeça.

— Só desci a escada correndo quando ouvi vocês chamando.

— Nós ouvimos alguém — disse Dan. — Tipo um barulho de alguma coisa se arrastando.

Theo tentou não sorrir.

De repente, ouviram uma espécie de rangido e o barulho de um atrito metálico.

— Uma múmia?

— Não foi nossa imaginação — Dan respondeu irritado. — Talvez a pessoa tenha se escondido numa das câmaras laterais e saído depois que Nellie desceu até a câmara funerária.

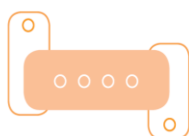
— Ah, não! O guia turístico da Grace! — exclamou Amy. — Eu devo ter deixado ele cair.

Eles vasculharam a tumba inteira, mas não encontraram o livro.

— Tem certeza de que você trouxe o guia? — perguntou Theo.

— É claro que ela tem certeza — respondeu Dan. — Ela não desgruda desse guia. Estão vendo? — Ele olhou a tumba ao seu redor. — Tinha mesmo outra pessoa aqui dentro.

— E essa pessoa levou o livro da Grace — concluiu Amy.



Amy e Dan ficaram em silêncio, sentados na ccibine do barco após o jantar. Theo havia sugerido que fossem comer a sobremesa em Luxor. Ele conhecia um restaurante incrível na cobertura de um prédio, com vista para o rio e para o Templo de Luxor. Mas não tinham cabeça para sobremesa nem passeios.

A tristeza pairava sobre Amy como uma nuvem. Dan sabia muito bem como ela se sentia. O livro tinha sumido. Ele se sentira do mesmo jeito quando perdera a foto dos pais, lá naquele túnel do metrô de Paris. Era como se tivesse perdido uma parte dos pais. Agora tinham perdido uma parte de Grace. Uma parte essencial.

Eles estavam sempre perdendo partes e mais partes de sua antiga vida. Sempre caindo, sempre fugindo. Tinham a sensação de estar num mundo sem gravidade, logo não teriam mais nada em que se agarrar. Naquela noite, o balanço do barco quase deixou Dan nauseado.

No entanto, era hora de trabalhar, não de ficar pensando. Apesar do que acreditava a irmã, pensar demais nas coisas não levava a lugar algum.

Dan empurrou um pedaço de papel na direção de Amy.

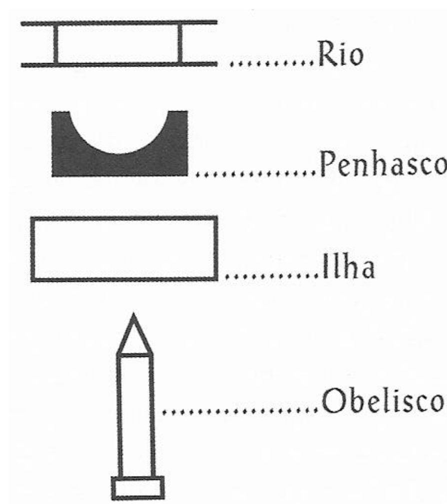
— Pronto. — Ele tinha desenhado os hieróglifos que haviam encontrado nos degraus da tumba de Nefertari.

Amy nem se deu ao trabalho de perguntar se ele tinha certeza ou se lembrava direito. Ela ficou de pé num pulo e andou até as prateleiras apinhadas de livros. Tirou um volume pesado.

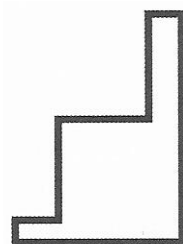
— Eu vi isso antes. É um dicionário de hieróglifos.

Eles folhearam o volume. Demoraram um pouco para encontrar as explicações dos hieróglifos.

Dan copiou:



— Rio, penhasco, ilha, obelisco — repetiu Dan, apontando para cada símbolo. — Esses são fáceis. Mas não conseguimos encontrar esse último.



— Certo, estamos em Luxor — Amy pensou em voz alta. — Tem um rio. Tem penhascos. Tem ilhas no rio. Obeliscos. Mas Katherine não listaria coisas aleatórias.

— Isso se foi mesmo Katherine quem fez esses hieróglifos — considerou Dan. — Não temos certeza. Ela não saberia decifrar hieróglifos no século XVI. Eles só foram traduzidos alguns séculos depois, quando encontraram a Pedra de Roseta.

— Se bem que esses são bem simples. São pictogramas, significam o que o desenho mostra. Ela poderia ter descoberto o significado. Até a gente poderia, mesmo sem o dicionário. A não ser esse último.

— As coisas não estão batendo — falou Dan. — Talvez exista mesmo uma quarta Sakhet. Lembra daquela carta que a gente encontrou, escrita pelo tal Drovetti? Ele dizia que a pista tinha sido enviada para o palácio do L.

— Luís XIV, talvez — sugeriu Amy. — Versalhes fica bem perto de Paris.

— Talvez a gente nem devesse estar no Egito — concluiu Dan. — Algum Lucian pode ter mandado a dica mais importante pra Paris. Parece que estamos num beco sem saída.

O olhar de Amy pousou na escotilha:

— Dan? Você percebeu que as luzes da cidade estão... meio longe?

Dan ficou de pé.

— Nossa corda soltou! Estamos indo pro meio do rio!

— Bom trabalho, galera! — A cabeça de Jonah Wizard apareceu no topo da escada que levava ao convés. — Boa dica. Paris é minha cidade! Eles me amam Paris!

Amy e Dan correram na direção da escada. Jonah recuou e deixou que eles subissem ao convés. Estavam no meio do rio. As luzes de Luxor pareciam bem distantes.

O senhor Wizard estava operando o timão. Jonah se jogou numa cadeira, rindo muito e apontando para os dois.

— Vocês tinham que ver a cara de vocês! Muito comédia. Enfim, o que eu posso dizer? Se vocês tivessem concordado quando eu ofereci um acordo... Aí pai, reserva duas passagens de primeira classe pra Paris. Adoro aquela Galeria dos Espelhos em Versalhes. Um monte de reflexos de moi!

— Não tem sinal aqui — disse o senhor Wizard, mexendo no BlackBerry com os polegares, tentando fazê-lo funcionar.

— Sabem de uma coisa? — Jonah passou as pernas por cima da cadeira do convés, balançando um dos pés.

— Vocês dois tão com cara de acabados. Acho que precisam de férias. Tipo, que tal numa bela ilha tropical?

O senhor Wizard fez uma curva com o barco e depois andou até a pequena prancha na lateral.

— Ah, peraí — disse Dan. — Você deve estar brincando. Vocês vão fazer a gente andar na prancha?

Jonah deu uma risada boba.

— Pois é, galera. Eu sempre quis ser pirata!

— Melhor vocês irem logo — mandou o senhor Wizard. Temos que pegar um avião.

A prancha bateu na areia da pequena ilha. Era inabitada. Amy e Dan só conseguiam ver árvores grossas

e arbustos rasteiros. Ainda bem que Amy tinha trazido

a Sakhet na pochete.

Você vai pagar por isso! — Dan ameaçou Jonah.

— Ahã, falou.

— E a gente não ficou com medo dos seus avisos idiotas. — retrucou Dan.

— Que avisos? — perguntou Jonah. — Vai andando na prancha, Peter Pan. Você primeiro, Sininho — ele disse para Amy.

Dan foi descendo atrás de Amy.

O senhor Wizard recolheu a prancha depois que eles botaram os pés na ilha. O barco começou a se afastar.

— Divirtam-se! — gritou Jonah. — Aposto que alguém vai aparecer... mais cedo ou mais tarde. Ah, tem mais uma coisa.

A voz dele veio como uma onda por cima da água.

— Cuidado com os crocodilos!

CAPÍTULO 16

AMY DECIDIU QUE NUNCA MAIS IA ASSISTIR A DOCUMENTÁRIOS sobre a vida dos animais. Quando ela percebeu que *estava* na própria natureza selvagem, eles perderam toda a graça.

Ela se afastou da margem do rio. Atrás dela, as árvores e a folhagem pareciam densas e impenetráveis. Sem o sol, o rio ficava escuro, como se fosse de óleo.

— O crocodilo tem a mordida mais forte do mundo — disse Dan. — Tipo, uma tonelada. Eles se movem depressa, mesmo na terra. Mas o melhor jeito de fugir deles é correr para a frente, não em zigue-zague. É só correr muito rápido.

— Dan! Fica quieto — mandou Amy.

— Eles caçam à noite. Esperam o dia todo pra emboscar a presa.

— Você não está ajudando.

— Eles te arrastam pra baixo d'água e ficam rolando com você, dando várias voltas. Te afogam antes de te devorar. Isso se você der sorte. Você tem que agarrar a boca dele e ficar segurando a mandíbula fechada...

— Dan, morra!

— Daqui a pouco, provavelmente.

Fez-se um curto silêncio. Do outro lado do rio escu ro as luzes de Luxor brilhavam. Atrás delas, na mar ge oeste do rio, antigos reis e rainhas dormiam nos penhascos de calcário, as múmias ainda não descober tas os morros abrigando seus espíritos. O céu estava apinhado de estrelas, mais do que Amy jamais tinha visto. Seria até bonito, se ela conseguisse abstrair o medo de ser triturada por dentes de crocodilo.

— Só estou tentando ajudar — resmungou Dan.

— Alguém vai ver a gente, se conseguirmos cha ma a atenção de algum barco — disse Amy. Ela via as luzes individuais nas pontas das embarcações que se deslocavam no rio, as feluccas, como Theo havia expli cado — Como se diz *Ei!* em árabe?

— Acho que *Ei!* deve fazer parte de uma língua uni versa — disse Dan. — Que nem ai! Ou... você está pi sand no meu pé.

— Isso é universal?

— Não, você está pisando no meu pé. Ai!

Amy mudou de lugar.

— *Eei!* — sua voz soou fraca, engolida pela escuri dão Tentou lembrar se os crocodilos procuravam a pre s pelo seu ruído. Decidiu não perguntar para Dan.

— *EEI!* — ela gritou. As luzinhas dos barcos continua va avançando, oscilando devagar de um lado para o outro. — Bom, a Nellie e o Theo vão vir procurar pela gente.

— *Como* eles vão procurar pela gente? — Dan per guntou — Jonah roubou o barco!

— Eles vão alugar um barco e...

—Xiu —fezDan.

— Só porque eu mandei você ficar quieto antes...

— Xiu! Ouça.

Primeiro, Amy não ouviu nada. Depois, escutou alguma coisa batendo na água.

Ela gelou.

— Você está vendo alguma coisa? — ela sussurrou.

— Acho que eu vi dois olhos — murmurou Dan. — Ali, perto daqueles juncos. Os crocodilos ficam embaixo d'água até a hora de atacar...

Amy olhou. Não viu nada perto dos juncos. O que ela viu foi um tronco gigante boiando junto da margem do rio. Logo percebeu que o tronco tinha dois olhos e uma cabeça. O crocodilo virou e começou a rastejar na direção da praia.

—D-d-d-d...

—Que foi?

— Um c-c-croc...

O animal veio se arrastando pela praia e Amy esqueceu como se fazia para sair do lugar. O bicho parecia um dinossauro. Uma coisa primitiva, cruel e com fome de carne. Todos os impulsos fugiram de seu cérebro, exceto o terror. O crocodilo abriu a boca. Amy ficou hipnotizada pelo que pareciam centenas de dentes pontudos, afiados.

O crocodilo tem a mordida mais forte do mundo...

— Corre! — Dan gritou puxando o braço dela.

Amy cambaleou, tropeçou e saiu correndo em disparada pela praia, em direção ao meio da ilha. A areia sugava seus pés. Era como se mover num pesadelo.

Amy olhou para trás. O crocodilo os estava seguindo!

— Não corra em zigue-zague! — berrou Dan.

Mas ela não estava correndo em zigue-zague. Estava tropeçando. Suas pernas tremiam tanto que ela não conseguia se locomover.

Eles se embrenharam nos arbustos, seguindo uma trilha estreita que serpenteava entre a vegetação. A camiseta de Amy prendeu num galho, mas ela se soltou e continuou avançando, saltando raízes e se agachando para passar por baixo dos ramos.

Por sobre sua própria respiração ofegante, os dois ouviram o *tum* que o crocodilo fez ao pisar na trilha. O chuch de sua cauda gigante batendo nas plantas.

Estava tão escuro embaixo das árvores que era como correr usando uma venda preta sobre os olhos. O coração de Amy batia com força no peito. Ela já conseguia sentir o hálito quente da fera. A qualquer instante o crocodilo ia

abocanhá-la por trás e girá-la no ar enquanto sua mandíbula talhava seu corpo em dois.

A trilha de repente terminou e eles desembocaram numa praia. O luar dava à areia uma coloração prateada. Era como se alguém tivesse acendido a luz.

— E agora, pra onde a gente vai? — perguntou Amy, olhando para os lados.

Um pouco mais adiante, perto da água, uma sombra saiu de trás de uma palmeira. Era um homem, vestindo a *galabia*, uma túnica branca muito usada pelos egípcios.

— Socorro! — Amy berrou para ele.

— Amy... — Dan parou de correr. — Ele tem uma faca.

O luar reluziu na lâmina que o homem trazia na cintura.

Amy virou de costas. Atrás dela, na trilha, viu os olhos verdes do crocodilo vindo cada vez mais rápido na direção deles.

— Eu não ligo. Vamos! — respondeu.

Eles atravessaram a praia, correndo na direção do homem com a faca.

Qualquer coisa era melhor que a mandíbula de um crocodilo.

O homem embainhou a faca quando eles se aproximaram. 0 crocodilo agora estava avançando pela praia. O homem de repente recuou e foi depressa até uma pequena *felucca* que eles não tinham notado.

— Não, espere! Por favor! — gritou Amy.

Ele pulou dentro do barco com agilidade e começou a remar. Amy soluçava alto. O terror esmagava seu coração. Não havia mais esperança. Não tinha mais para onde correr.

Mas o homem estava remando na direção deles, não para longe. Gritava alguma coisa em árabe. Eles correram, mais rápido do que jamais tinham corrido na vida. Patinharam na água, como se suas pernas fossem de chumbo. O crocodilo estava chegando à beira da água. Se conseguisse entrar no rio, eles estariam mortos. Amy sabia muito bem disso. Pelo rosto apavorado de Dan, percebeu que ele também sabia.

O homem estendeu o braço. Agarrou a gola da camiseta de Dan com uma mão, a de Amy com a outra. Amy se sentiu como um peixe sendo pescado quando ele os puxou para dentro do barco.

Eles ficaram deitados, ofegantes. A vela inflou ao pegar uma brisa. Todos ouviram um plop no instante em que o crocodilo entrou na água. O homem não disse nada. Sua boca era um traço sombrio enquanto esticava a mão para segurar o leme.

Ele mudou o curso e o barco foi deslizando pela água, direto para o meio do rio. Eles pegaram uma correnteza e lá se foram. Todos prenderam o fôlego, atentos a qualquer movimento por perto.

De repente, o homem sorriu. Acenou para eles com a cabeça.

—Ok—ele disse.—Ok.

O corpo inteiro de Amy estava tremendo. Ela olhou para Dan. Aquela tinha sido por muito pouco. Amy apoiou-se no convés para conseguir se sentar. Sua mão encostou em alguma coisa molhada e pegajosa. Levantou-a para ver.

Sangue.

Eles estavam no meio do rio Nilo com um estranho que tinha uma faca enorme na cintura e sangue no convés do barco.

— Nós... nós viemos em p-paz — disse Amy.

O homem se curvou para a frente. Seu olhar era escuro e vazio. Ele estendeu a mão forte e apontou para Dan. Amy se lançou para cima do irmão tentando protegê-lo.

— Não! — ela protestou.

— Sim! — gritou o homem. — Red Sock!

— R-red *o quê?*

Ele apontou para a camiseta de Dan.

— Bos-ton. Beisebol. Campeão mundial de 2004! — continuou o homem. — Fenway Park! — Ele apontou para o próprio peito. — Segundo jogo!

Dan ficou sentado, piscando enquanto registrava as palavras do homem.

— Você estava lá? Que legal!

— Curt Schilhing!

— Manny Ramirez! — Dan abriu um largo sorriso e virou para Amy. — Esportes, outra língua universal.

— E aquela faca? — sussurrou Amy.

Dan começou a dar risada.

Amy pensou que finalmente tinha acontecido: o irmão tinha pirado completamente.

— Você não sentiu o cheiro? — ele perguntou. Esse cara é pescador. Olha!

Sim. Agora ela estava sentindo. Bem do lado dela havia um balde de peixes. O homem estava limpando os peixes quando avistou os dois.

— Luxor? — ele perguntou.

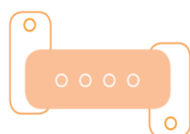
Agora Amy conseguiu ver o seu sorriso inofensivo. Ela fez que sim com a cabeça.

O rio continuava negro, de um azul escuro como tinta. Amy recuperou o fôlego e seu coração desacelerou. Ela inclinou a cabeça para trás. Distinguiu a Ursa Maior no amontoado de estrelas. Uma sensação de conforto percorreu seu corpo. Dali ela conseguia ver o luar refletido na areia ao lado do rio. Parecia um campo nevado, estendendo-se até os penhascos. Enquanto o barco avançava, as luzes do grande Templo de Luxor piscavam.

— Impressionante — ela disse.

— Impressionante — repetiu o pescador.

Pelo jeito, *impressionante* também fazia parte da língua universal.



O pescador os deixou rio cais, perto do Templo de Luxor. Com um largo sorriso e um aceno simpático, ele gritou:

— Tchau, Boston! Cuidado com os crocodilos! — E foi embora.

— *Nós viemos em paz?* — Dan imitou a irmã. — Você achou que ele era egípcio ou um marciano?

Amy não conseguia parar de rir.

— Como eu ia imaginar que ele torcia pro Red Sox?

— Para onde vamos agora? — perguntou Dan.

— Theo e Nellie já devem ter voltado — disse Amy.

— Talvez estejam nos esperando no cais. Vamos ter que explicar por que o barco sumiu.

Mas quando eles chegaram, o barco estava lá. Neilie e Theo estavam sentados no cais, bebendo chá.

— Foram dar um passeio? — perguntou Neilie.

Dan olhou para Amy. Amy olhou para Dan. Será que eles deviam mencionar Jonah Wizard, o sequestro do barco, o crocodilo, a faca enorme? O pescador que torcia pro Red Sox?

— É — respondeu Dan. — A gente foi dar um passeio por aí.

Eles deixaram Theo e Neilie no convés, bebendo chai e contemplando o céu noturno, e desceram para a cabine.

—Pelo menos o Jonah devolveu o barco... — reconheceu Amy.

— Pelo menos ele está indo pra Paris — completou Dan. — A questão é: será que a gente também deveria ir pra lá?

— Eu fiquei pensando nisso. Quando estávamos em Paris, li sobre a história do Museu do Louvre. O museu antigamente era um palácio. Então, quando Drovetti escreveu palais du L., provavelmente queria dizer Palais du Louvre. Lembra? O Bae contou pra gente que Drovetti mandou a Sakhet para o Louvre e um Ekat conseguiu recuperá-la. Aposto que não existe uma quarta Sakhet. Afinal, os três mapas juntos indicaram a tumba de Nefertari. Agora só temos que usar os hieróglifos para descobrir o próximo lugar para onde temos que ir.

Dan franziu a testa:

— Katherine não está ajudando muito. E nem a Grace!

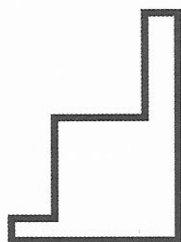
— Bom, Katherine menciona Assuã no poema. Gizé, Assuã, Tebas e Cairo, lembra? Começamos no Cairo, onde Napoleão encontrou a primeira Sakhet numa pirâmide em Gizé. A segunda foi descoberta por Howard Carter na tumba de Hatshepsut, em Tebas. Assuã é a única cidade que falta. Aposto que é lá que está a pista final.

— Mas não temos certeza disso — argumentou Dan. — Bae encontrou a terceira Sakhet no Cairo, mas isso foi centenas de anos depois que Katherine a

deixou em algum lugar. Ela pode ter sido roubada, vendida e revendida. Pode ter saído de Assuã.

— Talvez — Amy concordou, relutante. — Lembra o que Bae disse sobre Katherine, que ela se sentia subestimada por ser mulher? Você não notou que Katherine está direcionando a gente para faraós mulheres, rainhas, deusas, todas as figuras femininas do Egito Antigo? Sakhet, Hatshepsut, Nefertari... Até a pista de Gizé foi encontrada na pirâmide da rainha.

— Isso me lembra uma coisa. — Dan olhou para os hieróglifos outra vez. — Quando Theo estava mostrando a tumba pra gente, lembra daquela parte onde Ísis está segurando a mão de Nefertari? O símbolo desenhado em cima da Ísis era igual a este.



— Aposto que isso significa Ísis.

— Outra deusa! — Amy folheou o livro e leu: — "Os antigos egípcios acreditavam que quando Ísis ficou sabendo que seu marido Osíris estava morto, suas lágrimas fizeram o Nilo transbordar, deixando o solo fértil para a plantação". — Ela olhou para cima, com os olhos iluminados. — "A outra com pranto faz nascer a flora"!

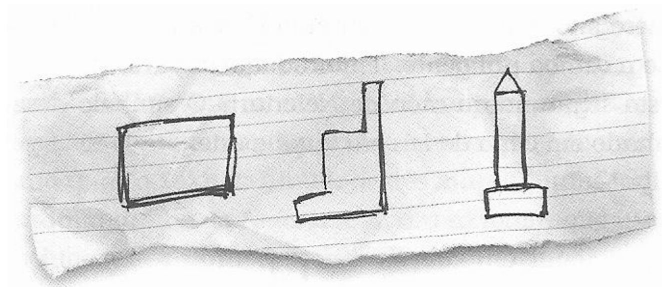
— Mas e "*onde um dia encontrou seu coração*"? — Dan perguntou.

Amy continuou lendo, seu coração batendo mais rápido:

— Osiris foi desmembrado por Seth, outro deus egípcio. Ísis encontrou o coração dele na ilha de Philae. É lá que fica o templo dela.

Dan pôs o dedo em cada um dos hieróglifos:

— Ilha. Ísis. Obelisco.



— Onde fica Philae? — perguntou Dan.

— Em Assuã! — exclamou Amy. — Tudo se encaixa. — Ela fechou o livro, fazendo barulho. — A questão é que eu não lembro se Grace escreveu alguma coisa sobre Assuã. Que droga que nós perdemos o guia!

— *Nós?* — provocou Dan

— Ok, *eu* — disse Amy, ficando vermelha de raiva. — Pode pôr a culpa em mim, se quiser.

— Bom, se você tivesse deixado eu ver o livro, teríamos uma ideia do que fazer agora — retrucou Dan.

—Isso não é justo — reclamou Amy. — Você não gosta de pesquisar como eu gosto.

— Eu sei *ler* — disse Dan num tom amargo. — E, diferente de você, também ei lembrar. Você quase nem deixou eu olhar o livro.

— Você sempre diz que pesquisar é chato — objetou Amy. — Como eu ia saber que você queria ler um guia turístico pela primeira vez na vida?

— Não era só um guia turístico. Era o guia da *Grace!* — Dan levantou a voz. — Você quer ficar com tudo o que a Grace deixou só pra você. Tá com o colar, e agora a Sakhet... você também não larga dela. Acho que quer guardar até a memória da Grace só pra você!

— Isso não é verdade — protestou Amy. E também não é justo!

— Bom, ela não é só sua avó, sabia? — disse Dan. o rosto dele estava muito vermelho. — Você quer ela só pra você!

— Não seja ridículo! — gritou Amy. Ela sentiu seu rosto esquentar. — Isso é a coisa mais imbecil que eu já ouvi!

— É você que decide se ela era boa ou não. É você que decide se ela nos amava ou não. Se vai me dizer que minha avó não me amava, que ela era alguma monstra manipuladora do mal, é melhor me apresentar fatos! — Dan

estava furioso. — Você tem tanto medo de cometer outro erro que está virando tudo do avesso. Nem todo mundo é do mal só porque o lan Kabra é!

Amy se assustou. Nunca tinha visto Dan agir assim antes. Ele xingava a irmã e brigava com ela, mas nunca daquele jeito. Nunca era cruel de propósito. Agora parecia quase triunfante, como se tivesse dado um tiro certeiro.

Ela também tinha se sentido assim na base secreta dos Ekaterina, quando tinha feito o irmão chorar. O que estava acontecendo? Era aquilo que a busca pelas pistas estava fazendo com eles? Traições e segredos agora eram coisa do cotidiano. Aquilo estava corrompendo os dois, fazendo com que se voltassem um contra o outro. Ambos estavam agindo como pessoas que ela não reconhecia, mas de quem não gostava.

Amy percebeu que os dois estavam agindo como típicos membros da família Cahill.

CAPÍTULO 17

AINDA ERAM NOVE DA MANHÃ E A TEMPERATURA EM ASSUÃ JÁ chegava quase aos 35 graus. No aeroporto, Amy sentiu o suor escorrendo em suas costas, tirou a mochila e passou a carregá-la em um ombro só. A cada passo, ci mochila batia na pochete. Mas ela não ia reclamar. Se reclamasse, Dan apenas olharia para ela com desprezo e a chamaria de frouxa. Se isso acontecesse, ela não seria mais responsável pelos próprios atos. Se bem que, provavelmente, ele não ia chamá-la de nada. Eles não estavam se falando.

Pof, pof fazia a mochila batendo na pochete. Amy foi se arrastando atrás dos outros. Nellie caminhava na frente, indo em direção ao ponto de táxi. Theo telefonara a Hilary para pedir ajuda e ela recomendara o Hotel Velha Catarata, "onde Grace sempre ficava em Assuã, fofuchos. Saladin, meu querido, faça o favor de tirar suas unhas do meu braço. Obrigada...".

Dan andava atrás dela, tentando manter o máximo de distância possível da irmã. Theo andava na frente de Amy, procurando os óculos escuros no bolso da camisa. Hordas de turistas aguardando a bagagem andavam de um lado para o outro e um guia gritava *Por aqui, pessoal!,* enquanto outra porção de turistas avançava em direção a uma fila de ônibus.

Theo derrubou os óculos escuros e se agachou para recolhê-los do chão. Amy sentiu alguém lhe dar um empurrão por trás quando parou de andar. Sentiu a pochete raspando e levou a mão à cintura para arrumar a faixa. Para sua surpresa, esbarrou numa outra mão.

—Ei!—ela disse.

Sentiu um puxão na pochete. A multidão a comprimia. Ela não conseguia se virar nem andar para a frente. Amy começou a entrar em pânico.

— Socorro! — ela gritou, mas ninguém ouviu. Theo não virou de costas. Estava acenando para Nellie. Ela sentiu como se estivesse sendo esmagada por centenas de cobras que se contorciam. Não conseguia respirar. Estava muito quente e os corpos em movimento ao seu redor a aprisionavam. Ela não conseguia se libertar.

— S-s-socorro! — A voz dela era tão débil, que soou quase como um gemido.

Lá na frente, Amy viu Dan se virar. Ele viu o pânico nos olhos da irmã. Soube na mesma hora que ela estava em apuros. Começou a abrir caminho à força, voltando na direção de Amy.

— Dan!

Ela tentou andar até ele e quase caiu.

— Dan, socorro! Minha pochete!

De repente, o braço do irmão surgiu no meio da multidão e agarrou seu pulso. Dan puxou o mais forte que conseguiu, derrubando uma mulher que estava no caminho. Amy sentiu a pressão na pochete aliviar.

Ela virou de costas e percorreu a multidão com os olhos. Em vez de cobras se contorcendo, viu turistas suados, ávidos de transporte terrestre. Pelo canto do olho viu alguém se mexer, mas era só um casal de idosos, um homem gordo de chapéu de palha e sua mulher olhando para baixo e fuçando numa volumosa sacola. Amy viu a luz refletir no anel da mulher, prateado e em forma de serpente.

— Depressa, vocês dois! — Theo estava parado na frente do táxi, com a porta aberta.

Amy se jogou no banco de trás, do lado de Dan.

— Ei, alguém tentou serrar a pochete por trás — percebeu Dan.

Amy desafivelou a faixa com os dedos trêmulos. Viu a marca de uma faca que tentara atravessar a lona. Vendo aquele corte recente, sentiu um calafrio na espinha:

— Essa foi por pouco.

— No meio da multidão, é preciso tomar cuidado com os seus pertences — recomendou Theo. — Ainda bem que você reagiu depressa, Amy.

— Na verdade, foi o Dan — confessou Amy.

— Pois é, finalmente consegui dar uma dentro — disse Dan.

Theo olhou pela janela.

— Que tal deixarmos as malas no hotel e pegarmos um barco até a ilha de Agilika agora mesmo?

— Peraí — interrompeu Dan. — Achei que o nome da ilha fosse Philae. O guia turístico dizia que o templo ficava lá.

— Philae é o nome do sítio arqueológico, mas a ilha é Agilika — explicou Theo. — A ilha de Philae. está totalmente submersa desde os anos 1960.

— O quê? — cuspiu Amy. — A pista está embaixo d'água?

— Foi quando a Represa Alta foi construída. Mesmo antes disso, após a construção da primeira represa, em 1902, a ilha ficava submersa em certas épocas do ano. Dava inclusive pra vê-la lá embaixo, através da água.

— Mas então o que aconteceu com as construções da ilha? — perguntou Amy.

— Foram resgatadas e transportadas para Agilika — continuou Theo. — Com um projeto de paisagismo, deixaram a ilha exatamente igual a Philae. É o mais próximo possível de uma experiência autêntica. A única coisa que mudou foi a própria ilha. Vocês vão ver o Templo de Ísis exatamente como existia em Philae.

— Quer dizer que a ilha original de Philae ainda existe, só que está embaixo do Nilo? — perguntou Dan.

Theo confirmou com a cabeça.

— Embaixo do lago que foi criado pela represa. Mas agora não tem mais nada pra ver lá.

Theo e Nellie começaram a conversar e Amy falou com Dan em voz baixa. Já que o irmão tinha praticamente salvado a vida dela, era difícil continuar brava com ele.

— Ainda temos uma chance — ela sussurrou. — O poema disse que o pilar rosado ia fazer sombra ao meio-dia. Já que as construções estão exatamente na mesma posição, a mesma sombra vai cair no mesmo lugar, no "longo braço protetor", o que quer que isso seja. Se tivermos sorte, a pista de Katherine ainda vai estar lá.

— Ou isso, ou vamos ter que procurar uma loja de equipamento de mergulho — disse Dan.

O táxi parou em frente ao Hotel Velha Catarata, num belo ponto do Nilo. Theo se ofereceu para guardar as bagagens e dar um bakshish, a gor)eta, ao taxista. Quando estava voltando para o carro, um funcionário do hotel veio correndo e lhe entregou um papelzinho. Theo leu e franziu a testa, depois guardou o bilhete no bolso da camisa.

— O que foi isso? — Amy perguntou quando ele sentou no banco da frente.

— Nada. Só uma... mensagem de boas-vindas da recepção.

Dan estendeu a mão por cima do encosto do banco e pescou o papel de dentro do bolso de Theo. Passou rapidamente os olhos no recado:

— Que bela mensagem de boas-vindas.

Ele mostrou o papel para Amy e Nellie. Na parte de cima havia um desenho egípcio de Osíris, o deus do mundo subterrâneo. Embaixo da imagem estava escrito:

Sua arrogância os levará à ruína!

— Não queria que vocês vissem mais um desses bilhetes imbecis — explicou Theo.

Dan amassou o papel:

— Não importa. — Mas na verdade importava. Ele achava que Jonah havia mandado os recados. Só que Jonah supostamente estava à caminho de Paris.

— Chegamos ao cais — mostrou Theo. — Vamos depressa, tem uma balsa partindo.

Eles correram até o barco e chegaram com poucos segundos de sobra. A balsa partiu bufando do atracadouro. Ali em Assuã, o Nilo parecia ainda mais bonito. A cor era mais puxada para o esmeralda e estava repleto de veleiros brancos. Grandes cruzeiros estavam aportados ali perto, com turistas debruçados por cima das amuradas, segurando câmeras e apontando para o rio. Duas garças saíram com delicadeza de trás dos juncos, fazendo Amy lembrar as pinturas que tinha visto na tumba de Nefertari. Era o choque entre o antigo e o novo, um tipo de característica que ela estava começando a reconhecer como parte do Egito.

— Vamos descer na margem sul, mas não é longe do templo — Theo disse-lhes. — Vocês conhecem a história de Ísis?

— Ela era casada com esse cara, o Osíris, e ele virou presunto — contou Dan. — Então ela pirou e ficou toda *uiuiui!* e foi lá e chorou um rio de lágrimas.

— Incrível! É exatamente isso que dizem os hieróglifos — comentou Theo.

O barco aportou e eles seguiram Theo até o Templo de Ísis. Era um enorme complexo, alto e grandioso, com relevos entalhados na pedra. Eles percorreram a gigantesca colunata.

Dan olhou em volta:

— Cadê o obelisco? Não tem um obelisco aqui?

— Tinha — respondeu Theo. — Dois, na verdade, erguidos por Ptolomeu VIII, entalhados em granito cor-de-rosa. Foram danificados, um deles caiu, então foram removidos no século XIX... quer dizer, roubados, ou comprados, dependendo do ponto de vista... por um inglês. Estão no jardim dele em Dorset, na Inglaterra.

Amy ficou devastada. Os obeliscos, os pilares rosados, não estavam mais lá. Agora não havia nada para projetar a sombra. Como eles iam conseguir achar a pista?

Theo continuou com a visita guiada.

— A antiga ilha era inundada pelo Nilo uma vez por ano — ele explicou. — Eles construíram muros para proteger as construções. Esse é um dos motivos de o templo estar tão bem conservado.

— Mas não tem muros aqui — observou Amy.

— Não foi preciso remover os muros — Theo deu de ombros. — Agora, com a represa, o Nilo não alaga mais a ilha.

Theo continuou andando, junto com Nellie. Amy sentou desanimada num degrau.

— O que vamos fazer agora? — ela perguntou. — O obelisco não está mais aqui.

Dan sentou ao lado dela.

— Nem os muros... Você não acha que eles são o "longo braço protetor"?

— Por que Grace mandou a gente aqui se a represa inundou a ilha? — Amy se perguntou. — Ela devia saber disso. E esse lugar é gigantesco. Não faço ideia de por onde começar.

— Ela deve ter deixado outra dica — disse Dan. — Só não encontramos ainda.

Fez-se um breve silêncio. O gelo tinha sido quebrado, porém o ar ainda estava frio entre eles, apesar do sol escaldante.

— Dan, a gente não pode passar pro lado mau da família Cahill — suspirou Amy com a voz fraca. — Só temos um ao outro. Não posso fazer isso sem você.

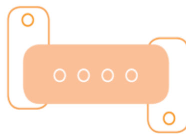
— Concordo totalmente — disse Dan. — Você não pode fazer isso sem mim.

Amy deu risada. Se ela estava ficando mais duronci, Dan também estava. Talvez as mudanças não fossem tão ruins. Se eles dois ao menos conseguissem continuar sendo uma família, também dariam um jeito de aprender a ser membros da família Cahill.

CAPÍTULO 18

NAQUELA NOITE, AMY NÃO CONSEGUIU DORMIR. IMAGENS SE misturavam na sua cabeça. Templos e tumbas, crocodilos e leões. Os olhos escuros de Ian Kabra e seu sorriso brilhante. O pânico que ela tinha sentido no aeroporto ao ficar presa na multidão. O rosto estreito e sério do irmão, o modo como ele abrira caminho aos empurrões para chegar até ela. O casal de idosos, a mulher procurando alguma coisa na sacola e a luz brilhando em seu anel prateado.

Quando estava finalmente sendo arrastada pelo sono, pouco antes de adormecer, viu o rosto de Grace sorrir para ela e dizer: *Confie nas pessoas, mas guarde o dinheiro na meia.*



Amy acordou no meio da madrugada. Não foi como se tivesse ouvido um barulho, mas a lembrança de um som. Ela fez esforço para se libertar das garras do sono.

Estendeu a mão ao lado da cama, pois criara o hábito de apalpar a pochete no chão. Lá estava, com a aresta da base da Sakhet fazendo volume

embaixo do tecido. Ela começou a se acomodar de volta no travesseiro quente.

... mas guarde o dinheiro na meia.

Amy estendeu o braço outra vez e contornou a base com os dedos para tocar na Sakhet. Seus dedos não encontraram nada. Não havia estátua presa à base.

Com o coração martelando no peito, Amy acordou de verdade. Saiu da cama e tateou o chão. Nada. Embaixo da cama. Tudo vazio.

A janela estava aberta. Será que ela tinha deixado a janela aberta? Amy correu para olhar. A lua estava alta e cheia e iluminava o gramado lá fora como as luzes de um estádio. Foi fácil avistar Theo, com uma sacola na mão, andando apressado pelo caminho curvo. Ela viu os faróis de um carro piscarem no estacionamento logo à frente.

Amy não parou para pensar. Abriu o resto da janela e pulou para fora. Seus pés descalços tocaram a terra fresca. Ela se embrenhou entre os arbustos, saiu para o gramado correu em disparada.

Era tarde demais quando percebeu que ia precisar de ajuda. Theo estava indo na direção daquele carro. Será que ela conseguiria derrubá-lo? Teria que acertar bem nos joelhos...

Amy ouviu passos pesados atrás dela. Nellie estava correndo na direção de Theo, com o rosto contorcido de fúria. Suas pernas apareciam por baixo da cueca samba-canção e da camiseta larga do Peari Jam que ela vestia para dormir.

Ela deu um encontrão em Theo, um golpe que seria proibido até num jogo de futebol americano. Ele caiu dando um urro de dor.

Amy passou correndo por eles e foi até o carro. Para sua surpresa, Hilary estava ao volante, boquiaberta, com uma expressão cômica de surpresa, assistindo à cena de NeIlie sentada sobre o peito do seu neto.

— O que está acontecendo, fofuchos? — O rosto de Hilary estava pálido, mas ela tentou manter a voz alegre.

Amy esticou o braço e desligou o motor, depois guardou as chaves no bolso.

— Acho que está na hora de a gente descobrir — respondeu se surpreendendo com sua própria frieza. Se ficasse brava o suficiente, nem precisava tentar ser corajosa.

Prrr. Amy ouviu o barulhinho e sentiu um alívio no coração.

— Saladin?

Ela esticou o braço até o banco de trás e pegou a gaiola do gato.

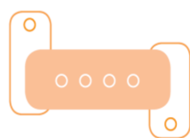
Segurando Hilary pelo cotovelo, com pulso firme, Amy a obrigou a andar até Theo e Nellie.

O rosto de Theo se contorcia de dor.

— Precisava me acertar com tanta força? — ele urrou.

Nellie se debruçou e cuspiu as palavras no rosto dele:

— Sua arrogância acaba de te levar à ruína, otário!



Theo ficou sentado no chão do quarto do hotel, enquanto Amy tirava a Sakhet da sacola. Hilary, bem-comportada, estava sentada numa cadeira.

— Com certeza podemos resolver isso — ela disse. — Se o Theo fez alguma coisa errada, posso dar um jeito.

— Eu não teria tanta certeza — afirmou Amy.

— Pelo menos posso pegar gelo pro meu tornozelo? — Theo perguntou num tom de súplica.

— Claro — respondeu Nellie. Ela foi até o balcão, pegou o balde de gelo e esvaziou tudo na cabeça dele.

— Obrigado — disse Theo.

— Não tem de quê — Nellie respondeu numa voz meiga. — Seu traíra.

— O que será que a gente faz com eles? — perguntou Dan. Ele tinha pegado o abajur da mesa e estava segurando na mão, só para o caso de Theo tentar fugir. Dan não hesitaria em dar uma cacetada na cabeça dele se tivesse a chance.

Porém, Theo não parecia querer dar a Dan essa chance. Estava desanimado e murcho.

— Entregar pra polícia, com certeza — respondeu Nellie.

— Podem dar tchauzinho, ele vai em cana — concordou Dan.

— Do que vocês estão falando? — Hilary parecia horrorizada. — Theo, do que eles estão falando?

— Não chamem a polícia — implorou Theo. — Por favor. Roubar a estátua seria um crime gravíssimo. Vocês não querem que eu vá para a cadeia, querem? Eu ia ficar lá uns mil anos!

— Daí algum arqueólogo vai poder estudar você — disse Dan.

— Vocês não entendem — explicou Theo. — Vocês nem pareciam querer a estátua. Era só parte de algum caça ao tesouro imbecil. Vocês não imaginam o valor do que têm nas mãos!

— Theo! — Hilary gritou. — Quando você pediu pra eu vir te encontrar aqui, nunca pensei... — Ela tapou a boca com as mãos.

— Ora, por favor, me poupe — disse Nellie e andou até o telefone.

— Olha, desculpa, ok? — Theo continuou. — Mas, enfim, vocês sabem como é o trabalho de um egiptólogo. Você estuda durante anos e anos, desce nas tumbas, fica pesquisando aqueles papiros, e o que te dão em troca? Uma vaga de curador assistente num museu, com um salário que nem dá pra pagar o aluguel.

Hilary afundou o rosto nas mãos.

— Oh, Theo. Se vocês apenas me deixarem levá-lo embora, eu prometo... vou recompensar vocês.

Amy olhou para a mão dela:

— Que anel bonito, Hilary.

— Obrigada, meu bem.

— Quando você chegou em Assuã?

— Agorinha, fofuchos. Theo pediu que eu viesse encontrá-lo. Eu não fazia ideia do motivo.

— Não fazia ideia — repetiu Amy. — Que engraçado, porque eu vi você no aeroporto hoje de manhã. Você ficou parada do lado de um tiozinho, torcendo pra parecer que estava junto com ele. Foi você que tentou cortar

minha pochete! — Ela virou para Theo. — E você fingiu derrubar os óculos pra que ela pudesse fazer isso!

Hilary deu uma risada que soou meio engasgada:

— Que imaginação fértil!

— Ora, francamente, vó. Desista — Theo disse numa voz cansada. — Você acha mesmo que está enganando alguém?

— É só você colaborar! — Hilary chiou.

Vendo a careta de Hilary, a fúria de Amy voltou. Tinha sido traída outra vez, feita de idiota.

— Como você foi capaz? Como pôde trair a Grace? Ela era sua melhor amiga!

— Exatamente! — gritou Hilary. — E tinha todo o dinheiro do mundo, enquanto eu chafurdava na pobreza. Ela não me pôs no testamento. Por que eu não deveria ficar com uma parte do patrimônio?

— Que vovozinha gananciosa! — reprovou Neilie, fazendo um gesto de censura com a cabeça. — Isso faz mal pro carma.

Outra vez, Amy pensou, brava. Ela tinha confiado em alguém e no fim descobrira que havia cometido um grave engano. Agora ela não sabia se devia ficar mais brava com Hilary ou consigo mesma.

Theo deu um suspiro.

— Olha, desculpa ter pegado sua estátua — ele disse para Amy e Dan. — Mas se alguém te oferecesse um bom milhão de dólares, o que você faria?

Nellie tirou o fone do gancho.

— Espera um instante — disse Dan. — Quem te ofereceu um bom milhão de dólares?

— Uma russa maluca.

Neilie colocou o fone de volta no gancho.

— E onde exatamente você viu essa russa maluca? — perguntou Amy.

Theo parecia estar envergonhado.

— Na tumba de Nefertari. Trombei com ela na antecâmara — Theo confessou.

— Era você que estava fazendo o barulho de múmia? — Dan perguntou, furioso.

— Achei... que se vocês ficassem com bastante medo... iam me dar a Sakhet pra guardar.

— Também foi você que mandou aquelas mensagens bizarras — concluiu Nellie. Seus olhos eram fendas estreitas no rosto. — Admita.

Theo fez que sim com a cabeça, olhando para baixo:

— Desculpa.

— Desculpa? Você trancou as crianças numa tumba e fala *desculpa?* — gritou Nellie. — Eu vou te mostrar o que é desculpa!

Ela começou a discar.

— Espera um pouco, Nellie — disse Amy. — Acho que podemos fazer um acordo. — Ela se virou para Theo e Hilary. — Não vamos entregar nenhum dos dois. Com a condição de vocês fazerem um favor pra gente.

CAPÍTULO 19

O ARQUEÓLOGO LOIRO, OU MELHOR, O LADRÃO LOIRO, PARECIA nervoso. Provavelmente porque estava passando a perna em duas crianças cujo único legado de sua querida avó era um concurso maluco que elas estavam destinadas a perder e uma estátua valiosíssima. E, graças a ele, elas tinham perdido a estátua.

Bom, azar o deles, pensou Irina.

O guia turístico acabara não servindo para nada. Não tinha nenhuma dica, apenas anotações nas margens, coisas idiotas como *Isso é imperdível!* e *Gostei da comida aqui*. Zero informação sobre a pista de Assuã. Que perda de tempo. Ela já tinha jogado o livro no lixo. Ler as palavras de Grace, por mais banais que fossem, servira apenas para despertar seu tique no olho.

Irina deu a volta e entrou no café, onde Theo Cotter estava esperando sentado, tamborilando com os dedos na mesinha forrada de ladrilhos, com a bolsa a seus pés. Ela sabia que não tinha sido seguida. Havia passado em frente ao café três vezes para garantir.

Ela sentou discretamente na cadeira ao lado dele:

— Você trouxe a Sakhet?

— Você trouxe o dinheiro?

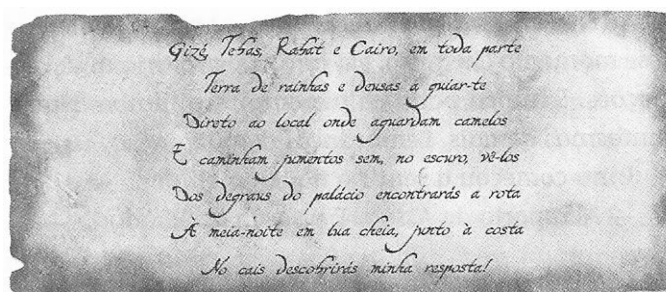
Ela inclinou a cabeça.

— Conforme o combinado. Será transferido para uma conta na Suíça assim que eu me certificar que a estátua é autêntica. — Ela não tinha intenção de transferir o dinheiro. Não precisava da estátua, mas do que havia dentro dela. Fazia séculos que os Lucian estavam procurando aquele objeto. Ela não sabia ao certo por que, mas assim que pusesse as mãos nele ia descobrir.

— Primeiro, vou examinar no banheiro feminino.

Ela pegou a bolsinha, então andou por entre as mesas até o toalete. Trancou a porta, por segurança.

Irina revirou a estátua. Sabia que era uma Sakhet, com cabeça de leão. Dourada, como tinha sido relatado por Napoleão, o grande Lucian. Ela imaginou que os olhos fossem esmeraldas, não sabia nada sobre pedras preciosas. Tudo parecia em ordem. Irina bateu de leve com os dedos, procurando o truque para abri-la. Viu um corte da espessura de um cabelo na juba do leão. Enfiou um estilete estreito (aquele instrumento tinha sido tão útil ao longo dos anos!) na fissura e a cabeça girou facilmente em sentido anti-horário, revelando um pequeno compartimento. Virando a estátua de cabeça para baixo, ela a sacudiu. Um papiro enrolado caiu de dentro do objeto.


Gizé, Tebas, Rabat e Cairo, em toda parte
Terra de rainhas e deusas a guiar-te
Direto ao local onde aguardam camelos
E caminham jumentos sem, no escuro, vê-los
Dos degraus do palácio encontrarás a rota
À meia-noite em lua cheia, junto à costa
No cais descobrirás minha resposta!

Parecia uma grande baboseira. Mas as dicas que levavam às pistas nunca faziam sentido até que se chegasse ao lugar correto. Rabat era uma cidade no Marrocos. Sem dúvida tudo ia se esclarecer quando chegasse lá. Com cuidado, Irina fechou o compartimento secreto. Pôs o papel no bolso e a estátua de volta na bolsinha.

Ela andou de volta por entre as mesas e jogou a bolsa aos pés de Cotter.

— Não esperava que você tentasse me enganar — ela disse. — Isso nunca é uma boa ideia. Essa estátua é falsa.

— Não, eu garanto que é genuína.

—Rá! Você acha que eu nasci ontem? Sem dinheiro pra você! — Irina levantou e saiu correndo.

Ela se perguntou se o aeroporto tinha voos diretos para o Marrocos. A antiga cidade de Rabat era sua próxima parada.

Quando entrou num táxi, deu os parabéns a si mesma. Tinha superado aquele breve instante de sentimentalismo na tumba de Nefertari. Não podia se permitir outra fraqueza como aquela.

Quando ela tivesse as 39 pistas, talvez pudesse se dar ao luxo de ser generosa. Generosa não, isso seria exagero. Talvez só um pouco... menos austera. Até que esse momento chegasse, ela não se permitiria mais distrações. E nunca poria os pés em outra tumba. Havia fantasmas demais. Lembranças demais...

Irina começou a sentir o tique no olho:

— Aeroporto de Assuã. E pisa no acelerador!

CAPÍTULO 20

— DEU CERTO — DISSE DAN. — ISSO É BOM, NÉ?

— É — concordou Amy. Irina partira para o Marrocos e eles tinham visto Theo e Hilary embarcar no avião para o Cairo.

— Por que vocês estão com essa cara de desânimo? — perguntou Neilie. — Deviam estar comemorando.

O plano tinha dado certo: Theo imitara a letra de Katherine em um papiro velho que haviam arranjado. Depois foi só comprar uma Sakhet falsa, fazer um buraco com a furadeira e encaixar o papiro. Irina caíra como um patinho.

— Graças à soma dos nossos talentos, vocês acabam de mandar sua pior inimiga para uma viagem sem volta ao meio do nada — continuou Nellie. — Além disso, era eu que devia estar chorando. Meu coração está partido — Nellie fez um gesto com a colher para depois enchê-la de iogurte com mel. — Hmmm, que delícia.

— Seu coração ficou partido por uns cinco minutos — disse Amy.

Nellie deu de ombros.

— O que você queria que eu fizesse, parasse de comer? — Ela apontou a colher para Amy. — Nunca se arrependa de ter confiado em alguém. Isso prova que tem coração. Mas se ele no fim for um canaintiroso, não vou perder

meu tempo chorando. Porque eu eu sou uma criatura fabulosa, não preciso disso.

Amy sabia que Nellie estava falando aquilo para que ela superasse a decepção com Ian. Será que conseabsorver parte da autoconfiança de Nellie? Ela nunca se sentia fabulosa. De vez em quando, com sorte, achava que atingia a marca do *mais ou menos*.

— Foi um plano brilhante — admitiu Dan. — Você sabia que Irina não ia desembolsar um milhão de dólares.

— Ela não tem um milhão de dólares — afirmou Amy. — Ela ia enganar o Theo. Só queria a dica. E estava tão desesperada que não parou pra pensar que foi um pouco fácil demais.

— Esse é o defeito fatal dos Lucian — concluiu Dan. — Eles acham que são brilhantes.

Nellie comeu o resto do iogurte e se espreguiçou:

— Já vou indo pra piscina. Tenho uma sugestão: que tal descer do trenzinho da aventura por hoje?

— Eu fiquei pensando — disse Dan quando Nellie foi embora. — Acho que a Grace preparou a gente pra este viagem. Lembra quando ela nos levou pra passar o fim de semana em Nova York? Fomos no Museu Metropolitan e ficamos várias horas na ala egípcia. Lembra do Templo de Dendur?

— É verdade! — exclamou Amy. — Ela nos contou tudo sobre a Represa Alta de Assuã, e como foram inundados todos esses monumentos que precisaram ser salvos, como o Templo de Dendur. Mas é só isso que eu lembro. Se ela nos deu uma dica naquele dia, não sei qual foi.

— Ela comprou pretzels quentes pra gente — disse Dan. — Isso eu lembro.

A memória aflorou dentro de Amy. Uma das centenas de lembranças da avó que estavam enterradas em sua mente e no seu coração. Comer pretzels com mostarda nos degraus do museu. Tinha sido no outono, ela lembrava das laranjeiras brilhantes do Central Park. Grace já tinha passado por uma sessão de quimioterapia. Todos pensavam que ela tinha dado um pé na bunda do câncer, que ficaria bem, que ia viver para sempre.

Bom, Amy e Dan tinham achado aquilo, pois era o que Grace queria que eles achassem. Pelo tempo que fosse possível.

Que coisas maravilhosas nós vimos hoje, Grace dissera. *Mas às vezes as pessoas passam tempo demais no passado. Nada do que eu vi até hoje é tão bom quanto este pretzel!* Ela sacudira o pretzel no ar e dera uma mordida.

Ela não estava falando só do pretzel. Amy agora sabia disso. Ela estava falando de tudo o que dizia respeito àquele momento. O agora. Eles três juntos, sentados nos degraus do museu num perfeito dia de outono, comendo pretzels e mostarda comprados de um vendedor ambulante.

A lembrança não pertencia apenas a ela. Pertencia a Dan. Ele lembrava de coisas assim. Momentos aleatórios que pareciam pequenos, mas, na verdade, eram imensos. Muitas vezes esses momentos passavam batidos porque ela estava tão ocupada se preocupando com alguma coisa idiota, como tomar um ônibus. Ou com a mostarda que caíra em sua saia nova.

Amy tirou a Sakhet da pochete e a colocou na mesa.

— O que a gente deve fazer com ela? — perguntou. — Não acho seguro ficar carregando a Sakhet em Assuã. Você decide.

O que ela na verdade estava dizendo era: *Grace pertence a nós dois.*

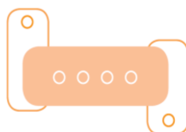
Dan olhou nos olhos da irmã. Ele sabia.

— Que tal deixar no cofre do hotel? — ele perguntou. — Aí podemos encontrar a Nellie na piscina e fazer uma coisa realmente radical.

— Tipo o quê?

Dan abriu um sorriso torto.

— Tipo se divertir.



— Ah, senhorita Cahill. — O gerente levantou de trás da mesa para cumprimentá-los e se apressou para apertar a mão dela. — Fiquei tão feliz quando você telefonou. Eu conhecia sua avó muito bem.

— É mesmo?

— Grace Cahill foi uma hóspede preferencial durante muito tempo. Começou a vir no fim da década de 1940, e depois quase todos os anos, por mais de vinte anos. Temos arquivos no hotel e ela é uma figura proeminente.

— Eu não sabia disso.

— Ah, sim. Temos uma linda foto da sua avó pintando na beira do Nilo. Vocês gostariam de ver? — Ele pôs a mão dentro da gaveta. — Eu localizei no arquivo depois que vocês telefonaram.

Amy olhou para a fotografia em preto e branco. Grace estava mais jovem e mais magra, de calça e camisa branca. Um xale cobria sua cabeça. Ela estava sentada em frente a um cavalete, em algum lugar no jardim, virada para o rio. Ao lado dela havia um homem mais velho, atarracado e de chapéu de palha, pintando a mesma cena.

—Esse não é...

— Sim, Winston Churchili, que também era um hóspede preferencial. Primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial, um grande estadista, pois é. Mas duvido que vocês soubessem que ele também era pintor. Ele sempre dizia a Grace que ela precisava tomar aulas com ele. Acredito que esta foto tenha sido tirada nos anos 1950.

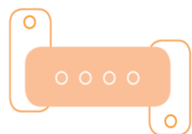
— Obrigada por me mostrar isso. Eu queria saber se vocês podem guardar uma coisa no cofre pra mim — pediu Amy, mostrando a caixa com a Sakhet.

— É claro. — Ele virou, abriu o cofre e pôs a Sakhet lá dentro. — E agora, preciso pedir desculpas a vocês. — Ele tirou outra coisa do cofre. — Grace Cahill nos telefonou há um ano e pediu para localizarmos um quadro que ela tinha pintado e deixado de presente. Ela queria comprá-lo de volta. Durante anos ficou pendurado no escritório do gerente anterior. Então, depois de uma reforma, ele foi perdido. Quando ela telefonou, nós procuramos e não conseguimos encontrar. Mas justamente hoje, quando fui procurar esta foto, encontrei o quadro. Agora eu gostaria de dá-lo a vocês de presente, com o pedido de desculpas do hotel.

Ele entregou a Amy um pequeno pacote embrulhado.

Amy apertou o pacote contra o peito.

— Obrigada.



— Está vendo? — Amy mostrou o quadro para Dan. — Lembra do que a Grace disse no cartão? *Não se esqueçam da arte!* Aqui está!

Era uma pintura em aquarela retratando o Nilo. Amy reconheceu a paisagem e o estilo de Grace. Ela pintara as palmeiras pontudas, a água verde, as pernas delicadas das aves pernaltas nas margens.

Dan suspirou:

— Estou suspeitando que não vou conseguir nadar.

Amy pousou o quadro em cima da cama. Desentortou os pregos que prendiam a tela à moldura. Dan observou a irmã levantar o fundo com cuidado e depois tirar a tela da moldura.

— Tem alguma coisa errada aqui.

Dan espremeu os olhos para ver melhor. Pegou a pintura e a segurou contra a luz:

— Olha. Grace pintou no verso de outro quadro.

Amy chegou mais perto para examinar uma assinatura rabiscada na parte de baixo.

— Grace pintou no verso da pintura de *Winston Churchill.* Ela sorriu. — Deve ser a vingança por ele ter dito que ela precisava tomar aulas com ele.

— Amy, essa foi a vingança dela contra um Cahill — disse Dan. — Veja mesmo lugar. É a ilha de Philae. Está vendo o Templo de Ísis? Essa é a ilha verdadeira, antes de ser inundada.

— Tem razão! Churchili deve ter pintado isso como uma dica para a pista! Queria saber a que clã da família ele pertencia.

— Não sei, mas, se eu fosse chutar, apostaria que ele é um Lucian — concluiu Dan. — Ele tem essa cara de estrategista mirabolante...

— Acho que ela pintou por cima pra esconder a imagem. — Amy ergueu a pintura outra vez. — Peraí. Está vendo essas ondas que a Grace pintou? O que você acha que elas parecem?

Ela apontou para as ondas, com suas cristas alaranjadas pelo sol poente. Dan observou por um longo instante.

— Setas — ele concluiu. — São *setas*.

— Segurando a tela contra a luz, dá pra ver a pintura que Churchili fez de Philae. As setas estão apontando para aquele muro.

— O braço protetor!

— Isso é um mapa. Para a pista de Katherine!

— Ótimo — Dan falou com uma voz de derrota. — A pista está embaixo d'água. Talvez eu realmente tenha chance de nadar um pouco. Com os crocodilos. E aqueles parasitas que penetram na pele.

Amy tamborilou os dedos na mesa.

— Tem que haver uma solução.

Nesse instante, ela percebeu que a gaveta da mesa estava entreaberta. Ela inclinou a cabeça e viu um pequeno objeto metálico lá dentro.

Tinha um microfone escondido no quarto deles!

CAPÍTULO 21

A PORTA DO QUARTO BATEU COM UM ESTRONDO. NELLIE JOGOU A chave em cima da cômoda:

— Essa piscina é melhor que uma raspadinha de chai. Estou totalmente refrescada. Deixa eu tomar uma ducha e vamos discutir os planos pro jantar. Só temos mais uma noite em Assuã e eu tive umas ideias.

Nellie entrou no banheiro. Dan e Amy entraram junto com ela e fecharam a porta.

— Hã, amigos... Eu sei que nós ficamos mais próximos e tal, mas assim é um pouquinho próximo demais pro meu gosto, ok?

Amy estendeu a mão e abriu a torneira do chuveiro no máximo.

— Tem um microfone no quarto — ela disse por baixo do barulho da água corrente.

— E daí? — respondeu Nellie. — Vocês querem fazer um karaokê?

— Um microfone *escondido* — esclareceu Dan. — Tipo, estão vigiando a gente.

— Precisamos que você nos dê cobertura, enquanto procuramos a pessoa que está nos espionando — pediu Amy. — Quem quer que seja, deve estar por perto.

— Você só precisa ficar falando sem parar. Pensamos muito sobre isso e achamos que está capacitada para a tarefa — disse Dan.

— Hahaha, moleque. Mas é verdade. Na hora de soltar a língua, sou a campeã — concordou Nellie.

Nellie desligou o chuveiro, e voltaram para o quarto.

— Essa piscina é tão legal — ela continuou, como se nunca tivesse sido interrompida. — Conheci esse casal de escoceses e falei, tipo, Nossa, *o salmão defumado do seu excelente país é delicioso...*

Amy abriu a janela com cuidado, sem fazer barulho. Ela e Dan saíram em silêncio.

— E eles falaram, tipo, *Ah é, moça, jura que você conhece os nossos peixinhos? Verdade?* — Nellie continuava, fingindo um sotaque escocês horrível. — Aí eu disse: *Sabe qual é a única coisa que falta na Escócia? Uns pãezinhos! Pra acompanhar! Daí eles disseram: Puxa, jura que você tá falando sério? Que ideia mais adorável...*

Com o falatório de Nellie zunindo em seus ouvidos, Amy e Dan fugiram correndo.

Eles seguiram o caminho em curva, passaram por baixo das palmeiras, atravessaram os jardins e contornaram até a porta da frente do hotel.

— Aposto que o espião está no saguão — disse Dan. — O aparelho tem um transmissor sem fio, por isso vamos ter que examinar os ouvidos de cada pessoa.

— E como vamos fazer isso?

— Que tal dizendo que viemos pra uma convenção de fabricantes de cotonetes?

Eles entraram no saguão, que estava apinhado de hóspedes se abrigando do calor da tarde. Dan e Amy pararam perto de uma coluna e observaram a multidão. No começo foi difícil escolher uma única pessoa para olhar. Havia turistas de pé e sentados, conversando, lendo guias e revistas, passando jornais uns para os outros, todos tomando fôlego antes do próximo round de visitas a templos.

Dan apontou com o queixo para um homem sentado de costas para ele. Era um sujeito musculoso usando um chapéu de palha duro, com um jornal

aberto na frente do rosto. Seu pescoço grosso estava vermelho, queimado de sol.

— Faz cinco minutos que ele não vira uma página. E tem alguma coisa no ouvido dele. Vamos.

— Mas não estou reconhecendo ele...

— Aposto que é Eisenhower Holt disfarçado.

Amy foi atrás. Dan andou até o homem e arrancou o jornal da frente do seu rosto.

— Peguei você!

— O que você acha que está fazendo, meu rapaz? — o homem perguntou num sotaque britânico.

Dan devolveu depressa o jornal para o homem.

— Hã... peguei você por usar o melhor chapéu do pedaço! — ele inventou. — Parabéns!

Amy puxou Dan para longe.

— Enquanto você estava atacando aquele cara, todo mundo no saguão olhou pra gente — ela sussurrou. — Menos ele.

Havia um homem sentado no canto, com um jornal na frente do rosto. Vestia um terno da cor de sorvete de baunilha. Vendo os sapatos da mesma cor, Dan percebeu que o homem usava meias cor-de-rosa.

— É ele — declarou Dan. — Só conhecemos um único panaca que consegue fazer alta espionagem e caprichar no figurino ao mesmo tempo.

Era uma piada idiota, mas foi só para controlar a loucura que ele sentiu ao ver o tio. Alistair Oh era o único membro da famiia Cahill que de fato tinha se afeiçoado a eles. Pelo menos era o que eles achavam. É verdade que tinham passado a perna uns nos outros algumas vezes, mas também acabaram trabalhando em equipe. Alistair salvara a pele deles em mais de uma ocasião. Mas, no fim, mostrara ser igual a todos os outros Cahill: estava agindo por conta própria e disposto a trair qualquer um que se metesse em seu caminho.

Dan avançou até ele discretamente e agarrou o jornal, jogando-o para longe de Alistair.

— Surpresa!

Alistair Oh ergueu o rosto para eles, com um olhar inocente:

— Saudações, meus jovens.

— Saudações, sua raposa — respondeu Dan.

— Talvez uma explicação fosse apropriada...

— Talvez uma cacetada na sua cabeça fosse apropriada — ameaçou Dan.

Amy deu alguns passos, pegou um telefone do hotel e discou o número do quarto deles. Quando Nellie atendeu, ela disse:

— Certo, agora pode parar.

— Puxa, que boa notícia — disse Nellie aliviada. — Eu já estava prestes a desmaiar!

Amy pôs o fone no gancho e se virou para Alistair. Dan estava de braços cruzados, encarando o tio.

— Entendo que isso possa parecer errado... — justificou Alistair.

— Você ouviu isso, Amy? Tem um morto falando.

— Que incrível! — concordou Amy. — Mas será que você não quis dizer um morto mentiroso, trapaceiro e traidor?

— Eu tive um bom motivo para fazer o que fiz! — exclamou Alistair. — Minha segurança depende do fato de eu estar morto. Qualquer coisa que não fosse isso não teria funcionado. Vejam, nossa aliança agora vai ser mais forte do que nunca.

— Nós não temos uma aliança — afirmou Dan. — Porque você *mentiu.*

— Foi uma mentirinha necessária. Pensem bem. Agora posso agir em segredo. Vocês terão um parceiro realmente silencioso. Os Kabra acham que eu morri. A notícia logo vai se espalhar por toda a família Cahill.

— Seu tio acha que você está vivo.

— Bom. — Alistair tossiu de leve. — Ele deve ter seus motivos. Mas não vai contar pros outros. Apesar das nossas divergências, somos Ekaterina.

— Então por que você pôs um microfone escondido no nosso quarto? — perguntou Dan.

— Eu sabia que vocês tinham falado com meu tio no Cairo. Queria descobrir se tinham feito uma aliança com ele. Vocês não devem confiar nele.

— E por acaso a gente deve confiar em você? — caçoou Amy.

— Você espiona a gente e vai que, sem querer, acaba ouvindo alguma informação sobre uma pista pra chegar antes de nós. Isso seria um bônus, né? — Dan perguntou, sarcástico.

— Não, não foi para chegar antes de vocês insistiu Alistair. — Foi para ajudar vocês. Podemos fazer isso juntos.

— Agora quer que a gente acredite em você? — redarguiu Amy. — Nós confiávamos em você, Alistair. *Você abandonou a gente.*

Alistair deu um suspiro. Baixou o olhar e contemplou seus tornozelos cor-de-rosa.

— Me arrependo de ter perdido a confiança de vocês — ele confessou. Ergueu o rosto e encarou os dois. Parecia haver sinceridade em seus olhos castanhos. — Mas não posso me arrepender do que fiz. Foi pelos melhores motivos. Pela nossa aliança.

— Pare de usar essa palavra — mandou Dan. — Você não entende? A gente não confia em raposas!

— Vocês precisam entender uma coisa: esse é só o começo da busca pelas 39 pistas. Haverá traições verdadeiras e traições aparentes. Haverá reviravoltas. Vitórias que no fundo não farão diferença. O que vocês devem fazer é simples. Por mais que as coisas pareçam estranhas, precisam continuar avançando. E como fazer isso? Seguindo seu coração. Se realmente acreditam que eu não estou do lado de vocês, então podem ir embora. Mas se acreditam que juntos podemos encontrar essa pista, fiquem.

O que fazer? Dan perguntou-se. Ele estava furioso com Alistair. Os dois ainda estavam abalados com a traição de Theo e Hilary. Talvez Amy tivesse razão, não podiam confiar em ninguém. Principalmente em

Alistair. Porém, estavam num beco sem saída e talvez precisassem dele.

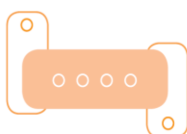
— Tenho um jeito de encontrar a pista.

Dan acenou negativamente com a cabeça:

— Duvido.

Alistair sorriu:

— Sou um Ekaterina. Não duvide de mim.



Alistair foi abrindo uma trilha entre os juncos com um graveto. A lama empapava as barras de sua calça cor de creme, feitas sob medida para ele por um ótimo alfaiate de l-long Kong. Às vezes era necessário fazer sacrifícios na busca de um objetivo valioso.

Ele havia contratado um táxi para levá-los para fora da cidade, seguindo para o sul, depois o dispensara numa aldeia núbia. Distribuiu saquinhos de balas e canetas para espantar os meninos do povoado, que pediam bakshish. Agora eles estavam sozinhos numa trilha em direção ao rio, um caminho cada vez mais coberto pelo mato.

O aparelho de espionagem talvez não tivesse sido sua melhor ideia. Ele devia simplesmente ter batido na porta e conversado com eles. Mas assim não podia ter certeza de que não haviam falado com Bae. Precisava certificar-se de que as crianças não o haviam traído.

Esse era o problema de todos os Cahill: ninguém sabia em quem confiar. E com razão, é claro. Alistair tinha traído e sido traído inúmeras vezes.

Quisera escapar à moda dos Cahill. Tinha tentado cooperar com Dan e Amy. Mas viu uma chance de fugir, de fingir que estava morto, e os abandonou.

Às vezes era necessário fazer sacrifícios na busca de um objetivo valioso.

Ele falou isso para si mesmo.

Mas havia diferença entre calças e crianças.

O mais triste era que ele se identificava com as crianças. Sua infância tinha sido sacrificada em nome da busca pelas pistas. Seu tio cuidara para que isso acontecesse. Bae tinha se aproveitado da engenhosidade de Alistair, explorado o sobrinho, mentido para ele. Fizera coisas indizíveis na busca de um objetivo improvável. E agora, chegando ao fim da vida, o tio Bae estava ainda mais desesperado.

E Alistair também estava desesperado. Desesperado para vencer. Porque as 39 pistas não podiam cair nas mãos de Bae Oh. Mesmo ele sendo um Ekat.

O que aconteceria com Dan e Amy? O que aquela caçada faria com eles? O que Grace havia legado aos netos? *Ela devia tê-los protegido melhor*, pensou Alistair, sentindo uma tristeza repentina. Será que as pistas tinham corrompido Grace também?

Será que a proteção das crianças agora dependia dele? Nesse caso, estavam todos encrencados. Ele faria o melhor possível, mas não era nenhum herói.

Ele via no rosto duro de Dan que o menino ainda não confiava nele. Alistair sentiu uma coisa estranha envolver seu coração. Afeto. Uma emoção que ele abandonara tantos anos atrás, quando havia se concentrado na busca pelas pistas.

Eles se embrenharam na vegetação rasteira e foram parar na margem do rio. Alistair se livrou do graveto que segurava e afastou os juncos para o lado com as mãos.

— Com vocês — ele anunciou com a voz entusiasmada —, o submersível Ekat.

Dan e Amy espiaram por entre os arbustos. Um pequeno veículo em formato de bolha apoiava-se em duas pernas que terminavam no que pareciam os pés de um pato gigànte. A bolha era feita de plástico esverdeado. Havia um pequeno propulsor em uma das extremidades que o sustentava.

— Ah, você tá brincando — caçoou Dan. — Você comprou isso no supermercado?

— Eu mesmo o projetei — explicou Alistair, dando um tapinha no veículo.

Amy parecia nervosa.

— Tem uma escotilha de emergência?

— Não precisa de escotilha de emergência. Ele é infalível. Vocês estão com o mapa?

Amy assentiu com a cabeça e apontou para a po chete.

— É o único jeito de chegarmos lá — garantiu Alistair — Philae está bem ali, esperando por nós. — Ele apontou para a água verde. — Não falta muito tempo para o pôr do sol, e daí ficaremos sem luz.

— Dan? — consultou Amy.

Dan olhou para a água. Alistair viu o menino calcular suas chances, para depois tomar uma decisão. Ele ia aceitar. Aquele traço de personalidade seria bom ou perigoso?

De qualquer modo, o coração de Alistair se encheu de alívio quando Dan acenou afirmativamente com a cabeça.

— Vamos achar essa pista.

CAPÍTULO 22

O SUBMERSÍVEL FOI DESCENDO NUM MERGULHO E A ÁGUA O envolveu. Foram cada vez mais fundo, guiados por um sistema de mapeamento de última tecnologia (segundo Alistair lhes garantiu). Os três ficaram apinhados naquele espacinho, espiando pelo plástico verde, esperando para ver a ilha aparecer. Conforme o veículo ia afundando, a água ficava mais turva, mais escura e lamacenta.

— Tomara que a gente ache logo — disse Alistair. Não queremos que acabe o oxigênio.

— Acabar o oxigênio? — perguntou Dan. — Achei que você tivesse dito que esse troço é infalível.

— Bom, sim, o veículo é. Mas não necessariamente a circulação de ar. Não tive tempo de aperfeiçoá-la totalmente. — Alistair mexia nos controles para manter o submersível na rota.

— Valeu por avisar!

— Calma, Dan, não fique irritado. Assim você vai gastar muito oxigênio.

— Vamos tentar não respirar — Amy resmungou.

— Eu não estava contando com essas correntezas — confessou Alistair num tom preocupado.

— Puxa, outra boa notícia — zombou Dan.

Uma correnteza de repente atingiu o submersível e o fez girar de lado.

— Uou! — Alistair lutou para manter o controle. — Aqui tinha corredeiras e cachoeiras antes da represa. Acho que elas ainda existem, só que abaixo da superfície.

— Olha lá na frente! — gritou Dan. — Estou vendo!

A ilha de repente apareceu por entre a água turva, coberta de vegetação aquática e dos resquícios de antigos muros. Conforme Alistair pilotava o veículo para que se aproximasse, os irmãos faziam esforço para comparar a pintura de Grace com o que estavam vendo no muro. Alistair acionou uma luz externa que iluminou a área ao redor.

— Ali! — gritou Alistair. — Estão vendo a elevação? E aquele muro? Era ali que ficava o Templo de Ísis! Encontraram alguma coisa chamativa no mapa de Grace?

Amy passou a luz da lanterna por baixo do papel para conseguir ver tanto a pintura de Churchill como as setas de Grace.

— Estão vendo o canto do muro? Tem três pedras grandes. Uma tem uma fenda no meio — mostrou Amy.

— Você consegue chegar mais perto? — Dan perguntou a Alistair.

O veículo avançava com mais dificuldade conforme ia se aproximando.

— Está difícil... manter... o curso... — disse Alistair, lutando com o volante. De repente, o veículo deu um tranco, empurrado por uma correnteza traiçoeira e bateu com força no muro. Amy levou um susto.

— Está tudo bem, ainda estamos hermeticamente fechados — assegurou Alistair, conferindo as luzes do painel. Uma luz amarela começou a piscar. — Eu acho.

— Tem alguma coisa entalhada na pedra! — Dan de repente gritou. — Chegue mais perto!

Eles olharam através da lama enquanto sacudiam com a turbulência. O submersível girou para a frente feito uma bola, derrubando Amy de lado. O rosto dela ficou espremido contra a bolha, bem rente ao antigo muro.

Ela só conseguiu distinguir duas letras.

KC.

— Katherine Cahill! — ela exclamou.

— Acho que ali do lado tem uns números — disse Dan. — Chegue mais perto!

— Estou vendo! — gritou Amy.

Alistair aproximou-se mais com o veículo. Frondes de plantas tremulavam na frente, carregadas pela correnteza, e eles precisaram esperar até a visão ficar desimpedida. A luz iluminou o muro.

1/2 **g** M

— Meio grama! — Dan conseguiu ler.

— Mas o que é esse M? — perguntou Amy.

— Uma letra do alfabeto? — disse Dan, olhando para o muro.

Havia um corte profundo na pedra depois do grande M.

— Parece que o M grande está cobrindo outra letra — supôs Amy. — Devia ter uma palavra ali. Não conseguimos ler!

— Deve ter sido quando eles removeram o templo daqui — concluiu Dan.

Havia uma película de suor no rosto de Alistair.

— Não — ele disse em voz baixa. O M é de Madrigal. Foram eles que fizeram isso.

Como se empurrado por uma mão invisível, o submersível balançou de um lado para o outro, assustando a tripulação. Amy e Dan se agarraram nas bordas dos assentos, enquanto Alistair lutava para não perder o controle. Uma luz vermelha começou a piscar no painel.

— Está entrando água no veículo — constatou Alístair. — Deve ser uma rachadura. Se o submersível ficar pesado demais...

— O que acontece? — perguntou Amy, desesperada.

— Não vamos conseguir subir.

Alistair puxava os controles com força.

— A água deve ter entrado na instalação elétrica. Perdi o leme!

A correnteza arrastou o veículo como se fosse um graveto e o arremessou na direção do muro.

— Faça alguma coisa! — gritou Dan.

— Estou tentando!

O terror deixou Amy colada ao assento. No último segundo, a correnteza desviou o submersível da rota de colisão.

— O que nós vamos fazer? — Amy tentou impedir que o pânico dominasse sua voz. Presa nas águas profundas do lago... Ninguém sabia onde eles estavam.

Era como se a força malévola dos Madrigal se abatesse sobre eles e os conduzisse à perdição.

Alistair olhou para os instrumentos de medição. Seu rosto ficou pálido:

— Estamos afundando.

Amy se agarrou nas laterais da cadeira. Lentamente, o submersível começou a afundar. Bateu na areia e deitou para o lado. Tudo ficou em silêncio.

Era assim que tudo ia acabar, com aquele silêncio terrível?

— Quanto ar a gente tem? — perguntou Amy.

Alistair olhou para o medidor:

— Difícil dizer.

Ela encarou o tio com um olhar duro:

— Diga.

Alistair engoliu em seco:

— Quinze minutos. Talvez.

Todos ficaram em silêncio por um longo instante. Então, Dan balançou a cabeça.

— Não — ele disse com firmeza. — Não mesmo. Não vou desistir. Vamos sair daqui.

Alistair apertou vários botões:

— Sinto muito, não tem mais eletricidade. Não tem nada que a gente possa fazer.

— Olhe ali na frente — mostrou Dan. — Está vendo onde o chão termina? Dá até pra ver a correnteza. É bizarramente rápida. Se a gente conseguir pegar essa correnteza...

À frente, Amy conseguiu distinguir um tremor na água, um brilho esverdeado, como um canal atravessando o lodo.

— Estou vendo! Mas como vamos chegar até lá?

— Andando — respondeu Dan. — Lembra? Eu ganhei a corrida naquele parque de diversões...

— A corrida de bolhas! — exclamou Amy. — Vamos tentar!

Alistair ficou olhando, confuso, enquanto as duas crianças jogavam o peso para a frente do veículo em formato de bolha, que começou a avançar rolando, bem devagar. Eles deram outro passo e o veículo rolou para a frente de novo, mais um centímetro.

— Entendi! — disse Alistair. Ele ficou de pé num pulo e começou a ajudar.

Avançando um agonizante centímetro por vez, amontoados uns nos outros, eles foram rolando a bolha pelo chão, se aproximando cada vez mais da correnteza.

— Só... mais... um... metro... — ofegou Dan, com o rosto coberto de suor.

Eles deram toda a força que tinham. O submersível avançou do ponto onde terminava o chão, caiu em meio à correnteza e disparou.

Agora os três estavam envoltos na correnteza alucinante, avançando aos solavancos em alta velocidade.

— Uhu! — Dan gritou enquanto eles eram lançados para a frente.

Eles se seguravam com força, pois o veículo batia e girava, totalmente à mercê da força da água. Amy bateu a cabeça no teto. Alistair teve que se agarrar ao assento.

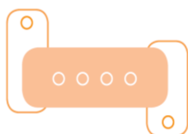
— Estamos chegando no raso! — Dan percebeu.

Eles viram o leito do lago se elevando ao encontro deles. De repente, com um splash, quicaram no chão e emergiram. A água já batia nos tênis deles, mas a geringonça ainda estava boiando.

Alistair estendeu o braço e abriu a escotilha.

— Tenho um par de remos — ele falou num tom inocente.

— Ótimo — disse Dan, sentindo o balanço do veículo no rio. — Uma bolha verde remando Nilo abaixo. Não vai chamar a atenção de ninguém.



A sorte é como os doces de Halloween, refletiu Dan. É claro que no começo você se entope de chocolate bom, mas antes que você perceba já chegou no fundo da abóbora de plástico e a única coisa que sobrou é uma bala coberta de sujeira. Aí você morde a bala e quebra o dente.

As sombras se alongavam em frente ao Hotel Velha Catarata no momento em que eles se despediam de Alistair. A derrota estava estampada nos seus rostos. Quase tinham morrido e ainda não tinham encontrado a pista. Estava perdida para sempre, roubada pelos Madrigal.

Alistair se curvou.

— Peço desculpas por quase afogar vocês — ele disse. — Grace ficaria furiosa. Imagino a voz dela dizendo: *Alistair, existem os riscos calculados e existe o excesso de confiança.*

— O que você vai fazer agora? — Dan perguntou.

— Primeiro, voltar para casa, para minha biblioteca — suspirou Alistair. — Quando se chega a um beco sem saída, às vezes a resposta é pesquisar mais.

Amy também achava aquilo. Mas, naquele caso, não sabia o que pesquisar. Tinha fracassado. Só sabia que estava cansada demais para dar outro passo.

— Vou para o Cairo hoje à noite e de lá pego um voo para Seul — ele disse. — Vou dar o número do meu celular novo para vocês. Por favor, decorem, não anotem em lugar nenhum.

Ele entregou um papelzinho às crianças. Dan deu uma olhada rápida e depois rasgou.

— Tem certeza de que você decorou?

Dan olhou para ele com cara de *você só pode estar brincando.*

Alistair deu uma risadinha.

— Deixa eu lhes dizer uma coisa: vocês dois têm talentos inigualáveis. No começo, achei que vocês não fossem páreo para este concurso. Me enganei redondamente. Se vocês precisarem de um lugar para ficar no Cairo, podem usar meu cartão no Hotel Excelsior à vontade. Fui informado de que meu tio voltou para Seul. Vocês vão ficar em segurança ali por uma ou duas noites.

— Mas e os outros Ekat? — perguntou Amy.

— Oh, não se preocupem. Ninguém vai lá. Ninguém mais aguenta o Bae dizendo como foi genial ele ter montado a base secreta e como os outros foram burros de não se dar conta disso. Por isso, digamos que é um boicote. Todo mundo prefere o Triângulo das Bermudas... Aquilo sim é base secreta!

Dan engoliu em seco. Ele ia gostar de explorar essa história do Triângulo das Bermudas, mas Amy estava com aquela cara, como se já planejando o próximo passo. Deixando de aproveitar as coisas legais que apareciam no caminho, como sempre.

Amy fez que sim com a cabeça.

— Boa ideia — ela concordou. — Precisamos de um lugar para planejar nossa próxima ação.

— Ouvi dizer que os Holt estão operando em algum lugar perto de São Petersburgo — contou Alistair. — Isso é uma opção, embora a chance de um Holt fazer alguma coisa inteligente seja muito pequena.

— Valeu pela dica — agradeceu Dan. — Mas acho que vamos dispensar essa.

— Isso provavelmente é sensato — Alistair suspirou.

— A chance de encontrar uma pista que uma Cahill original deixou intocada era um sonho, não era? Agora sabemos que tem meio grama de alguma coisa esperando nossa descoberta. — Ele fez uma pequena mesura. — Vejo vocês por aí.

Amy e Dan andaram devagar de volta para o quarto, deprimidos demais para conversar.

— Não sei o que mais podemos fazer — Amy confessou por fim. — Nós quase morremos lá embaixo! Como Grace pode ter levado a gente até lá desse jeito?

— Ela não sabia que os Madrigal iam arrancar um pedaço da pedra — explicou Dan.

— Mesmo assim — reclamou Amy. — Como ela pôde ter achado que a gente ia conseguir descer tão fundo embaixo d'água?

Dan agarrou o braço de Amy.

— Peraí. Talvez ela não tenha achado isso. Lembra que a Grace tinha tentado recuperar o quadro? Quem sabe ela não queria que a gente encontrasse. Talvez fosse uma pista velha. Ela pintou o quadro antes da segunda represa.

— Talvez você tenha razão — Amy disse ao destrancar a porta. — Talvez seja por isso que eu não lembro de nenhuma anotação no livro falando de Assuã. Por que não *tinha* anotação nenhuma. A Grace nos orientou a seguir os passos dela, mas fomos nós que descobrimos a pista de Ísis. Daí a Hilary falou pra gente vir aqui. Provavelmente porque já tinha planos de roubar a Sakhet.

Dan pegou o cartão de Grace e leu de novo.

— Tem alguma coisa que a gente ainda não percebeu.

Amy olhou por cima do ombro dele. Então, pôs o dedo numa frase:

— Veja isto, Dan.

Se eu tivesse sido <u>metade</u> da **g**rande
avó que deveria ter sido

— A palavra "metade" está grifada. E o "g" de "grande" está mais escuro que o resto da palavra.

— Metade de um "g", ou seja, meio grama — resmungou Dan. — Estava aí o tempo todo. Não precisávamos ter vindo até aqui. Mas ainda resta a pergunta mais importante: meio grama de quê?

— Isso é tão frustrante! Estamos apenas um passo atrás dela.

— Como sempre. — Dan frcinziu a testa. — Já que a gente nem devia ter vindo pra Assuã, acho melhor voltar pro Cairo.

— Vamos fazer as malas! — Amy concordou. Eles começaram a botar as coisas nas mochilas e sacolas. Dan mostrou a Amy a base dourada da Sakhet.

— Jogo ou guardo?

— Joga — respondeu Amy. — Isso não vale nada.

Dan atirou a base no cesto de lixo. Ela virou no ar e caiu ao contrário.

— Ei, Amy. Vem cá!

Amy deu um suspiro e andou até o cesto.

— Lixo num cesto de lixo. Estou passada.

— Veja a etiqueta. TESOUROS DO EGITO. Isso veio de uma loja no Cairo. Aqui está o nome e o endereço. Fica na Cidadela, seja lá o que for isso.

— E daí? Grace comprou isso lá.

— Por que a Grace comprou uma base para a Sakhet? A Hilary disse que foi pra disfarçar a estátua. Mas faz um tempão que ela está num cofre de banco, tipo, uns trinta anos.

— A mensagem da Grace! — exclamou Amy. — Deixar o *básico* pro fim, ela disse. Será que era disso que ela estava falando?

— É nossa única dica. Temos que seguir os passos dela e voltar para o Cairo.

CAPÍTULO 23

— "A CIDADELA FOI PRIMEIRO USADA PARA DEFESA." — AMY LEU EM voz alta o texto do novo guia turístico. — "Agora abriga diversos locais sagrados. Possui uma das mais belas vistas da cidade."

— Também tem um monte de ruas sem placa — constatou Dan, olhando em volta. — Como a gente vai achar essa loja?

— Com muita dificuldade, obviamente — respondeu Amy, consultando o mapa.

Eles percorreram as ruas e becos tortos da Cidadela durante vinte minutos. Então foram parar numa ruela sem nome. A maioria das placas estava em árabe. Não havia números nas casas.

— Tanto faz como a gente vai encontrar, mas como será que a Grace encontrou essa loja? — Dan se perguntou.

Amy parou em frente a uma porta estreita que parecia igual a todas as outras. A vitrine era escura. A loja parecia fechada.

—É aqui.

— Tem certeza?

— Tenho. Olhe.



A memória fotográfica de Dan fez um dique:

— É igualzinho ao cartão da Grace. TESOUROS, DO EGITO e BEM-VINDOS estão um em cima do outro.

Amy agarrou o braço dele:

— Ela nos trouxe para cá, Dan. É aqui!

Amy empurrou a porta e um sininho tocou. A loja era comprida e estreita, com prateleiras apinhadas de objetos de metal e cerâmica. Tapetes cobriam o chão. Bem no fundo, ela viu um homem sentado atrás de um balcão, lendo um livro. Ele ergueu o olhar por um instante.

— Sejam bem-vindos, fiquem à vontade. — E baixou o olhar de volta 6para o livro.

Aquilo era estranho. Ela nunca tinha ido a nenhum lugar no Egito onde não houvesse alguém ansioso para lhe vender alguma coisa, pressionando, oferecendo descontos e xícaras de chá.

— Com licença — Dan avançou dentro da loja —, você vendeu isso aqui?

Ele pôs a base no balcão. O homem a pegou. Era um rapaz egípcio bonito, vestindo uma camisa branca e um cachecol listrado no pescoço, apesar do calor. Ele olhou de relance para o objeto.

— Dificil dizer — ele respondeu. — Parece alguma coisa que usamos para expor souvenirs. Posso mostrar outras iguais.

— Não queremos outra — explicou Amy. — Queremos saber se você se lembra dessa.

— Perdão. — Ele olhou para ela pela primeira vez e deve ter captado a frustração da menina. — Não entendo direito o que você está perguntando.

— Você se lembra de ter conhecido uma mulher chamada Grace Cahill?

O homem fez que não com a cabeça.

— Não conheço ninguém com esse nome.

Amy e Dan se entreolharam. É agora ou nunca. Grace os conduzira até ali por um motivo. Dan tirou a Sakhet da mochila. Amy tinha dado para ele carregar.

— Você já viu isso?

Dan viu no olhar do homem que ele reconheceu a estátua, porém negou depressa com a cabeça.

—Não.

— Somos netos de Grace Cahill — explicou Dan. — Achamos que ela nos enviou até aqui.

Ele olhou para as crianças por um longo instante. Seu olhar era inquisitivo e, de algum modo, sincero.

Então, ele se debruçou sobre o balcão.

— Que colar bonito, menina.

— Obrigada.

— Faz trinta anos que o fecho quebrou. Posso? — Ele estendeu os dedos e encostou de leve no fecho do colar. — Meu pai consertou. Fico feliz de ver que ainda está intacto.

— Mas então você conhece ela.

— Perdoem minha hesitação. É preciso tomar cuidado. Meu nome é Sami Kamel. Podem me chamar de Sami.

— Eu sou a Amy, esse é o Dan.

— Finalmente vocês vieram. — Ele se levantou, andou até a porta e virou a placa para o lado que dizia FECHADO.

— Por favor, queiram me acompanhar. — O homem fez uma breve mesura, depois abriu uma cortina e desapareceu.

Amy e Dan o seguiram e entraram numa salinha aconchegante. Ele fez sinal para que se sentassem e lhes serviu chá de menta em frágeis xícaras de porcelana.

— Sua avó conhecia o meu pai — ele disse. — E o pai do meu pai. Meu avô era, como posso dizer... um criminoso famoso.

Amy e Dan deram uma risadinha, surpresos.

— Mas era um bom homem — continuou Sami, sorrindo. — Um falsificador de antiguidades. Fez um favor para a sua avó no final dos anos 1940, nunca quis me contar o que foi. Quando meu pai assumiu a loja, em 1952, convenceu meu avô a abandonar a parte, hã, digamos, ilegal do negócio. Hoje vendemos peças boas, algumas de alta qualidade, algumas baratas, mas nossos clientes sempre sabem o que estão comprando. Sua avó passava na loja toda vez que visitava o Egito. Era muito amiga do meu avô e do meu pai.

Amy bebeu um gole do chá:

— Você disse: *Finalmente vocês vieram.*

— Sua avó avisou meu pai que vocês viriam. Faz tempo que ele guarda uma coisa que ela comprou em sua última viagem ao Cairo. E, agora, eu posso entregar a vocês.

Sami girou a cadeira e estendeu o braço até a estante de livros atrás dele. Mexeu numa alavanca escondida na estrutura de madeira e os livros viraram para cima. Sami tirou da abertura um velho tabuleiro de jogo e o colocou sobre a mesinha.

—É isto.

— Ela deixou um jogo de damas pra gente? — perguntou Dan.

Sami sorriu.

— Não são damas. É Senet, um antigo jogo egípcio. Vários tabuleiros desse jogo foram encontrados em tumbas, mas nenhuma das regras sobre como jogá-lo sobreviveu. Este aqui não é tão antigo, mas é bonito. Madeira entalhada, com marchetes de madrepérola. Achamos que no passado ele continha peças valiosas, talvez de ouro, pois, originalmente, existia uma chave para trancar esta gaveta, onde as peças eram guardadas.

— Uma gaveta? — Amy estendeu a mão, mas ele a interrompeu com um gesto.

— Espere. Sua avó mandou meu pai instalar um dispositivo de segurança na gaveta. Está vendo as letras? Ele usou uma tranca com combinação de letras. Só abre com uma senha. Vocês têm que pôr as letras no lugar correto.

— Não temos uma senha — revelou Dan. — Podemos tentar algumas coisas...

— Vocês só têm uma chance — advertiu Sami. — É a garantia de que realmente são quem dizem ser. Se não acertarem, a gaveta não vai abrir nunca mais. Vocês podem dar uma marretada no tabuleiro, mas há dois problemas. Um é que isso destruiria o que tem dentro. Dois, eu não ia permitir que fizessem isso. Foi a ordem que me foi dada.

O homem sorriu, mas eles perceberam por trás do sorriso que ele não estava brincando.

Dan e Amy se entreolharam, atônitos. Não faziam ideia do que tentar.

— Meu pai disse que Grace tinha certeza de que vocês saberiam.

— Ela... falou alguma coisa que talvez nos desse uma dica? — perguntou Amy.

— Sinto muito. Só disse que vocês iam saber com certeza.

Ele se afastou um pouco para dar privacidade aos dois. Amy pressionou os dedos contra a testa.

— Bom, eu não sei — ela murmurou. — Pode ser tantas coisas.

— O que as pessoas geralmente usam como senha? — perguntou Dan. — O nome do meio? O lugar onde nasceram? Ou a cor preferida da Grace... verde. Ou o sorvete favorito dela...

— Pistache.

— A comida favorita...

— Sushi. O lugar favorito...

— Sconset em agosto, Paris no Natal, Nova York no outono, Boston em qualquer época — enumerou Dan.

Ambos sabiam de cor as coisas preferidas de Grace. Não eram apenas palavras para eles, Amy pensou. Eram lembranças.

Então, Amy se deu conta de uma coisa: todo esse tempo, lembrança após lembrança haviam preenchido o lugar que Grace antes ocupava. Sentada nos degraus de um museu, abanando pretzels quentes. Fazendo brownies. Tendo um acesso de riso numa biblioteca, ouvindo Grace contar histórias junto ao fogo que crepitava. Mergulhar no mar frio. Correr numa rua de Boston no meio da chuva.

— Eu me enganei — ela disse, se aproximando de Dan. — Me enganei tanto. Não confiei nas minhas lembranças. É verdade que a Grace preparou a gente pra isso, mas não porque era uma mulher maquiavélica, com sede de poder. Ela nos preparou por amor. Sabia o que a gente tinha pela frente. E sabia que não podíamos escapar. Tem um motivo pra ela querer que a gente participe da busca pelas pistas. Ainda não sabemos qual. Mas temos que confiar nela. Confiar de verdade. Parar de duvidar. Temos que aceitar a Grace de volta.

— É difícil não ficar bravo com ela, sinto tanta saudade — confessou Dan.

— Podemos ficar bravos com o fato de ela ter morrido. Podemos ficar furiosos. Mas não com ela.

De repente, Dan sorriu. Alguma coisa se assentou dentro deles, encaixando como uma peça de quebra -cabeça Amy sentiu o dique, satisfeita.

Dan confirmou com a cabeça.

— Está bem. Voltando pro problema. Ela deve ter imaginado que a gente ia pensar em todas as senhas possíveis. Não pode ser um chute, tem que ser uma certeza absoluta.

Dan andava de um lado para o outro, tentando pensar. Havia um grande retrato pendurado em cima de uma mesa e seus olhos pareciam seguir o menino. A pintura mostrava um velho de barba branca comprida e olhos escuros penetrantes.

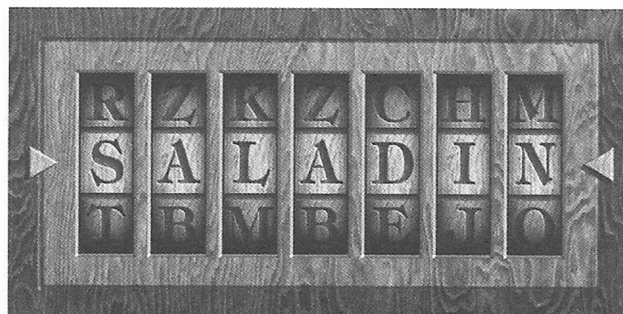
— É amigo seu? — ele perguntou a Sami.

— Na verdade, não. É Salah ad-Din. Um comandante muçulmano famoso que construiu a Cidadela em 1176. No Ocidente ele é chamado de Saladino.

— *Ahá!* — Amy e Dan disseram ao mesmo tempo. — Saladin.

Amy trouxe o tabuleiro mais para perto. Olhou para Dan. Ele assentiu com a cabeça.

Ela moveu as letras, uma de cada vez.



Eles levaram um susto quando a tampa se abriu.

— Viram? — Sami sorriu. — Vocês conhecem sua avó mais do que pensam.

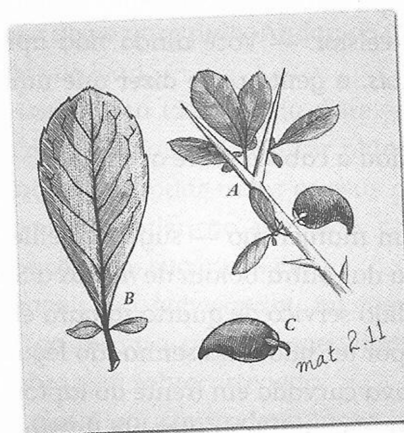
Amy olhou para Dan.

— Pois é — ela disse em voz baixa. — Conhecemos mesmo.

Sami fez uma curta mesura.

— Vou deixar vocês a sós para examinar o que ela deixou.

Eles esperaram Sami fechar a cortina. Amy abriu a gaveta. Tirou um pequeno desenho embrulhado num recorte de linho.



— Parece uma ilustração botânica — ela sugeriu.

— Tem alguma coisa escrita a lápis — percebeu Dan.

mat 2.11

— Deve ser o preço da gravura — disse Amy.

— A gente só precisa descobrir de que planta é essa folha e a pista é nossa — concluiu Dan.

— Não deve ser muito dificil — afirmou Amy.

CAPÍTULO 24

— É TUDO CULPA SUA — DAN DISSE PARA AMY, JÁ DE VOLTA AO Hotel Excelsior. — Você ainda não aprendeu que nunca, jamais, a gente pode dizer que uma coisa vai ser fácil?

Amy enfiou a cabeça entre as mãos.

— Eu sei.

— Tentem manjericão — sugeriu Nellie. Ela se debruçou para dar outra bolota de homus a Saladin. Eles tinham pedido serviço de quarto só para ele, em agradecimento por ter sido uma senha tão legal.

Dan estava curvado em frente ao laptop. Tinha encontrado um dicionário on-line de ilustrações botânicas, mas descobrir a que espécie pertencia uma folha estava se mostrando uma tarefa mais difícil do que eles imaginaram. E Neilie não estava ajudando muito, citando ervas aleatoriamente, como se estivessem preparando uma sopa.

— Quantas espécies tem no dicionário? — Amy perguntou a ele.

— Putz, nem sei. Milhares.

— E desde que a gente está aqui, quantas espécies você checou?

Dan olhou para a lista que estava fazendo:

— Trinta e sete. Não! Trinta e oito, contando com o manjericão.

Amy resmungou:

— Faz 29 minutos que a gente está aqui. Isso pode levar a noite toda.

— E o dia inteiro de amanhã disse NeIlie. — Tente tamarindo!

Dan continuou cljcando:

— Não — ele respondeu, decepcionado.

Amy ficou de pé num pulo. Andou de um lado para o outro, atrás de Dan.

— Mas isso é uma ideia — ela disse. — Afinal, estamos no Egito. Devíamos procurar plantas egípcias. Katherine não ia mandar todos os seus descendentes para cá procurar manjericão, não é?

— Tente acácia — sugeriu Nellie.

— Ou *homus*, ou *babaganush*, ou menta, ou palmeira. — Dan girou a cadeira, sacudindo os braços. — Meu cérebro está sobrecarregado.

— Acho que é por causa deste lugar — concordou Neilie. — Vimos tanta coisa em tão poucos dias. Templos e tumbas e cidades antigas. Cenas incríveis de pôr do sol, belas obras de arte...

— Tem razão, mas você esqueceu as coisas mais legais — disse Dan. — Crocodilos, maldições de faraós, arrancadores de cérebro, partes do corpo guardadas em vasos... Como não gostar disso?

— Eu gostei de ver aquelas fotografias antigas da Grace. Lembra daquela foto cômica dela no Templo de Hatshepsut? Às vezes eu esqueço como ela era engraçada.

— Pretzels e mostarda — acrescentou Dan. — Lembra? Ela sempre dizia: Prestem atenção! Tudo conta!

Dan aprecia as pequenas coisas, assim como Grace apreciava, pensou Amy. Ela se lembrava do dia em que eles tinham chegado naquela suíte. De como ele havia percorrido os cômodos, achando legal dizer o nome de cada objeto, como se nunca tivesse visto aquelas coisas antes. *Travesseiros! Bíblia! Roupões! Xampu!*

— As pessoas falam que eu pareço com a Grace — disse Amy. — Mas quem parece com ela é você.

Dan deu de ombros e voltou para o computador. Amy viu que as pontas de suas orelhas estavam vermelhas, um sinal inconfundível de que ela o agradara. Ela podia ter dito *Desculpa* ou *Você tinha razão, eu queria a memória da Grace só para mim.* Mas ela sabia que já havia dito o suficiente.

— Tudo conta — Amy murmurou. Ela olhou para a imagem no cartão de Grace, os reis magos chegando para trazer presentes ao menino Jesus, que parecia muito mais gordo e majestoso que qualquer recém-nascido que Amy já tinha visto.

De repente, palavras e imagens se emaranharam em sua mente.

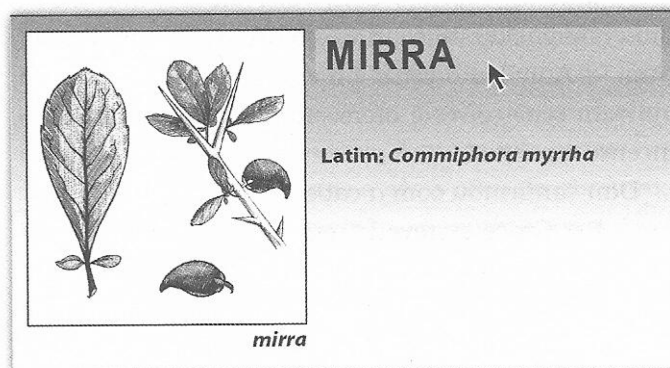
Reis magos. Hatshepsut. Punt.

Mesmo no Império Novo, uma rainha já precisava fazer compras de Natal.

Como se num transe, Amy abriu a gaveta do criado-mudo e tirou a Bíblia que Dan encontrara. Folheou as páginas depressa até chegar a Mateus, capítulo dois, versículo 11.

— Dan? — ela chamou seu irmão com a voz um pouco trêmula. — Procure mirra. M-I-R-R-A — ela soletrou, ficando de pé ao lado dele. Neilie se aproximou.

Dan digitou a palavra no campo de busca. A folha apareceu na tela.



— É esta! — gritou Dan. — Agora explique como você fez isso.

— *Não se esqueçam da arte.* Achamos que ela estava falando do quadro dela, mas depois entendemos que a Grace não deixou aquele quadro como pista. Esquecemos de pensar ao que ela estava se referindo de verdade. — Amy pegou o cartão. — Ela estava falando do próprio cartão.

— Ainda não entendi.

— Tudo tem a ver com Hatshepsut.

— Hatshepsut? — Nellie parecia desnorteada. — Mas ela viveu milhares de anos antes de existir o Natal.

— Hatshepsut foi para a terra de Punt e voltou com mudas de mirra. Grace posou bem na frente daquele relevo. E fez aquela piada no guia, dizendo que uma rainha precisava fazer compras de Natal. Ela estava guiando a gente pra isto. — Amy mostrou o cartão. — Os reis magos. Eles trouxeram...

— Presentes pro menino Jesus — disse Nellie.

Amy pegou a Bíblia.

— Mateus, capítulo dois, versículo 11. Mat 2:11 é uma referência bíblica, não é o preço da gravura. Ouçam. — Amy leu o verso em voz alta. — "Em seguida, abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes; ouro, incenso e mirra."

Dan confirmou com a cabeça:

— E a Grace escreveu "resignação" errado. Ela sabia escrever muito bem, devíamos ter pensado nisso. A gente jogava palavras cruzadas com ela todo fim de semana durante anos. Mirra é uma resina! Meio grama de mirra. Essa é a pista!

Os olhos de Amy brilharam:

— E a Grace acompanhou a gente o caminho inteiro. Ela não nos abandonou, Dan. Vai nos ajudar sempre que precisarmos. E vai ser bem no estilo dela. Não vai ser quando estivermos esperando. Vai ser quando menos esperarmos. Ela não foi embora. Ainda está com a gente.

Dan virou de costas. Mas Amy sabia que era porque os seus olhos estavam marejados. Os dela também estavam cheios de lágrimas. Ela sentiu a mão de Grace apertando seu ombro. Dizendo Bom trabalho, Amy.

Grace tinha voltado para eles e eles nunca mais iam perdê-la.

De repente, ouviram um barulho vindo do cômodo ao lado. Uma batida abafada.

— Isso veio da base secreta — disse Dan em voz baixa.

— Será que a gente deve olhar? — perguntou Amy.

— Talvez seja Alistair — supôs Neilie.

Os três andaram nas pontas dos pés e colocaram as orelhas na porta da base secreta.

— Não estou ouvindo nada — sussurrou Amy.

— Acho que a gente devia conferir — sugeriu Dan.

Ele tirou o guarda-chuva do closet, desparafusou o cabo e o enfiou na fechadura. A maçaneta girou.

Ele abriu um centímetro e pôs o olho na abertura.

— O que você está vendo? — sussurrou Amy.

— Coisas maravilhosas — respondeu Dan. — Jogadas no chão.

Ele empurrou a porta. A base secreta tinha sido violada. Havia mostradores estilhaçados, quadros arremessados, painéis revirados. Eles entraram com cuidado, evitando os cacos de vidro.

As Sakhets tinham sumido, os pedestais estavam vazios.

— Quem pode ter feito isso? — cochichou Amy.

Nellie se agachou para pegar alguma coisa do chão. Um pedaço de tecido preto, provavelmente rasgado pela ponta afiada de um caco de vidro.

Amy olhou para o tecido. Percebeu que a estampa era uma letra que se repetia. M.

O medo apertou seu coração.

— Madrigal — ela sussurrou.



CONTINUA EM:

O CÍRCULO NEGRO